

Gabriel Nascente

A ÓPERA DOS AUSENTES



(Pesadelo epidêmico: poema-reportagem)

a ópera dos ausentes



Hudson Curvo

APENAS GABRIEL NASCENTE

Ao pôr-do-sol do dia 23 de janeiro de 1950, nasceu em Goiânia-GO, Gabriel José Nascente, filho de Antônio Estrela Nascente, marceneiro, e de Antônia Barbosa Nascente, doméstica, ambos de origem rural. O seu grau de escolaridade inclui apenas o Jardim da Infância, Primário, Ginásio industrial, e até o Segundo Ano do Curso de Eletrotécnica, equivalente ao Científico, na época, pela Escola Técnica Federal de Goiás.

Aos 8 anos de idade, perdeu o pai; e, aos 16, publicou o seu primeiro livro de poesias: *Os gatos*. Desde cedo, enveredou-se pelos caminhos da literatura, abraçando a poesia e o jornalismo como opção de sobrevivência. É funcionário público municipal aposentado e militou cerca de 40 anos na imprensa. Aos 28 anos, em João Pessoa, na Paraíba, foi galardoado com o título de "O Embaixador da Poesia Brasileira", outorgado pela Academia Paraibana de Poesia.

Ao longo de sua trajetória poética (55 anos de vida ininterruptamente dedicada à poesia), Gabriel Nascente acumulou, em sua bibliografia, a avultada soma de quase 70

livros publicados, numa incursão literária pelos gêneros da narrativa, ensaio, romance, crônicas, resenhas, antologias, reportagens de cunho artístico e, enfaticamente, poesia.

Na década de 70, esteve em Buenos Aires, na clandestinidade. E, em 1999, na província de Concepción, no Chile, foi publicado o seu livro, em castelhano, *El llanto de la tierra*, numa tradução do poeta Dilermando Rocha, do Centro de Estudos Brasileiros de Buenos Aires.

É detentor dos maiores prêmios literários do Brasil, dentre eles, o da Academia Brasileira de Letras e o "Cruz e Sousa de Literatura", de Santa Catarina. E finalista (2º lugar) do Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, de SP.

Morou em São Paulo, capital, onde trabalhou como "foca" da *Folha de São Paulo*, vendeu poesia na Praça da República, foi revisor da Livraria Martins Editora, e travou amizade com o poeta Menotti Del Picchia, da Academia Brasileira de Letras. Sua poesia já mereceu elogios do Vaticano e de Cuba, sendo traduzida para diversos idiomas, como o espanhol, francês, italiano, inglês, romeno, russo e grego. Sua fortuna crítica está compilada no livro *A ÁRVORE DOS ESCRITOS*, com mais de mil páginas. Escreveu crônicas para o jornal *O Popular*, durante 15 anos, foi editor do Suplemento Literário *Leia*, do jornal *Diário da Manhã*, é membro da Academia Goiana de Letras, e do Conselho Municipal de Cultura.

Atualmente, aos 71 anos, é âncora de eventos culturais do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, onde protagonizou a criação da Pinacoteca des. Camargo Neto e do Espaço Cultural Goiandira do Couto.

Todos os seus livros de poesia foram reeditados, em quatro volumes de mil páginas cada um, sob o título geral de *A GALÁXIA DOS DIAS*. É o kit literário do poeta, num pequeno baú de madeira, artesanalmente confeccionado.

Gabriel Nascente

A ÓPERA DOS AUSENTES

(Pesadelo epidêmico:
poema-reportagem)

(Sala Albert Camus, Goiânia, Tapera Azul de Inhumas, de
março de 2020 a junho de 2021, a artefania desta obra)

Copyright @ 2021 by Gabriel Nascente
Obra da capa: Euripedes Ulisses do Amaral
Diagramação da capa: Hariel Carneiro Zoccoli
Diagramação do livro: Hariel Carneiro Zoccoli
Revisão: Gabriel Nascente

CIO – Brasil – Catalogação na Fonte:

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS

N244o

Nascente, Gabriel.

A ópera dos ausentes : pesadelo epidêmico : poema-reportagem / Gabriel Nascente. – 1. ed. – Goiânia : [s.n.], 2021.

687 p.

ISBN 978-65-994974-6-9

1. Literatura – poesia. 2. Poesia. I. Título.

CDU 82-1

Índice para catálogo sistemático

1. Poesia.....82-1

IMPRESSO NO BRASIL

Printed in Brazil

ESTE poema foi construído
com a iluminação das trevas.
E eu nunca saberei elucidar
a eminência desta catástrofe.
Nem o uivo horripilante das
ambulâncias despedaçando
a inocência das madrugadas.

Eu o fiz acompanhando
o hematoma dos acontecimentos
e a enxurrada das mortes
arrancando pedaços da luz.

Tem piedade, Satã, desta longa miséria!

CHARLES BAUDELAIRE

*Quem tem lágrimas,
prepare-se para derramá-las!*

SHAKESPEARE

O horror me põe fora de mim...

(SÓFOCLES, in Rei Édipo)

*A esperança deve ser posta
em futuros terremotos.*

BERTOLT BRECHT

*O badalar das horas não encurta,
mas prolonga a eternidade.*

(SOREN KIERKEGAARD, filósofo
dinamarquês, 1813-1855)

O mundo parou
no tempo.
As horas fugiram
do relógio.
E não mais se abriu
o cacho de ternuras
na tez dos sorrisos.

Janelas e portas
cimentaram suas trancas
na masmorra de um só
silêncio: o medo.

E as ruas do mundo
se encalharam, defuntas.

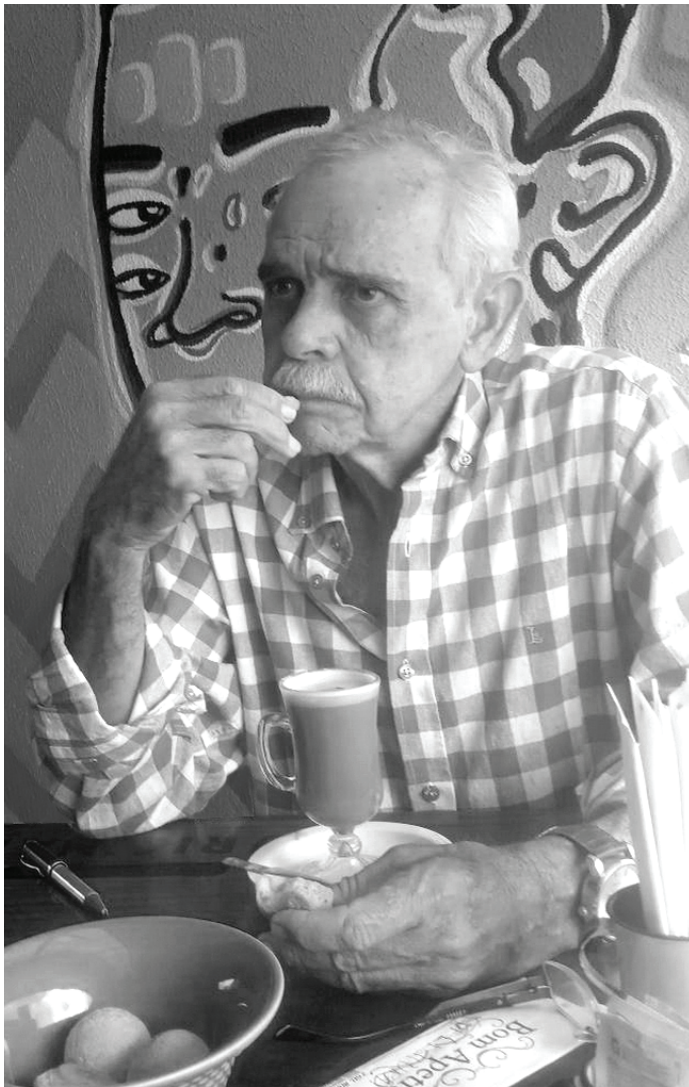
*Despedacei a minha alma
para escrever este livro.*

A ETERNIDADE MENTIU

GABRIEL NASCENTE

*Nós do mundo
aos limites chegamos.*

VICTOR HUGO



(Gabriel Nascente, em missão cultural do TJGO, à Livraria Palavrear. Foto colhida pela bacharela em Museologia, Carla Celene Ribas da Silva, assessora do poeta, na Pinacoteca do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás)

PERFIL BIOGRÁFICO

Gabriel José Nascente

(Goiânia- 1950)

I

Gabriel José Nascente chegou ao mundo pelas portas de púrpura do crepúsculo de 23 de janeiro de 1950. “Após o parto, minha mãe pediu marmelada”, relembra o poeta.

Goiânia, na quadra dos anos 1950, era uma cidade menina, descabelada, aos ventos secos da planície. Uma cidade encolhida na timidez de seus primórdios ludoviquistas, com ruas de chão vermelho e postes de madeira; mas rugia ambiciosa, titubeante, a caminho de seu augusto porvir.

O bairro Popular, com seus sombrios barracões de fundo de quintais, acolhia na estatística dos moradores, beatas rezadeiras, viúvas e beberrões. Foi palco e moradia da infância e da adolescência do pequeno Nascente poeta. E ali mesmo, em meio aos alaridos da estudantada da Escola Técnica, o filho do marceneiro Antônio Estrela Nascente conheceu a

poesia, e saiu para o mundo, com o seu alforje abarrotado de sonhos. Aidenor Aires, companheiro de sala de aulas, já era poeta e vivia declamando Castro Alves, ao seu lado. Daí o acender da centelha poética, nas veias do Biezinho, por namoro à contaminação literária.

A infância do “Bié da 75” ascendeu-se até às alturas do oitavo janeiro, quando a morte repentina do pai, aos 36 anos, abriu-lhe uma vala de escuridão na luz andante de sua vida. “Naquele dia, o céu parou. Deixou de funcionar”, desaba, em um de seus fragmentos memorialísticos.

Fez teatro, foi aplaudido. Fez discurso, foi vaiado. Mas agarrou-se à iluminada mente dos ícones universais da poesia, e veio singrando os nevoeiros da travessia, até aportar-se nos cantares destas ladeiras dos setenta e um anos.

II

Gabriel Nascente fez o Jardim da Infância e o Primário no Instituto Araguaia. E concluiu o Ginásio Industrial pela antiga Escola Técnica Federal de Goiânia, onde cursou também

Eletrotécnica, equivalente ao Científico. Aos 16 anos publicou o seu primeiro livro de poesia, **Os gatos**.

Há cinquenta e cinco anos Gabriel Nascente se dedica (ininterruptamente à sobrevivência da poesia). E é hoje detentor dos maiores prêmios literários do Brasil, dentre eles, o da Academia Brasileira de Letras e o “Cruz e Sousa de Literatura”, de Santa Catarina. E ainda Finalista (2º lugar) do Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, de SP.

Aos 28 anos recebeu, em João Pessoa-PB, o honroso título de “O Embaixador da Poesia Brasileira”, outorgado pela Academia Paraibana de Poesia.

A sua fortuna crítica foi reunida em mais de mil páginas, no livro **A árvore dos escritos**, 2ª edição. Recebeu elogios do Vaticano e de Cuba, sendo sua poesia traduzida para diversos idiomas: espanhol, francês, inglês, romeno, russo, grego, italiano. Aos 16 anos de idade, sozinho, embarcou-se para o Rio de Janeiro, onde fez a apresentação de seu livro, **Os gatos**, ao poeta e editor da Civilização Brasileira, Moacyr Félix.

Viu, durante um café, numa confeitaria de Copacabana, o poeta Manoel Bandeira. E esteve pessoalmente com o poeta Carlos Drummond de Andrade, durante a tradicional reunião “sabadal”, no apartamento de Plínio Doyle. Ao ensejo daquele encontro, Drummond escreveu, de improviso, um poemeto ao poeta Gabriel Nascente. Como jornalista, desde a juventude, entrevistou as maiores celebridades culturais, artísticas e literárias do final do século XX, do país. Fugiu, na clandestinidade, para Buenos Aires, durante os dias de fogo da ditadura militar. Conheceu pessoalmente o líder-fundador do Partido Comunista do Brasil, Luís Carlos Prestes, com quem havia agendado uma entrevista, no apartamento de Oscar Niemeyer, no RJ. Trabalhou como “foca”, no jornal **Folha de São Paulo**, na Barão de Limeira, SP, onde morou e foi amigo de Menotti Del Picchia, da Academia Brasileira de Letras.

Escreveu e editou mais de sessenta livros, incursionando-se pelos gêneros do ensaio, da ficção, reportagens, narrativas, crônicas e poesia.

Publicou em Concepción, no Chile, o livro **El llanto de la tierra**, 1999, em tradução para o castelhano pelo poeta Dilermando Rocha, do Centro de Estudos Brasileiros, de Buenos Aires, 1975.

Tem extensa participação em jornais, revistas, antologias brasileiras e estrangeiras. É reconhecido internacionalmente pela crítica. Foi editor de diversas revistas e jornais de Goiânia, destacando-se principalmente como âncora editorial do Suplemento Literário (LEIA), do jornal **Diário da Manhã**. É membro da Academia Goiana de Letras, ocupante da cadeira de nº 40. E escreveu crônicas para o jornal **O Popular**, de Goiânia, durante mais de 15 anos.

Seu nome é citado em verbetes em diversos dicionários e enciclopédias da literatura brasileira.

Em setembro de 2014, recebeu o Prêmio Nacional de poesia da Academia Brasileira de letras, pelo seu livro **A biografia da cinza**, Ed. Kelps, 2013.

E acaba de lançar o seu mais alto e ambicioso projeto literário: a reunião

poética de toda sua obra no livro-plural **Galáxia dos dias**, em quatro volumes, com mais de mil páginas cada um.

Participou de rodadas boêmias com o **poetinha** Vinícius de Moraes, e entrevistou Érico Veríssimo, Pedro Nava, Ferreira Gullart, Jorge Amado, Francisco Cândido Xavier, Moacyr Félix, José J. Veiga, Bernardo Élis (o único goiano a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras), Gilberto Mendonça Teles, dentre tantos outros, reunidos no livro **Sentinelas do efêmero**, publicado pela Ed. Ediouro, RJ, 1992. É inimigo assombroso da internet, que, para ele, é a *infernet*. Escreve à mão, de pé e andando. E não arreda os dedos de sua velha máquina de escrever portátil.

Em 2010, foi levado pelas mãos do então presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, desembargador Paulo Teles, para assumir a função de âncora de eventos culturais da presidência do Judiciário goiano. De sua permanência no cargo, até aos dias atuais, resultou, dentre outros feitos, na compilação dos discursos de posse de desembargadores, reunidos, através de pesquisa, no livro

A Tribuna dos magistrados; a criação do Espaço Cultural Goiandira do Couto, e a inauguração da Pinacoteca “Desembargador Camargo Neto”, sob as bênçãos culturais do desembargador Luiz Cláudio Veiga Braga e do acadêmico, poeta e desembargador Itaney Francisco Campos, durante a gestão administrativa do então presidente do TJGO, desembargador Leobino Valente Chaves. Trabalho que se estendeu até a abertura da Galeria de Artes do TJGO.

E mantém, há anos, um cordial e fraterno relacionamento com alguns dos imortais da Academia Brasileira de Letras, dentre eles, Arnaldo Niskier, Carlos Nejar, Antônio Carlos Secchin, Nélida Piñon, Cícero Sandroni, Evanildo Bechara, Domício Proença Filho, Maria Clara Machado e José Sarney.

A CERIMÔNIA DAS TREVAS

Gabriel Nascente

Não creias, ó alma minha, na
vida eterna: esgota cá embaixo
o campo do possível.

(*Terceira Pítica*, de
PÍNDARO, poeta grego)

I

EU SOU a labareda de um sonho,
viajando pelo tempo. Sina de fado, no
plectro da alma, desde eu não existido.
Mal comportado e atrevido, canto: os
gemidos da geração enferma (Covid-19) e
a elegia à esperança despedaçada. Porque
no eterno deste agora o ontem ainda
não morreu.

Talvez somente pela invenção
deste novo gênero literário – o poema-
reportagem, proposto por mim, para
construir **A ópera dos ausentes** –, me foi
possível alargar a amplitude da linguagem,
pela qual eu viesse a narrar a tragédia
universal da COVID-19, sob o impacto
das mais dolorosas emoções e sofrimentos,
causados pelo assombroso vírus.

Assim o fiz: “Da mão de César e da
mente de Platão, / do coração de Cristo e

do estilo de Shakespeare.”, agarrando o cotidiano pelas orelhas e arremessando-o à estrutura temática do poema. Ora barroco, neoclássico; ora teatral, impressionista, cru; ora impactante, hiperbólico; ora romântico e choroso, nostálgico e sonhador – simplesmente para dizer que este longo comboio de palavras não é necessariamente um concerto de lamentações; mas o testemunho corporal, e vivíssimo, de uma geração que foi tragicamente devorada pelos massacres letais do pesadelo epidêmico, que enlouqueceram a humanidade e o mundo.

A questão central do poema foi trazer para dentro do texto as sombrias impressões de uma realidade (cruelmente mortífera), que roubou a vida de milhares de seres humanos surpreendidos pela visita inesperada do Novo Coronavírus. E não o fez por desobriga de ninguém. Foi de inopino. Arrastado pelas correntes do choque. Do contrário, estaria mastigando a solidão das paredes. Ou uivando como um louco entre as grades de um hospício.

Se a poesia “é a segunda infância do homem”, enquanto durar no espírito

a conjunção do real com o divino, optei-me por trabalhar tão somente motivado pela inspiração intuitiva, subsidiando o dramático conteúdo com a triste evolução da estatística necrológica, do dia a dia, cada vez mais assustadora, devido a portentosa desgraça do inimigo letífero.

O que emana-se da poesia – aprendi – é a luz que a tudo transpõe. “E a luz encontra a luz”, assevera Plotino. A seu lado (e por ela) eu vim reconstruindo a estrela da amanhã, em meio a tão alarmante cataclismo pandêmico. E se navegam por minhas veias ecos seculares do Renascimento, do Barroco, do Gótico, do Impressionismo, do Simbolismo, do Romantismo e do Surrealismo, não fazem diferença, porque “todas as coisas imortais estão em Cronos, cujo nome é Plenitude. (...) Cada intelecto, cada deus e cada alma”.

Meu coração pregado ao coração das palavras é como se todos os rios viessem beber a água da vida nos veios subterrâneos da minha poesia, este sublime segredo que não explicamos, mas que o urso cego de Buenos Aires o considera como um “brusco dom do espírito”.

II

QUE FREADA! Não sobrou um só ciscacalho que não tenha sofrido o desastroso impacto da Covid-19, dilacerando até as vísceras do incognoscível. Desdita universal do século XXI, jamais semelhável às grandes outras catástrofes epidemológicas sofridas pelo ser humano, desde os mais obscuros primórdios de sua chegada ao divino solo terrestre.

Este é o capítulo sociológico mais triste de toda a história da humanidade, escrito pelo hediondo vírus: o micróbio fantasmal da morte.

O céu perdeu o chão. E dificilmente irrigará a semente das ilusões para a reconstrução de uma nova humanidade. Quer queira quer não, será do agora que renascemos para o novo; embora nos pareça estranha a ideia de que “o delírio que provém dos deuses será mais nobre que a sabedoria dos homens” – o que nos faz entender que este terrível flagelo do Novo Coronavírus não é um empuxão da iracúndia divina; mas sim, obra da super-arrogância dos homens de

laboratórios, semelhantes aos pedreiros da Torre de Babel, disputando poderes de força com o criador do Universo.

Até quando, ó assombrosa indústria de cadáveres, nos manterá prisioneiros das insídias assassinas de teus caprichos?

III

ISSO TUDO é tão perplexo, aterrador. E por mais estranho que pareça, este aluvião de horrores nos trouxe a gélida sensação de estarmos vivendo, por antecipação involuntária, a monstruosidade de uma guerra química. Para não dizer: a Terceira Guerra Mundial já está no ar.

A diferença é que, por enquanto, a guerra que travamos, é de caráter globalmente virológico, onde o Novo Coronavírus é o protagonista da maldição.

A humanidade ficou doente, e a terra, exausta, começou a devolver seus cadáveres, por falta de espaços debaixo do chão das necrópoles.

Se carnificina não for (massacre, praga, ou genocídio), por que então esta estupidificada sucessão de féretros sem fim?

IV

A luz chorando nos olhos da geração enferma é o que vejo agora pela objetiva da minha alma. A literatura não precisa mais de ficção para engrossar seu repertório com absurdas tramas de surrealismo. Ela, a realidade, é a própria ficção; e nos confina ao enclaustramento deste suplício.

V

Segurei-me, aos extremos, para não resvalar-me pelo desabafo de uma asneira fantasiosa, e dizer, apocalipticamente, que toda esta desgraceira do Novo Coronavírus é a visita do Anjo do Abismo. E, para quem não sabe, o cidadão aí, da família luciférica do tenebroso Hades, é um dos personagens da alegoria bíblica do Apocalipse, de João, o Apóstolo. Desta feita, veio, para lembrar a humanidade que “próximo está o tempo”.

Mas que tempo? O que significa isso? Que os tempos da humanidade, neste planeta azul de Gagarin, já estão sendo arrastados para o fragoroso vórtice de seus dias finais?

Ademais, eu não tenho poderes cognitivos, nem religiosos, nem científicos, para acreditar (ou mesmo desacreditar) na sapiência profética desta previsão escatológica de João. Melhor, então, é não ver, para crer. Pois qualquer que seja o significado da desastrosa Covid-19, dentro da humanidade, a verdade é uma só: o vírus nos ensinou o quanto somos frágeis e insignificantes na brevidade de nossas vidas. Conquanto, hóspedes somente do efêmero, na ilusão transitória da matéria.

E o que pensarmos, precisamente agora, sobre o nebuloso momento dessas nossas aflitivas incertezas? Se a execrável petulância política das autoridades que governam o país (bêbadas de vaidades egocêntricas), estão a se nocautear debaixo do clarão dos holofotes, da mídia internacional, a ver quem sobe primeiro ao pódio

da consagração, e coroar-se como um Deus político Onipotente?

Enquanto nós, os sobreviventes da hecatombe infectológica, estamos à espera de uma mísera fagulha de esperança?

“A sorte atira ao vento ou joga no túmulo aquela serragem inconsequente, homens e mulheres, velhos e crianças, que os vermes em breve vão desfrutar”.

Na concepção filosófica do peruano Manuel Scorza, autor de **Bom Dia Para os Defuntos**, o homem não passa de “uma metáfora temporariamente vestida de carne”.

VI

PARA evitar um súbito colapso de tédio intelectual, em meio ao pandemônio da pandemia, arvorei-me à dura missão de testemunhar, pelos punhos da expressão poética, o horripilante espetáculo do mundo fechando suas portas para se autoprotoger do massacre do Novo

Coronavírus; levando milhões de famílias ao recolhimento de seus ergástulos domésticos, durante intermináveis quarentenas, onde um administra o medo do outro.

O que era para ser apenas um registro literário de circunstâncias, alusivo ao gigantesco trauma da contaminação, enveredou-se, nervoso, pelos desafios da criação, consumindo toneladas de minutos e de horas atrás de horas, dias após dias, semanas e meses adentrando o clarear das madrugadas, e eu escrevendo, escrevendo, sob as lufadas intuitivas da inspiração. Ao que, no decurso, enxurros exagerados de imagens e de metáforas, iam surgindo ao impacto incontável dos acontecimentos, flagrando a estúpida movimentação de tristezas e de gentes carregando caixões em carrocerias de caminhões, por causa das superlotações do transporte funerário.

Assim, deste modo, eu vim costurando, ponto a ponto, palavra à palavra, os tecidos deste soturno memorial que, ao cabo, tenta-se ser, no

mínimo, uma fatia histórica deste tempo desastrado pela pandemia, dizimadora de sonhos e de vidas. E a mão que escreveu **A ópera dos ausentes** é a mão de um repórter, terrivelmente descontrolada pela explosão da tragédia bacteriológica, aos estertores do “salve-se quem puder!”

Trabalhei duro, assim como um Hefesto malhando a bigorna com a sua marreta de ferreiro. Artesania literária que se avultou para mais de trezentos dias, ao meu velho estilo manual, de caneta em punho, de andanças e de rabiscos, numa labuta corporal entre eu e a máquina de escrever. Para depois reportar, pela poesia, a monstruosa propagação desta avalanche de sinistros, decorrentes da Covid-19; sob o doloroso fardo do obituário internacional.

VII

A infâmia mortífera deste vírus nos transformou em “fragmentos de pessoas”. E a esta terrível doença junta-se outra de impacto intelectual mais avassalador: a internet, que congelou o diálogo humano no abismo das Redes Sociais, de forma tão fanática,

obsessiva e medíocre, que ninguém mais conversa com ninguém, muito menos utilizam telefones, preferem a prática *infernética* do Whatsapp, em substituição à linguagem falada. Odioso método tecnológico de comunicação o qual, paradoxalmente, uso, na marra, porque não há outra opção.

Numa metáfora digna de Lautréámmont, é a geração das anacondas engolindo elefantes. Num mundo em que os homens não terão mais mecanismos psíquicos para exercerem suas próprias faculdades intelectivas.

O ano de 2020 foi defunteiro, draconiano, atípico, atroz, catastrófico e sorumbático. Pois o monstro da sucurí Covid-19, parido pelas entranhas da portentosa China, transformou a Terra num gigantesco hotel de doentes, ou, se quiserem, num teatro do Apocalipse.

Então perguntem aos estudantes universitários de hoje se, dentre eles, existe alguém que sabe o que é um telegrama?

VIII

Li, pela quarta ou quinta vez, o texto bíblico do Apocalipse, a ver se encontrava alguma conexão, de caráter escatológico, com a tragédia da Covid-19, na humanidade. De autoria atribuída ao apóstolo João, não saberia dizer até que ponto aquela fantasmagoria religiosa teria inspiração sapiencial, ou se seria fruto de uma mente poderosamente dramatúrgica, sobretudo pela absurdez de sua simbologia, no âmbito da legislação divina. A incursão, no entanto, resultou de balde: nada encontrei.

Difícilmente algum biblicista, ou até mesmo alguma autoridade teologal, daria conta de desvendar, à luz de uma interpretação bíblicamente mais convincente; e, portanto, lógica, todo o segredo que se encerra no enigmático hermetismo (místico-ficcional) de o Apocalipse. A começar pela fixação do número sete: 7 selos, 7 igrejas, 7 trombetas, 7 anjos, 7 castiçais de ouro, 7 estrelas, 7 lâmpadas de fogo, além dos 7 espíritos de Deus. Depois vem a presença dos cavalos brancos, vermelhos, pretos e amarelos. E ainda vinte e quatro anciões

compõem a alegoria, o Dragão e o Santo Cordeiro. Sem mencionar, claro, as 7 pragas da ira de Deus. E a paixão do Cordeiro em escolher a cidade Santa de Jerusalém, como sua esposa. Enquanto a grande prostituta do provectoro mundo, à época, era a Babilônia.

Necessário seria então; e, no mínimo, buscar ajuda à ciência esotérica da Cabala, através – quem sabe – de suas decifrações numerológicas, fetiches e misticismos, para assimilarmos o porque deste mistério.

Sinopticamente falando, o que se sabe, pela redação do Apocalipse, dentre outras diabruras de suas extravagâncias de imagens sobrenaturais (fantasmagóricas), é que as Sete Pragas da Ira de Deus fulminaram a sórdida Babilônia. E, por fim, “próximo está o tempo.”

Mas que tempo?

E por outro viés, a lendária figura daquele Simão, o Mago, contemporâneo das pregações de Jesus Cristo, e que disputava as prerrogativas de liderança

religiosa com Ele, o rabi da Galiléia, nos desse algum de seus aforismos, explicando o sentido apocalíptico da expressão “Eu sou o Alfa e o Omêga, o princípio e o fim.”

E se a Bíblia, como supremo conteúdo da sabedoria sapiencial, foi mesmo ditada pela infinita gnose de Deus? Ou será fruto da prodigiosa imaginação dos poetas e dos sacerdotes que escreveram as Escrituras Sagradas?

IX

As vidas ceifadas pela Covid. Infinitamente ceifadas. Vamos. É a cerimônia das trevas narrando a ferida universal do tempo. E sinistramente falando, nas proporções de uma Terceira Guerra Mundial, o arsenal mortífero desta conflagração é o mais terrível de todos, porque latente, ninguém vê: infecção de efeito biológico devastador. Ou químico?

Para entender a invasão desse demônio, no orbe existencial dos homens, procurei a Verdade e a Justiça, no reino das Ideias Eternas, e nada entendi. Este texto,

no entanto, para escrevê-lo, eu mergulhei numa insônia de fogo com as palavras, trabalhando o tema aberto em três pontas: o narrativo, o intuitivo e o descritivo. E desenhando a evolução dos fatos, segundo a correnteza de seus traumas. Uma tarefa de dor, nas carnes e no espírito, como se eu estivesse construindo cemitérios nas profundezas do meu pranto. E cada lágrima fosse um caixão procurando covas no colo da terra.

Entre as sílabas de cada palavra, verso por verso, eu vinha chorando, fustigado pela derrota das almas. E assim me expondo, pela emoção me escalavrando por dentro, via-me psicologicamente afetado pela teoria dos delírios, inventada por Platão, nos diálogos de Fedro, com uma rara sensação de divindade pulsando nas artérias. E indo cada vez mais adiante, sob os empuxos da paixão.

Mas o céu não colabora.

X

Não possuo *insight* para, de súbito, interpretar a escabrosidade

do Novo Coronavírus. Mas, de olho aceso, grugunzo. E quando sinto que é real a existência do vírus carníفة, me dá suadeiras, eu me estremeço.

Anoiteço e não durmo. As ideias me alfinetando. O horror das multidões em agonias nas UTIs. A contaminação. O medo. A calamidade. A doença do contágio. A infecção viral. E eu escrevendo, escrevendo, escrevendo, inutilmente de balde, das obscuridades da minha misantropia. E chovendo versos como se isto fosse a iluminação de algum deus, para amenizar a globalização desta enfermidade bacteriológica (ou química, nuclear, ninguém sabe) de origem asiática.

O silêncio das manhãs de domingos era branco, agora lúgubre, cor de caixão. Essas coisas todas me transformam num louco atirando pedras na tempestade. Quem sou eu, nas vestes deste meu mínimo existir?

É fato, eu sei: para ontem não voltarei. É a névoa dos enigmas, chão de fantasmas e poço de perguntas.

Inclusive “o viajante do tempo, que trouxe do futuro, uma flor murcha”. E ninguém disse nada. Porque o tempo é uma matéria inapreensível, está no ar, no pulso, ubíquo, abstrato, impalpável, cuja direção desconhecemos. Algo que se desintegra dele mesmo, para ser de novo, ele próprio, o tempo.

E vindo-me pela via da mútua solidariedade, não estive sozinho na fogueira de suores desta empreita. Muitas outras mãos, amigas, vieram comigo, trabalhando a massa desta epopéica construção literária. Se assim me for permitido chamá-la.

E cada uma delas com uma missão. Na digitação, a estudante universitária de Museologia, Carla Celene Ribas da Silva, minha assessora, coadjuvada pelo museólogo Benedito José Ferreira, também meu assessor. Revisão e digitação complementar do *designer* gráfico Hariel Carneiro Zoccoli, timoneiro responsável pelo projeto gráfico inclusive da capa e diagramação da obra; o escritor e multilíngue Adovaldo Fernandes Sampaio, meu oráculo para consultorias literárias, e

ainda a colaboração logística do impressor Alessandro Miguel Silva, diretor da Divisão de Impressão Digital do TJGO. E em particular, vai para o pedestal destas homenagens, Maria D’Lourdes Silveira, minha enfática e perseverante companheira, há mais de 40 anos, comigo. Destemida e audaz, tem a energia de uma máquina de guerra; e partilha o gosto amargo das agruras e a doçura das euforias do espírito, resistente sobretudo às trovoadas da convivência a dois.

Solícitos e tolerantes, a bordo deste projeto-sonho, ao longo da peleja, a estes prestimosos coadjuvantes, tributo, aqui, a minha inextinguível gratidão.

E que seja **A ópera dos ausentes**, não um cenotáfio de ouro, mas de prantos, refulgindo eternamente as suas homenagens fúnebres, às almas daqueles que despovoaram este mundo, vítimas da calamidade epidêmica.

Ou a chama aberta de um coração dessangrado pedindo socorro aos suspiros da esperança. E pronto, fortemente pronto, para reencontrar a humanidade, e abraçá-la, com um infinito gesto de ternura, acalentado pelo beijo universal de todas as estrelas.

(Sala Albert Camus, Goiânia, 23 de Março de 2021)

CAMISA NOVA

Ladra, coração, ladra.

A nuvem de Maiakóvski veste
máscara contra a Covid.

O Rio de Janeiro é uma
pandemia de tiros.

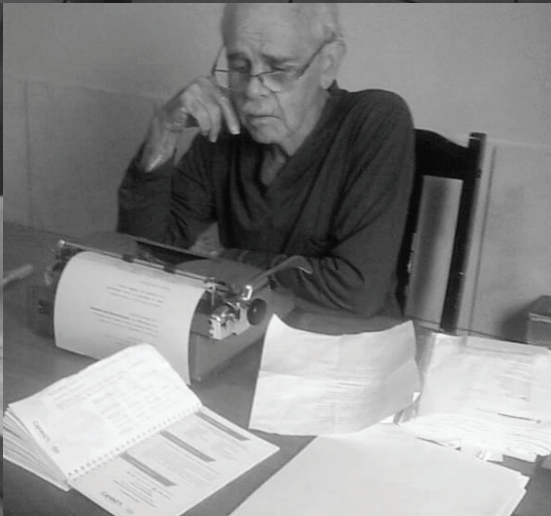
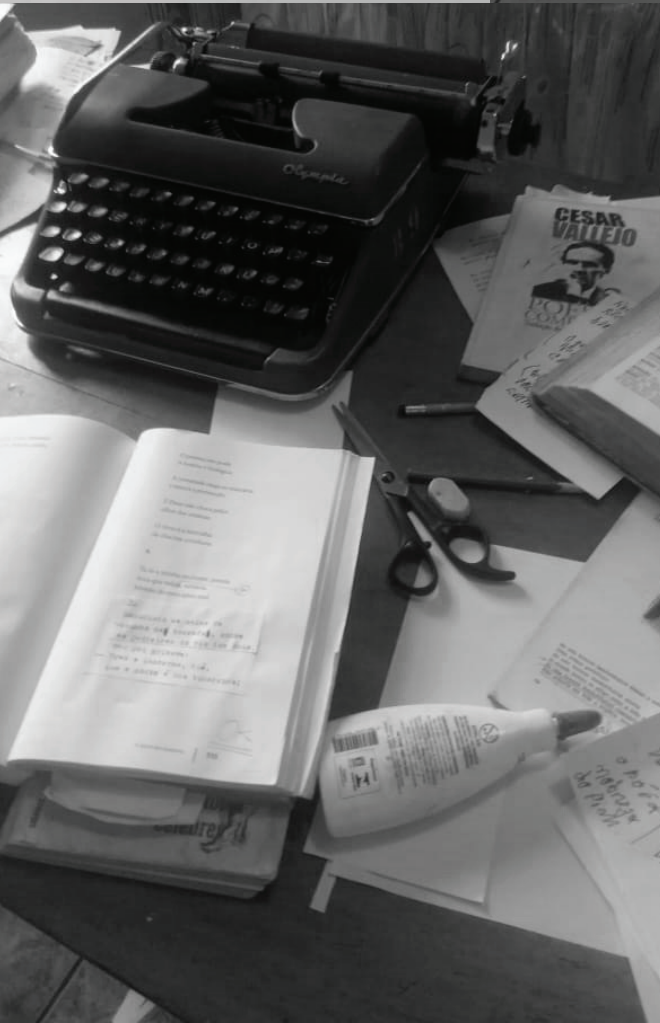
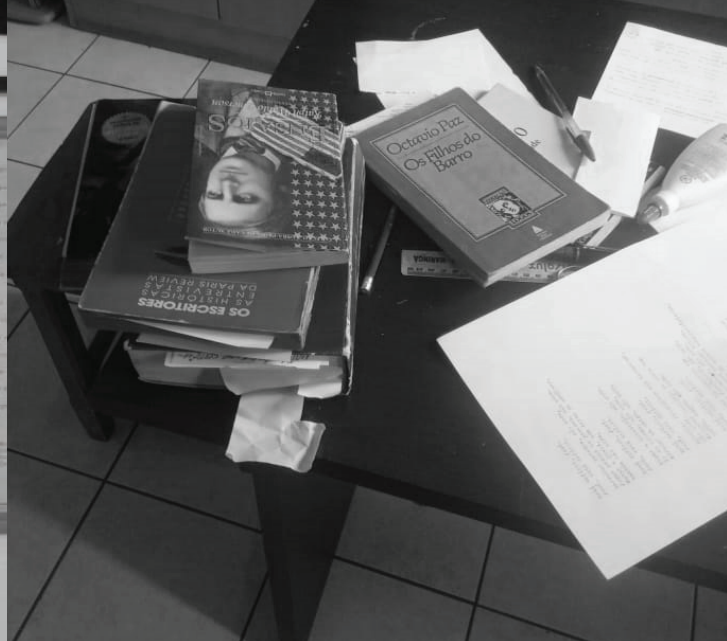
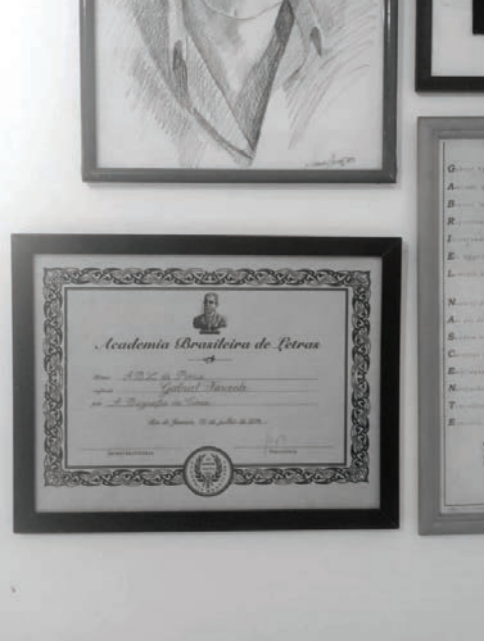
E o Brasil, uma pandemia
de feminicídios, e de
cancros políticos.

Bibliotecas, cinemas, praias,
pousadas marítimas e hidrotermais,
campos de futebol, cidades turísticas,
patrimônios históricos, igrejas,
universidades, feiras, conclaves,
galerias, teatros e autódromos -
retornai, por favor!

ao frêmito universal de seus eventos,
reacendendo o alvoroço labial
de novas alegrias,
para trazermos de volta a cachaça dos
deuses, e a Utopia daquilo que amamos
nos rios de deleite de nossas almas.

Respira, Esperança, respira!

Queremos viver. E vamos viver
além dos nossos sonhos.



LIVRO I

**O LAMENTO
DAS SIRENES**

“Dá-te a mim, porque te amo”, ó luz!

Se o anjo cair, a minha alma cai.

*Eu vim para depor.
E este é o epos do
cântaro esmagado,*

*epitomar de uma
travessia cadaverosa,*

*luto de rubras papoulas
entre seringas e mortes*

*do CORONAVÍRUS
e seu préstito de lágrimas.*

Aqui começa o
poema da infecção.

Murmúrios de
trevas insepultas.

Memorial da
Covid-19.

Desolação e gólgota
de horrores.

Enquanto o pão está vivo
e a água é pulcra.

Precisamos dizer:
vamos voltar,
vamos voltar.

TUDO narrar não posso.
Mas contarei, em sílabas
de pranto (e sem rebuço),
as feridas do terremoto,
os destroços do infortúnio,
palmo a palmo,
entre salvos e mortos.

De jeito clínico?
Não. Não sei curar, o meu
ofício é faca de falar.

Derramamentos de sangue não
houve. Disto falo: guerra de
inimigos que comeram o ar.

O aquilhão do século, desastroso,
levou a pique (supresso) o
comboio de sonhos da humanidade.

Precisei do mistério do alcatraz
para alar-me de voos narrativos

(e ser-me monte Atlas,
ou plinto de aço imune
à pandêmica epidemia.)

Fardos monstros de defuntos
se amontovam à espera de
esquifes e de cavas funerárias.

E houve suadeiras de fadigas
na sociedade dos coveiros.

Ai de mim, que não me valho
das bruxas de Macbeth, para
içar-me às tréguas do
caos iminente.

Luz divina, que tumulto é este?

Em tempos de pandemia
só uma coisa acontece:

a sábia estupidez
troca de roupa.

Amanheço martelando os meus dedos
na solidão mecânica das letras,
e detonando perguntas
aos dicionários farmacológicos.

Grasna na dispensa
a máquina de lavar roupas:
quem me leva! quem me leva!

Dei uma volta sob
o lívido véu do amanhecer,
e vi um túmulo balouçando
no ar. E era monótono, insuportável
aquela coisa me lembrando portas
de hospitais / em domingos de
Coronavírus.

A ver o céu de maio, não pude,
contristei-me, abafado, rogando
o fim daquelas plúmbeas nuvens
queimadas (do céu ausente do céu),
me destruindo intensamente, naquele
céu de maio sem céu, que o tempo
não absolve.

Povo é barracão de
aluguel atrasado.
Povo é tampa de panelas
vazias.
Povo é fila de enfermos,
e lágrimas de desemprego.
Cabos de vassouras e tanques
de lavar roupas.
Povo é quadrilha de meninos
vendendo drogas nas esquinas.
Povo é morte pelo fogo
de chumbo dos fuzis.

Povo são pernas de cidades
se movendo, de sol a sol, e
comendo fumaças pelo pão,
pela justiça: sustento bendito
do arroz no prato do dia.

Povo é dívida de armazém,
pinga de balcão, brigas:
a prestação está vencida.

Se presta, se não presta –
vai às urnas: é escravo do voto.

Povo é soma de defuntos
tombados pela Covid-19,
sem direito à lápides,
ou velas de velórios,
exéquias de prantos.

Povo morto é
prândio de vermes.

Os políticos compram helicópteros
com dinheiro roubado.

Que seja este poema o sudário
dos oprimidos, ou o hino nacional
dos afogados em busca de ar.

Ou a ferida pública
do sofrimento.

Que verdade é esta predita
pelo astrólogo das Centúrias?
Estouro de usinas nucleares,
ou vômito de
células contaminadas
pelo vírus escatológico?

Tempestade de bactérias à vista,
gritou um solidário infectologista
das tórridas aldeias d'África.

E soaram-se todas as sirenes
do lamento universal doloroso.

Os maus espíritos emigraram-se
todos dos micróbios da China.

Brados de perigo.
Tenhamos audácia, homens!
E rezaremos a missa dos réquiens.

A doença não tem fronteiras,
é desgraça que se grassa
por povos e governos sem raças,
de quebra paus, badernas e greves.

A petulância da Covid
faz o extermínio:
subimos a montanha necrológica de
seus milhões de mortos, como se a

vida fosse apenas um arranhão de
alfintes.

O ar da vida é enforcado.

Destinos humanos perdem a sorte.

O céu é a fundura do vazio.

E Deus não entra nisto:
compras superfaturadas de
ventiladores pulmonares.

A pandemia dos ladrões invade
hospitais e cemitérios, transformando
tripas de defuntos em iates de ouro.

E eis que se fez nua
a chaga do pesadelo,

fatídica, inoculou-se
pelos brônquios,

atacando as criptas
respiratórias,

e carcomendo
os bofes.

E se fez tensa (intensa)
a tropa de anjos
da medicina.

Veio a treva e esburacou
os destinos da humanidade.

Galo-trompa do meio dia
cocorica épico a desoras.
Assim meu príncipe
me atroa, triste.
E alonga teu canto
às buzinas do mundo.

O vazio escarva meu peito
com as espadas do pranto.

Água de sal desce
dos meus olhos.

O que faço de mim é viver.
Sobreviver. Minha profissão
é consertar emoções
dentro da alma.

Eu, lampejar de lágrimas,
da estupefação
deste espetáculo,

da Covid
quebrando o mundo,
aos brados do meio dia.

É crucificadamente longo
o tempo deste flagício
de Coronavírus.
Melhor afrouxar o nó
do odre de Ulisses,
e ouvir o rugir dos ventos
em nossos socorros –
deste pandemônio de impurezas
que devoram os pulmões da luz.

Sigo tormentos acima.
Às vezes ímpio, estupefacto.
Pois o peso da morte nos afunda
no fosso psicológico do medo.

E a palavra, meus poetas,
não armazena prantos.
Ela dá o de comer às
almas confinadas ao
tubo das aflições.

A batida das horas
não encurta o tempo.
É o tlec-tlec da eternidade
comendo a vida, gota a gota.

Culpa de quem?

Das sementes
do sinistro?

Nanja. Nunca. *Tohu ve-bohu*: Caos.

A calamidade embarcou-se clandestina
em aviões de luxo. Viajou de 1ª Classe.
Bebeu uísque. Dormitou. E...

o todo vampiroso Coronavírus
abrasileirou-se, cafajeste e letífero,
espalhando o seu caudal de mortes
pelas selvas indígenas do Amazonas.

Sucedem que o mundo não
será mais o mesmo.

Tenho medo.

O sonho deu errado.

Chegamos ao topo
do obscurantismo.

Morreu? Morreu.
Então joga fora,
no lixo.

Excesso de palavras não
escreve a solidão do poema.

Vem do espaço impensado
o fogo desta química.

Fagulha de Apolo acende
catedrais no meu sangue.

Proibidos de viver.
Proibidos de viver.
Proibidos de viver.

Estamos?

Que seja piedoso este
porre de sofrimento!

Algodão empapado de pranto
não desinfeta desespero
inspiratório.

A travessia está eivada pelo
vírus que flagela
o mundo,
num teatro surreal.

O mal é crônico,
e se alastra mortificante,

arrastando multições para
as tenebras da morte.

A primeira vintena do
arrogante século 21,
adoeceu às pressas.

A terra sofreu
surto traumáticos,
com a eclosão dos
infectados.

Ó realidade abnóxia de doer
batendo pregos em caixões!

É o que entra no poema:

comboio fúnebre da
geração destroçada.

Ai que beberei do
pranto de teu violão
nas nuvens, poeta.
Tu que derramaste pelos
lábios de cristal da poesia,
as espumas de teu lirismo.
Bebendo e cantando (libando)
a alma ébria dos copos.

Das noitadas de teu uísque
medimos o cansaço das estrelas.

Vinícius,
tu foste traído
pelas musas
do copo.

E agora és rútilo
de nuvens, entre os carvões
da noite eterna.

Falta-me a
genetriz da luz.

Um a um nos tornamos
assombrações de nós mesmos.

Vespas emissoras
da geena maldita.

Prontuários de mortes
no ar: e cruzes na terra.

A Covid traz de volta
os cascos do Apocalipse.

Eu me benzo com as
as velas do oratório.

E a cada toque de mãos
nos sobrolhos, maçanetas,
narinas, chaves ou sacolas,
um susto
salta.

Ai de nós, Covid!
Era uma vez...

Ó vidas que chegam em cadeiras de rodas
e voltam em sacos de plástico!

Ó quebradeiras de aviltantes prejuízos
no fluxo dos negócios!

Os camelôs incitam seus rivais à
discórdia, na disputa por fregueses
de rua. (A ira se esbraseia
em cólera pública). A polícia
aparece.

A guerra pelo feijão.

A guerra pela vida.

A guerra pelo sonho.

Proibidos, estamos???

Perquiro fundo as
gnoses do meu espírito,
a fim de uma luz,
para seguir o rumo.

O caos amamenta o medo.

Nada vejo, ó pobreza
de intelecto!

O sofrimento desenha
escuridões
na minha mente.

Depois
do coice da Covid-19,
a humanidade terá que
se equilibrar
sobre um fio
de navalha?

Os políticos seguem
masturbando suas ideias
ao brilho dos holofotes.

Não salvam vidas.
Ratazanas de gravata que
comem o dinheiro do povo.

Atenção, não dêem ouvidos à
verborréia desses pústulas.

A doença chinesa
empalamos o ar.

E, à deriva, buscamos
uma gota de céu.

Desabafos de operários, ouvi:

– É, companheiro...

está mais fácil acreditar
no fim do mundo do que
no fim

desta porcaria do Novo Coronavírus.

– Além do que – estalou outra voz –,
não precisamos mais de carnaval para
usarmos máscaras. Nossas caras fantasiadas
de Zorro diz tudo. O perigo somos nós,
multidão de moscas transmissíveis,
zanzando por aí, aglomerados uns
aos outros, na mira da infecção.

Segui adiante. O sol, cadê o sol?

Hummm... que fedor

de remorsos
aí debaixo dos tapetes!

Como todos sabem,
eu sou da raça dos descritos.
E tudo que faço é mentira, porque
sou cúmplice de mim mesmo.

Mas acredito (creio)
na inocência da luz.
Tanto e quanto que por ela
eu fabrico pássaros com
significado de palavras.

O meu existir
é trinar de pardal.
E o que vôo, vou:
a alma ronca
e o horizonte me leva.

Desespero, desespero, desespero, eis-me
de volta à portas de tua loucura.

O demônio troça de nós, a mercê
de falta de compaixões –

visto que os habitantes do
alto firmamento, não são cúmplices
(ou são?) desta imagem desoladora.

Contêiners de cadáveres são
despejados aos covões coletivos da
da terra esburacada, em fendas de crateras.

O demônio atroa suas
gargalhadas de escárnios.

O demônio em seu
trono de sadismo.

O demônio e o remédio
que não vem.

O demônio e a vacina
que não vem.

Merda pura.

Deus dos enfermos,
onde anda tua mão?

Desafogues nossas vidas
desta alarmante
atmosfera do absurdo!
E das aflições planetárias
que não se cansam de doer.

Ó lacrimosa visão de
defuntos embarcados em tecidos
de plástico, viaturas de polícia,
carrocerias e caixões de lata do IML,
para seus destinos sepulcrais.

Será que Deus
criou o homem para
ser pilhéria
de teus desejos?

Ó senhor Juiz, o réu é invisível!

Mães do mundo, economizem suas lágrimas.

Da cerimônia dos coveiros
aprendemos o sentido da vida.
E sigamos em paz em direção
ao velho novo do mundo.

O silêncio é roxo.
Esqueçamos.

A estrela da manhã fulge
sua chuva de rútilos
sobre nós, os sobreviventes do soçobro.

Mães do mundo, amimam os vossos filhos
às alfaias do sorriso.

Os minutos da vida são
ciscos que voam para fora do tempo,
reconstruindo a eternidade
de nossas flébeis esperanças.

A hora nos crucia, cruciária.
E de leste a oeste, semeia crucis.

Esqueçamos. Passará. Passaremos.

O tempo já me fechou
entre as selvas do outono,
(assim encarquilhado pelas
ladeiras dos setent'anos).

E morrer por morrer é
revólver do Coronavírus.

É sina equânime,
dormir de ossos.

O poente é de ninguém.
E o touro que não se atreva
a chifrar o crepúsculo.

O rosa brota do estrume queimado.
A terra gira e o grão fecunda.

Meninos, de repente, afundaram
pontas de lápis nos olhos /
para se evadirem do dilúvio
de suas lágrimas.

Ah, como dolore
esta pandêmica agonia!

Eu preciso de expressionismo
para metaforizar esta loucura,
em busca da verdade.

A poesia é a minha terceira mão.

Eu odeio a empáfia cibernética das
máquinas.

A poesia desbloqueia o caos.
A poesia exorciza
o temporal do vírus,

e nos salva de tuas
sinistras emboscadas.

A poesia.

É, Covid-19,
tu és a chifrada
do demônio
na lucidez
da ciência,

*onde curar
é morrer.*

Eu me ardo em sonhos túrbidos.

Ó meu valente teólogo de Hipona,
“luz dos cegos e
vigor dos fracos”,
permitas-me que eu te entenda.

E eis que
no tórax do homem,
se fez o covil
da enfermidade.

Gripe eventual
não era, ó equívoco de
prognósticos!

O mal patológico expandiu
o abismo contagioso.

E promoveu gélidos sustos
no emocional dos homens.

Eu sou um órgão da palavra
que por ela respiro.

Moléstia de amplo sinistro, por que
entregaste meus contemporâneos às
vascas do sofrimento?

Por que
esta longa enfermaria
de candidatos à morte?

A briga mortal
por exigênio?

A água corusca nas pálpebras
da dor clandestina.

Enquanto isto, eu sairei para
novos nascimentos da minha
liberdade (ali acossada pelo
fantasma do Coronavírus).

De mãos e pensamentos
entrelaçados
ao périplo da luz.

Urra,
 dínamo mortífero,
 urra!

O céu do céu fugiu do céu.

As manchetes amanhecem
crivadas de tiroteios fúnebres.

Tratores, enxadas e coveiros
cavam tumulários gigantescos,
para empilharem caixões uns sobre
os outros, numa porfia lacrimosa
(de doer). E há muitos enterros
pelo caminho, numa rotina
tristíssima

de acenos
sem exéquias.

E tarjas de luto
por toda parte.

Morrer dói é na solidão
dos que ficam.

Que metáfora é esta, senhor lexicólogo?

Que cenário é este, senhor dramaturgo,
de homens enfiados nestes macacões
de astronautas, e de luvas elásticas?

Acaso são anjos socorristas entregues
às batalhas do milagre?
Ou clinicamente comprometidos
em morrer com eles,
neste duelo hospitalar
de UTIs?

Sai pra lá saco de tristezas!

Há um pé de limão, um arame farpado
e o céu:

os capelões choramingam suas preces.

E eu me esfumo nesta dispersão
de coisas do espírito.

A poesia é o baú das minas frases,
argentadas pelas faíscas do empíreo.

DEBAIXO das remelas de sono
do planetário amanhecer,
a minha mente datilografa
os primeiros murmúrios do poema.

Acordo. Súbito acordo.
A realidade me dá um coice.
Que susto!

Eu rasgo os panos do sono.

Governos e caixões
não se entendem.

Cadeirantes, anêmicos, charlatões, pinguços,
desempregados, mendigos e doentes (engordam)
as filas do Auxílio Emergencial. Mas as tetas
do dinheiro público também muxibam.

Magistrados e metralhadoras...
(ninguém) põe na cadeia
este micróbio do genocídio.

Ah, humanidade, o que será de ti
quando vier a desastrosa ressaca
do pós-Coronavírus?

Vais buscar feijão emprestado
na casa dos vizinhos?

Talvez – quem sabe – somente
os passarinhos, os tatus, as cobras
e os peixes (se restarem),
permanecerão imunes
à hedionda desgraceira.

A natureza é mãe sem honorários,
mas atenção, não se iludam!
Se vomitarem bombas nas
entranhas de teu útero,
ela dará o troco, com
a fúria irascível
de tuas catástrofes.

E não haverá sacos de euros
que pagarão por um prato
de arroz.

Amansa a crista, humanidade!

Somos todos contemporâneos
da bomba biológica que subiu
a bordo.

E tossiu
microorganismos
nos passageiros.

Destino: comer vidas.

Eu sou o produto desta
aberração que me ronda.

A liberdade perdeu o
querosene de tuas asas.
E jaz agora como deusa intubada
se debatendo à procura de ar.
(A substância de Wuhan
estraçalhou os teus pulmões).

Eu sou a imagem desses corpos
embrulhados nessas lonas
de plásticos fúnebres.

Eu sou o desespero dessas lágrimas
gritando na porta dos hospitais.

Atestados de óbitos jorram
da boca dos cartórios. E é cáustica
esta tristeza de olharmos a cidade
onde nascemos.

A morte reescreve a história do mundo.
E eu rogo achego aos grilos,
que me ajudem a construir a noite.

A noite solta os parafusos da escuridão.
O céu já foi o palácio de Zeus.
Hoje é estrada de aviões – armazém
de satélites,

e via
de meteoros.

Para os mendigos,
nenhuma marquise saiu do lugar.

Mas a paisagem é desprezível
quando alguém lhes rouba o direito
de erguerem suas mãos às dádivas
de outras mãos, à cata de pão.

Algo me manda
um aviso de urgência:

é a pancada
do Apocalipse
no fígado
da humanidade.

Mas era. Não era. E era
uma coisa lúgubre de meninos
engolindo a morte pela falta
de açúcar em teus sorrisos. E, às
minhas costas, alastrava-se,
virulento, o incêndio bacteriológico
do micro-monstro-invisível.

A travessia
da ponte pandêmica
não tem o luxo epopéico
de Homero; nem a erudição metafísica
do egípcio Plotino, “lá do mundo
de cima”, que fez subir o êxtase da
matéria à divindade do Uno. E depois
coseu asas aos destinos da alma.

O sol trabalha dentro de nós,
e não falha.

A alma se movimenta,
preenche de pérolas.

O dedo de Deus sustenta
o mundo.

Mas os fatos. Os fatos
se entrecruzam uns aos outros
numa salsada de intragáveis
notícias,
estrafegando a nossa paz.

O demônio ri.

Que carniçal de corvo esparramou
jetaturas no mundo,
com o vendaval dessas mortes?

Recua, sêmen podre
de bactérias.

A minha cabeça é um azedume
de almas sonâmbulas.

Almoço do dia: pão de cinzas
com tortas de insetos e areias.

A ciência não fabrica Deus,
concorda?

Apocalipticamente as estrelas
fugirão de ‘seus postos de vigia’?

Temos que inventar novos modelos
de coletes salva-vidas.

Brasil. Brasil. Brasil.
Meu Brasil. Teu Brasil.
Multidão de merdas.

Se morrem tantos
já não morrem mais
são morridos.

E eu vou me desusando
pelas insônias deste delírio.

Datas e datas prorrogam
o fim do pânico, quando?

O vírus ataca: é verme, é pó,
é mal de praga, dos pés à cabeça?

O ciclópico ciclone
viroso de virulento,
não expira; aspira.

Buscai depressa
os teólogos.
Buscai depressa
os virólogos.

Macumbeiros e tarólogos,
buscai.

E que venhas Jesus Cristo,
a nós, com o bisturi de tuas
parábolas.

Bazucas e bomba atômica
ficam de fora, por enquanto.

Vamos embulir nossos músculos
contra o tornado
deste surto de Covid,
maligno!

Muralhas sanitárias
(de aço ou de pedras),
interditam ou não a
virose mortífera?

Nossos passos,
à deriva, vamos, erráticos,
escrutando, indagando:
será o Novo Coronavírus a catarsia da
humanidade?

Repetidamente é costumário
poetar o canto do galo.
Mas o galo é figura principesca,
daí eu canto o meu canto no canto
dele, que quebra a casca de névoas
ouopratas do amanhecer,

puxando-me do frouxel
para o albor do dia.

Espalmei a mão em direção ao sol.
E houve um transgredir de flores
estourando seu chapéu de pétalas
para além dos muros.

Socorro.
Ó luz, me acorre!

Pé de mamão
brotou viçoso
aos olhos do
asfalto,
trescalando tóxico
de óleo queimado
(e vírus de Covid),
pelo caniço de tuas folhas.

Tempo de pandemia é tempo
de cemitérios na parede.
A casa é morta. Nem cisco
volteia pelo chão.

Foge ,monstrengo infeliz, foge!
E leva embora aquela imensidão de tristeza
amontoada na letargia das vitrines.

Uma palavra precisa
do amor de outra palavra.

Densas pinceladas de carvão
borram os horizontes.

Prelúdios de perspectivas mortas.

Quarentenas descumprem
regras proibitivas, blefe!

O flagelo epidêmico
superlota nosocômios
públicos e privados.

Clima pesado, doloroso,
de asfixias, nos hospitais.
Macas e enfermeiros se atropelam.
Leitos de UTIs lotados. Pânico
geral estupefica médicos
e pacientes; donde, enfermos
voltam para morrer em casa.

E a medicina pede socorro:
Deus! – imunizai o reino
biológico de nossas células.

Respiramos, na pele,
a desesperança mortal.

A salmoura rói
os meus olhos.

Céu lambuzado de laranja fúnebre.

Nervos prontos para explodir.

Contágios bacterianos
se progredindo aos bilhões.

E a doença dando ordens aos
seus demônios de tocaia.

Miséria.
Queremos bonanças.

O vírus chinês
empalamos o mundo.

Debaixo das minhas vestes
o destino é descartável.

O meu cofo resiste lamas e pedras.
O sonho empaca.

Jactâncias de governos
não curam moribundos.

Meu Deus, eu nunca vivi
metáfora tão mórbida!

O povo aspira
sombriinhas de praias.

O povo aspira
abundância de alimentos
em suas mesas.

O povo aspira
defender seus empregos.

O povo aspira
normalidades no
funcionamento de
seus negócios.

O povo aspira
deambular
pelos shoppings,
em suetos de lazer.

Mas poucos se embebedam
de lucidez.

Os profetas farejaram
as contingências da Verdade.

A Covid
explodiu
dentro do povo.

Ó tempo de abalos, de
avarias e de choros!

Que esquisitice é esta
de o Coronavírus fantasiar-se
de açougueiro da morte, e sair
por aí vindimando vidas, com
a fúria macabra de um predador,
insaciavelmente famélico?

“Anjos do céu, correi em
nosso auxílio!”

Ó frígidas estranhezas de
de gentes fugindo de gentes!

A era do tudo-pode escafedeu-se.

Baticum de vizinhos nas cozinhas
e a máquina de lavar roupas:
tô na fila! tô na fila! tô na fila!

Súbito coço as parcas
miúças de cabelos, e ando com
as pernas das minhas ideias,
me levando para os absurdos de
outros gabriéis dentro de mim.

O espírito da luz
sopra luz
nos rumos do destino:
a jornada de nossos passos,
em solo de segas, solar...

Vamos dançar *rock-and-roll* com
os punhais de Shakespeare.
A desgraça está solta.

Tempos de tranca-ruas,
e de comércios confinados
às urgências dos lockdowns.

Não somos mais ninguém.
Desmontaram as engrenagens
da petulância do mundo.

E os tribunais cagam de medo
de condenar o Coronavírus,
às fornalhas do inferno.

Sou eu,
quem de mim
na vida
deste comigo?

Para grafar,
grafema por grafema,
a mentira do meu tudo
neste oceano de horas
do sol caindo, indo embora.

Ai de mim, ó túrbida máquina
de conglomerados humanos!,
aí debaixo do teto dessas
marquises; ou dentro das boates, ou a
bordo dos coletivos espremidos
de gentes do povo, superlotando as
viagens pelo sustento do pão familiar,
crucial,
(desde o amanhecer das horas,
já no pico da labuta
lufa-lufa
dos pontos de ônibus).

Fardos de fados fustigando
os ombros do povo,
em meio a obscura doença
que transita, solta,
com seus ferrões de ataque.

O cemitério arrombou as gavetas
das sepulturas, e saiu correndo para
dentro das casas, dos ônibus, dos navios,
dos hospitais e das ruas, com medo do
Novo Coronavírus contaminar o sono
subterrâneo de seus habitantes
na hospedaria da eternidade.

A humanidade destruiu a humanidade.

E que se cumpram, à risca, os
protocolos internacionais da OMS!

A messalina da Covid está passando.
Vamos, depressa, exterminá-la,
com caldo de carniça, soda e veneno.
Depois – e se possível – afogaremos
a insolência desta sina de carrasca,
na vasão dos esgotos.

O vermelho dos semáforos não
aguenta mais a gritaria uivante
das ambulâncias.

Não compramos nossas vidas
em armazéns de esquinas.
Somos esteios da
ponte provisória.

Goiânia,
era uma vez.
Algumas coisas de ti
resgatei-as comigo, neste memorial de
barro
que, em breve, no porvir,
esfumar-se-á em pó.

Goiânia,
era uma vez.
Não vejo mais o teu chuvoso semblante
boiando o meu coração
nas enxurradas.

Goiânia,
era uma vez.

O lúdico morreu.

A cidade donde vim
virou as costas para o sol.

Era uma vez. Era uma coisa
a cidade encolhida em teu
sono de chão vermelho.

Era uma vez. É hoje.
A cidade muge, escorre,
geme, é corneta... sob prantos de
quarentenas.

E tudo jaz igual
dentro do desigual.

A cidade em ritmos
de Covid homicida.

Goiânia,
era uma vez.
Potranca enorme
tal orquídea de pedra
estendida
sobre a palma do planalto.

Era uma vez a
epopéia das enxadas,
das carabinas e do boi.

Musa de Pedro. E terra-fonte
de meu berço, uma vez
nas chamas da lembrança.

Eu nunca mais vi Goiânia
dentro de Goiânia.

O cinza poente
de teus edifícios Art Déco.

A praça
sem praça
da praça Cívica.

O verde
garrafa, triste,
de teu palácio.

“Não. Não quero ver”
teus bosques esqueléticos.
Não. Não quero ver tuas ruas na pandemia
(pedalando fantasmas).

Que dó.
Os entregadores de comidas Ifood.

Deus na proa, guia.
Sigamos. Já é dia.

Peço licença para lacrar
a angústia neste envelope
e devolvê-la ao demônio.

Referendo concedido,
louvarei as borboletas que
desenharam o arco-íris
nos lábios do crepúsculo.

“Prolfaças, poeta”, o Secchin
me disparou, das vidraças do mar,
o teu ínclito afeto. E eu me indo
sendo vosso amigo, vige novo canto.

O ar amanhece estivo,
obstante à algidez do tempo.

A água dimana com nostalgia
de suas essências. E tem sede.

O homem suja tudo. É mau.

E nenhuma frase, do portentoso
Moisés, conserta o mundo.

Vamos à frente. É hora.

Parece que a terra apressou-se
demais em buscar teus filhos
de volta, à tenda
de teus mistérios aquerônticos.

Nossas vidas, irmão, não
passam de assovios de vento,
sapatear de sonhos... e de
tudo-tudo entregue ao
delir das horas
tão flébis de flã.

Perdemos o deleite de irmos
aos cinemas, às lojas, às sorveterias,
aos shoppings e às praças.

Por detrás das cidades,
outras cidades se atolam
em cizânias de sangue
e pólvoras, a todo
instante.

Tiroteios e drogas,
pancadarias e sexos,
bebedeiras e bailes,
misérias e fomes
incham as estatísticas
dos assassinatos
por traficantes e polícias.

Arena sanguinária
a céu aberto.
Correntezas de assombrações
abrem sulcos dentro de nós.

Para onde vamos,
os abraços
estão suspensos.

O amor fugiu
da frugalidade
dos nossos atos.
E o céu se
cobriu
de farrapos.

Vinhas da iracúndia, acalmai!

A luz é companheira e se difunde
prestadia.

A poesia é uma boneca de palavras,
em cujo ventre pulula a
transcendência dos sonhos.

Sei que o Panteão é o abrigo
dos deuses. E que o palhal
é o meu destino.

E a caneta é o meu cajado.

Não sou mantra que materializa
divindades.
Sou visitante da luz, itinerante do
efêmero.

Um animal ou um anjo
escrevendo poesia.

Os hospitais estão apinhados
de candidatos à morte.

E os leitos de UTIs
disputados
a fogo de flagícios.

*– Anda, menino, apague logo essa tevê!
Isto daí são tudo histórias de repórteres,
espalhando terrorismos...*

Bau! Bau!

Tudo que aprendemos com a
razão matemática das coisas,
caiu por terra.

Peste, Covid, peste!
Bactérias de fezes tóxicas,
tosse de ratos, hemoptises,
olivas de hálitos podres,
bafos de venosos répteis
– tu, Coronavírus,
estilete de lâminas inconspícuas,
adoras despachar defuntos?

De madrugada, os versos
saltam, sôfregos,
à procura
de imagens.

Sina crassa
de urubus, grassa!

Quem te pariu
é orifício de trevas?

Por que não abraças
as ogivas nucleares?

Joana veio de trem
rasgando montanhas debaixo
de um luar empapado
de açafão.

Teu coração era
ninho de jaspes.

Amei-a a goles
de salgados sonhos.

Mulher-mito
de batom carmim.

Em teus seios
de morno talco,
construí o refúgio
da minha utopia.

Joana-poema
veio de trem.

Não posso. Não posso abandonar
a flama da poesia e partir
pro xingatório.
Isto é Hegel: inspiração
racional.

Sei que a fadiga dá tédio,
e que o tédio dá angústia,
câncer.
Funil que engole
luz.

Vamos ali, companheiros,
desafogar os olhos que
se apagaram
no mistério das lágrimas.

Minha vida datilografada
em cantos de papel. Só isto.

Os fogos da minha infância
ainda galopam pelas campinas
do sonho.

A cidade e seu relógio
na cabeça da torre.

A internet e sua
clientela de hospícios.

Os Correios e seus
funerais de missivas.

Os regatos e seus maus cheiros.

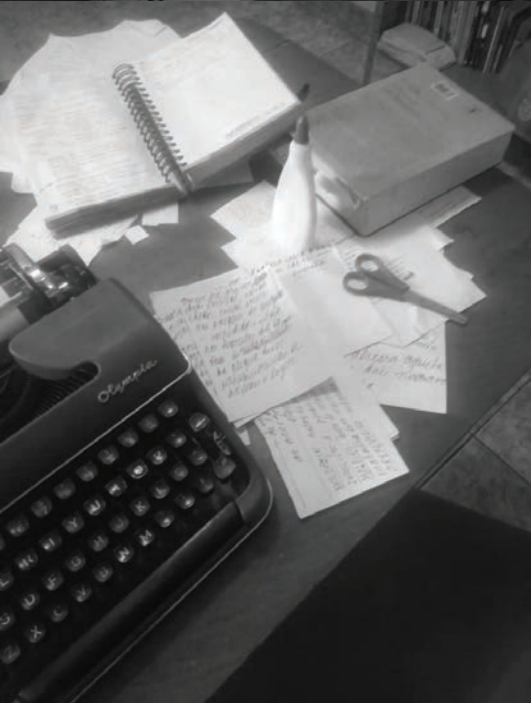
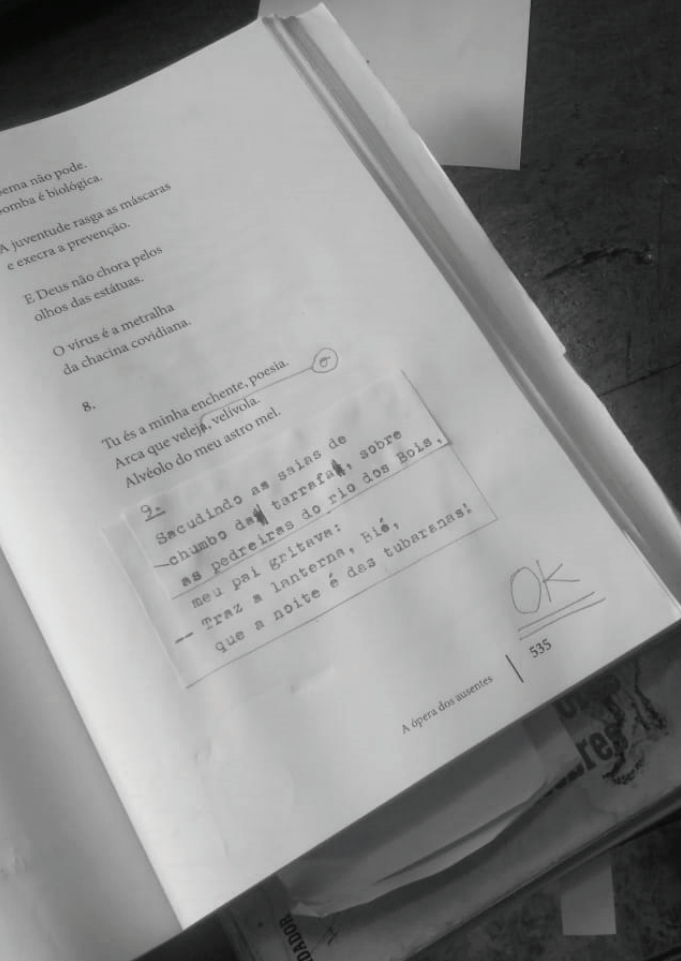
Pedra a pedra, a cidade
desconstruiu sua fala.

Obrigado Escola Técnica,
eu matava aulas para ler
Augusto dos Anjos.

No quintal de Pedro, o régio mogno
reabriu o seu laurel de folhas; visto
que neste ano de dois mil e vinte
o inverno trouxe nuvens encharcadas
de carvão desesperado.

E “uma pequena luz
em grande treva”
foi sonhar que o excelentíssimo senhor
Belzebu degolou a Covid,
e que as chuvas
de novembro venham de novo
molhar canções em nossas bocas.

E eu fazer de conta que dou conta
de imiscuir-me ao cardume
das estrelas.



LIVRO II

**PELOS
AVESSOS
DA LUZ**

*Quem te dirá o que é calamidade?
Nesse dia, os homens serão como
borboletas dispersas.*

(O ALCORÃO, Livro Sagrado do Islã)

***“JURAI, Ó SALIVA DE VAMPIRO,
QUE A MAIS NINGUÉM
HAVEIS DE CEIFAR!”***

2020



**A
HISTÓRIA
SAIU
DO EIXO**

HAJA O QUE HOVER,
queimar a luz é impossível.

E alastrou-se a debandada
do inferno entre os homens,

numa avalanche de óbitos
que eclipsou
o espírito da terra.

O meu coração viaja trôpego
sob o repique dos sinos tristes:
piano de trevas que se dispara
em meu peito.

Aonde eu vou,
a poesia me grita.

“ Entrai! É aqui,”
aos olhos de Thêmis
que a Verdade chora,
(e a infestação
se extravasa
genocídio,
espargindo o
pânico virótico,
entre entes
e viventes).

Ninguém da Boca do Fumo.
Ninguém da Cracolândia.
Ninguém - desses amebas
delirantes - se houve
infectado pela desgraça
dizimante. Ninguém!

A erva devora cemitérios,
mas não ataca demônios.

O céu está cansado.

Joguei toda a bagunça
da minha alma, na gaveta.

E deixei a tempestade arrombar
a psicologia da minha púrpura/
para que as dores pudessem
chorar no vinagre de outras feridas.

As inundações se frustraram.
O Eclesiastes caiu no gelo.
O Dilúvio foi um fracasso.
E o veneno saiu de Wuhan.

No nascente instante deste amanhecer
– 21 de abril, magno de magro! –
que afável dulçor de aromas
 eu senti,
de tão edênica
dama-da-noite.

Bonito, bonito mesmo
 eu vi
um casalzinho de canários
fazendo anarquias no asfalto.

Arde o intelecto dentro
do sepulcro do professor Ático, debaixo
da brisa de côcos de Macaúbas.

Ó comendador de Pirimpimpim!
O teu enorme crânio era uma garagem
de armazenar enciclopédias.

Orfeu baiano (não o mítico da Trácia),
mas o vate de pavoroso medo perante
as umbras de Thânatos. Por isto
me escrutavas, assim taciturno:
“E por venturas, há novidades
no obituário daí?”

Sim, professor. Ainda há pouco
a necrologia noticiou a morte
epistolográfica dos Correios.
Os livros foram banidos
do apetite das leituras.
Isto é simplesmente trágico
para nós, os marceneiros
do verso, não achas?

Ó louca inspiração,
por que pedes socorros
à máquina do intelecto?

Destraves aí, logo,
este delírio do viver.

Ninguém diviniza ninguém
pela palavra. E cantar é
 alar-se de luz.

Ora, Erza Pound,
o poema desinfecta
pânico pandêmico?

E amar a sabedoria do silêncio
é dormir entre rochas, sob
a poeira de fogo das estrelas?

Eu sou apenas
um fervilhar de sonhos.

Pelos rios de frios meios-fios
da jornada (a pique),
musas se arvoram
que eu volte
às águas da dourada boemia.
Entrementes, foi-se o copo
e jaz meu rosto
“debulhado em lágrimas”.

O etílico secou. E
dorme o rouxinol das noites.

As musas são fábulas
que iluminam o pó.
E eu me calo
nesta ópera de
espectros da alma.

A minha alma pensa.

Se escrevo sudário
é sangue que escorre
pela colina do Gólgota.

A água murmura,
gotejando feridas.

Carbonário foi Cristo com
a subversão de tuas ideias.

E eu preciso
ser digno de molhar a minha
boca, com o santo vinho
de teu graal.

Amém!

Ó tenebras de
pesadelo apocalíptico,
que viva eu a pescar meteoros
neste jorro
de metáforas.

Aforante os ditos de mim,
indo-me vou, vazo.

Tudo tão brusco, abrupto,
no monólogo desta tristeza,
de cujo âmago rola a
semente ilíada destes versos.

A verdade é doer de
luz fatídica.

E pulula macambúzia .

Ó liças de combate!
Até quando aguentaremos o surto
desta praga desastrosa
na jornada dos humanos?

A estrela é prestimosa.

Mas a viagem anda de ré.
É tempo de frente para trás.
E o passado é a descida
de volta às luzes do futuro..

Ó hierofantes e argonautas,
entreguem a minha voz
ao tédio!

Lá fora
os farrapões
pedem comida.

E os mortos
(que ainda não morreram)
entram na fila para morrer.

1.

A tristeza choca seus rebentos.
A vida se dolore, crebro.

E vamos comendo o pão deste luto.
Enquanto “o sono é irmão da morte”,
e as nuvens edificam o aposento
dos anjos.

E nossas almas buscam abrigo
no fruto das oliveiras.

É de longe. É de longe,
que do azeite vem a luz.

2.

O chão parou.
A morte estendeu os seus
lençóis sobre
o cansaço das consciências.
É a viagem pelos buracos
da dor gritando
por retornos aos cânticos da lida.

As casas são paredes
de nossas carnes.
E o vazio (do spleen) tem
o peso tábido do podre.

Então vamos, ó chusma de
anônimos, *que alea jacta est.*

Cada qual que se extravie
da emboscada crônica.

O vírus é o bote da sucuri.

Dó, Coronavírus, dó!
Os nossos nervos não
são fios de mármore.
Nem correntes de aço
para suportarmos esta
tortura de ecúleos.

O que vimos, basta.
É dor inícuca,
de polo a polo:
por que extrapolas, ó mal
de pestilência!

O que vimos, basta. Retumbo!
Vagalhões às nossas costas.

Os demônios “sopram
flautas de Pan na tempestade.”

E é ominoso o corvejar
deste abutre.

Dó, Coronavírus, dó!

Janelas já não mais se rebujilam
aos cânticos do amanhecer.

Nossos sonhos são trapos que
flamulam pelo ermo dos estendais.

E nossas vidas emparedadas
à melancolia
das masmorras domésticas
 dessas quarentenas,
 de sessentenas,
 de setentenas,
 do cão, o anjo,
a barca do hierático,
marujos de lamas,
salvem-nos dos
dentes do rato
e das salivas
do contágio.

E nos afastem, ó
marujos de Argos,
da miragem apocalíptica!

Dó, Coronavírus, dó!

Anda, leve embora o
gume sangrento
desta foice medieval!

E se quiseres,
vai à merda,
feder no averno.

Tu, manancial de enfermos.

A sentença do trágico desceu
pela lâmina da guilhotina.
E o demônio deu a
rasteira na humanidade.
Somos (ou não somos?) inaptos
para vingarmos a contaminação
devastadora do sinistro.

E vidas, vidas, vidas,
aos montões de milhares,
ceifadas já se foram,
já se foram, já se foram...

E nós,
de idades recurvadas sob
as cãs da canície –
(oh, quantos sonhos esgotados!),

e já cheirando a cascas de
lenhas podres - aqui expostos
ao pico da depressão,

enquanto enfermeiras e médicos se
sucumbem em montanhas de cansaços,
entregando suas vidas às extremas
da salvação.

Desolação. Estupefação.
O dia é uma procissão de ambulâncias
uivando no desespero
de suas urgências.

Foge Coronavírus, foge!

Eu queria ver
Jesus Cristo
com uma navalha
na mão (e pronto)
para sangrar
o pescoço do
endemoniado
vírus,
lambuzando-o
com hemorragias
até a morte.

O vento é gaita na
boca de uma criança.

O vento é pétula de terremoto
quando dorme nos estábulos.

O vento sem aptidões
para punhais.

O vento em vôos
de orquestras, na lua.

O vento no gatilho
dos relâmpagos.

A treva assentou-se comigo
à mesa. E houve ringir de dentes –,
sapatear de cascos. Espirais
de fumo negro subiram pelos caibros
da casa; até que dos estuques um troar
de voz estrepitou-se assim:

– Tens que atravessar a ponte do
Apocalipse!

E sumiu.

O presságio se abriu em
outras predições:

— Da serpente chinesa evadiu-se
o ovo da tormenta.

E amontoados de mortos encherão o
frio fosso das sarjetas.

As crianças se esgotarão da candura
de teus próprios brinquedos. E o flagelo
viral inundará de tédio o
verbo viver, em todas as suas
conjugações do tempo presente.

— Mãe, mete a chinela na bunda
desta praga da Covid!

Eu quero brincar no parquinho
lá da minha escola.

Feito e desfeito,
o arroz subiu
de preço.

Mirífica luz não vejo.

Não decifro a cava do pélago
no cerúleo do amanhecer.

Surto de flagícios
passando sem passar.
E de horas miserandas
“pelo céu que gira e
volta a seu lugar”.

Da “água ejaculada”, viemos.

A gota de nossa origem
é uterina, de barro.

Somos argila do sibilino
acaso.

E povoamos o hotel
de nossas sombras.

Nós – os eventos do pó.

Eis-me que chego
sem tirar nem por,
ípsis-vérbis,
ocular e carnal,
ao epicentro
apocalíptico
do vírus
iracundo,
terrestre
e global:

fabricar caixões
é preciso.

Tenho sede de luz.
Não há vivalma nas ruas.
Já prosei milhões de parágrafos.
E só me restam arrepios, acendalhas.
As horas não se abraçam.
“A vida lateja sonoramente viva”.
As nuvens estão violentamente tristes.
Dias de abril fastos? Não, nefastos.
Óleo queimado empreteja as tardes.
O etéreo se oculta.
E voam as minhas mãos, intuitivas,
rumo à árvore das palavras.
Minhas mãos repletas de andorinhas.
Eu sou inculpe, Orfeu.
Sombra de tamareira, me acode.
A poesia não me deixa sonhar.

Relembrando trovões
em cabeças de túmulos,

e todos os olhos que chorei
num cálice de lágrimas,

caliz de sal.

A chuva gotejava finíssimas
serragens de cristal.
Era o voo das águas
na terra.

E que venha logo
o vernal sorriso da primavera,
arrebentando os rubros gomos
da estação cintada de mel.

Ó manuais alegrias do meu passado!
Agora sou usuário imbecil da Informática.
E já não escrevo mais cartas de amor.
A cibernética engoliu o meu cérebro.

A vida caminha para os palácios do pó.
Platão inventou delírios para a luz
caminhar.

Envelhecer é traição
das moléculas.
E morrer é contundência
das trevas.

Mas a alma, a alma,
retorna à ascensão
das sementes.

“Quando eu morrer, quero ser
enterrado dentro de um copo”,
foi da boca de Vinícius esta
fagulha de paixão ao etílico.
Confissão durante bruega de suas
tresnoitadas de violão e uísque.

“Mulher e uísque não faz mal a ninguém”,
outra faiscada do boêmio nacional,
pelas emoções do palco e gritarias
da juventude no teatro Goiânia.

Ai que bebi de tua transbordante
volúpia. Tu, meu
“poetinha”, madrugada de olhos azuis
das tavernas cariocas.

A música das almas perpetua o teu
canto no auditório das nuvens,

Ladrão de fêmeas, silenciado pelas
espumas de teu último banho,
musicando poesia.

Tua ausência ilumina vozes
na boca dos microfones.

Enquanto nós, cá no hades da pandemia,
amamos a iluminação de teus versos
em terlúlias com o vento.

Para onde foram os lavradores
da sega, na safra,
 neste outono
de vírus
debaixo das unhas,
 nos dedos
 e no ar,
dia e noite,
 eentre os braços
da labuta rural.

Para onde foram
os frumentos,
que dão farturas ao
futuro das vindimas?

Flagrada pela
funesta surpresa
desta aflição,
Vanessa
viu a morte em teu leito
hospitalar.
E me disse:
– Pai, a morte
era um vulto de mulher azul,
o tempo todo me olhando.
Ora parecia um bloco
de nuvem. Ora, uma baba
de treva escorrendo
das paredes. Horrível,
pai, horrível...

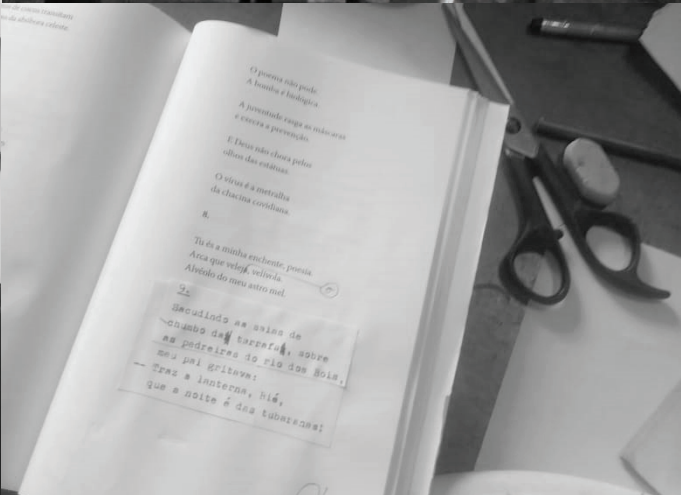
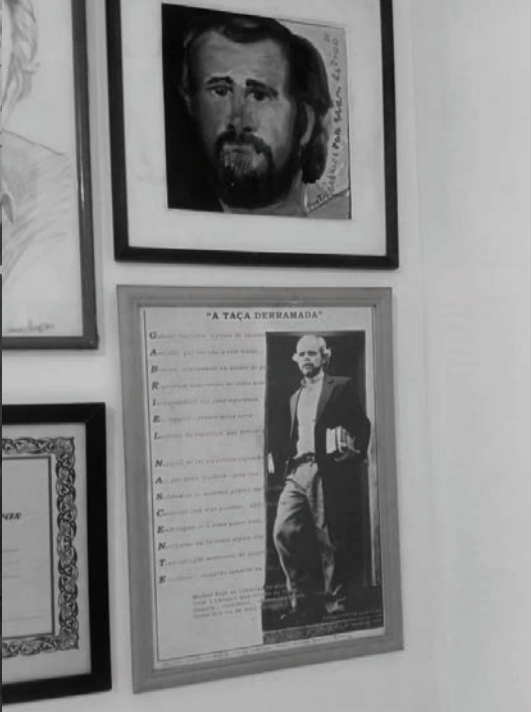
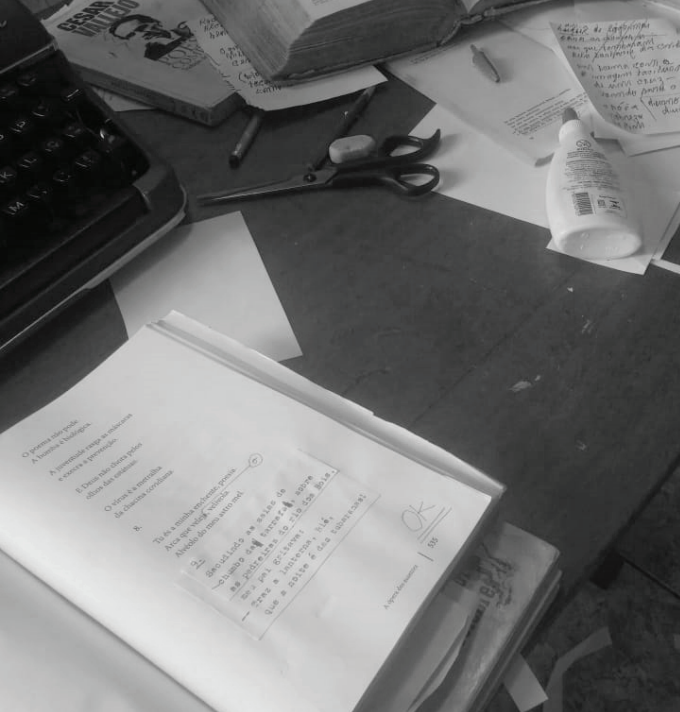
Mas a mão de Deus, pai, quis
que meu sorriso voltasse
a florir nos lábios da luz.

Covid:
milhões
de cruzes
no peito da
humanidade.

Covid:
desfile de
gotículas
infectando
a respiração
do ar
nos humanos.

Covid:
catástrofe
de dias findos
findados.

Constelação
de lágrimas
na esperança
dos homens.



LIVRO III

**UM OUTONO
DE TREVAS,
ENTREM**

Eu nunca pincelei um pôr de sol
na palma de um poema.
E se o fiz, fiz com mãos de grafite,
lavrando entardeceres
nos exercícios da palavra.

Todo crepúsculo é um evento de
nostalgias.
É quando o sol colore a tiara celeste
com acerbos manchas de amarelo.

Depois,
ensanguenta-o
de labaredas.

I

1.

LAVAR DAS MÃOS O ABISMO

Do vírus-urubu
que grassa, estraça,
invisível-nefando
mórbido-morbo.,
fatal-sanitário
infecto que lastra,
roedor de pulmões,
em sanhas de
peçanhas,
fel de trevas e
prólogos de mortes.
Asfixias de
ar comprimido
e de vidas intubadas: e de
agonias se alastrando em
trespasses de
pandemia.

2.

A imprensa incita
à neurose coletiva.

3.

Ó lufa-lufas
de nervos
dos hospitais!
Faltam insumos,
soros, oxigênios
e seringas nas
prateleiras.

Ladrões de gravata
superfaturam
compra de equipamentos.

Médicos e governos
são ludibriados.

A Saúde Pública
resvala-se pelo blefe.
E exaspera-se no caos!
impotente para
frear o insofreável
das mortes.

É o Brasil à
espera de UTIs.
O Brasil com fome,
doente e desempregado.

4.

O rio das goiabeiras cruza
a cidade, entre os gambás da
impureza.

Mas não é esgoto. E trava
os seus embates até
às mãos do Meia Ponte,
enxaguando o lençol
de seus barrancos.

A lua soltava os seus morcegos.
E havia garrafas de aguardente
perambulando, bêbadas de lixo,
debaixo das pontes.

E bananeiras fediam
a fezes humanas,
urinas
e pessimismo.

A noite inculpe.

5.

A humanidade espremeu seus
bofes no cárcere das quarentenas.

A rosa branca do meio dia
explodiu o pólen de seu lirismo.

E o sol de outono
acocorou-se, generoso,
entre os vergéis que se amam.

6.

Essa morbidez toda,
descomunal,
é uma noite chuvosa
nas mansardas
da minha alma.

7.

Eu sou o bruxo
da palavra AMOR.

II

1.

Súbita virose expandiu-se
pelo espirro dos mortais,
infernalmente.

E foi crescendo, crescendo
feito tumor de um monstro
atroz,
com bafos de
morticínios,
surto gripal
no fadário
dos humanos.

A vaticana Itália ajoelhou-se,
espavorida, tal qual
uma menina vermelha de febres.

E eu enfiei os meus olhos
num balde de angústias,
para soletrar o abecedário
do meu pranto.

2.

O meu pensamento estremeja excogitando.
Dentro de ti, eternidade, “nada passa,
tudo é presente”. Volitar de coisas...

O tempo, não: é fluxo e se fragmenta,
enquanto passado e futuro se anulam,
sucessivamente engendrados pelo presente.

Se deixares de existir, eternidade, o tempo
cavará abrigo num despenhadeiro de rochas.
Sem futuro e sem presente, tu és o Nada,
estrondo de queda sinistra. Volição
sem progênie, tão inútil e mentirosa.

3.

Ó empáfia de vermes palacianos
no palanfrório dos palanques.

Falta arroz nas prateleiras.
Empregos para o povo. Pão.

A chaga social engole a nação.

Os comerciantes se engalfinham
por falta de mercado.
A crise crucifica os fluxos
de caixas; e esvazia vitrines
e balcões.

Pátria inculpe, doente, necrosada.
E sanitariamente exposta às epidemias
do tempo.

Brechet, me ajuda a consolar essas
vidas promíscuas, sem esgoto.

Os ladrões não poupam nem
a arcada dentária dos
falecidos pela Covid.

Ó infâmia de bactérias
de oníveras fomes,
até quando este acicate
em nossas almas?

4.

Avós, tios, irmãos, netos, pais,
primos, cunhados, esposas,
parentes e amigos –,
fujamos todos dos germes
patogênicos, para o ambiente
caseiro e asséptico dos nossos
lares. Fujamos para onde a troca
sentimental de olhares é radiante,
uns dentro dos outros.

A convivermos com palavras
de alumbramentos e afetos.
A casa. O endereço do banho,
do carinho e do leite. A casa. A casa.

Aí é onde amamos
as raízes dos nossos
costumes: se somos
maníacos ou não. Ou
o epicentro machista
de nossos egoísmos,
no dia a dia das
trovoadas a dois.

Ao revés de brigas,
uma pétala de vinho
dentro do copo.

A pandemia veste
máscaras
na cara do mundo.

5.

Mãe,
vem soprar de mim
este “ardume de lágrimas”
queimando os meus olhos.

Eu rogo, eu peço, eu imploro:
me dê a concha de aromas de teu sorriso
pra eu abrandar o martírio que
enlouquece
os hospitais.

O demônio engraxou
o vírus, ordenando-o
a se alastrar humanidade adentro.

É a tarântula da Covid:
onde está, faz a vítima.

Se cega for, não erra a mira:
é fatal na picada da peçanha
aracnídea.

Peço silêncio
ao tumulto dos
queixumes.

E que escutem o
clamor dos infectados.

Os fabricantes da peste
voltaram.

Breton, me empreste aí
a chave de tuas hipérboles pra
eu “unir passos humanos”
aos ditames da quimera.
Agora é tempo de surrealismo
chupando sorvetes com
ampolas de sinistro.

O sol de maio
resfria pedras.

6.

Frio frígido soprado
pela boca das lembranças.

Cisco de folha seca trauteando o chão
com ruídos de almas do outro mundo.

Odeio ouvir gritaçada de galinhas
entregando seus pescoços às facas,
nas manhãs de domingos.

Ó
excrescência,
arranques minhas
pupilas pra eu chorar na caverna
de outros olhos.

E jogues o tempo, deste tempo,
numa máquina de moer carne.

As horas avançam de marcha ré.
E uma angústia confusa
amassa o meu fôlego.

A poesia sou eu soprando gaita
entre os balidos da chuva.

7.

Ora – pensem comigo – se o
corpo é a jaula do espírito,
o cérebro é a usina da alma.

O intelecto é o motor da luz.
E ambos são gnose e ciência.

Forante
a mortança do coronavírus,
o sol amanhece espirrando raios.
Ausente dele,
o céu se enferruja.

8.

Dias de azeúmes pandêmicos, duros.
Dias de a gente amanhecer com a alma
fedendo a óleo queimado.
Dias de sermos lacrimosos
e farrapentos. Dias de borbulhar
o caldeirão dos soluços, nas criptas
do peito. Dias de silêncio que se
arrastam feito sombra de defuntos
pelo pastio das cinzas.

Dias de a gente atolar
o cérebro na selva do pranto.

A poesia é o meu gole d'água.
Estilha de luz que canta.

9.

A cadeira de balanço
resfolega memórias no alpendre.
Porre de lágrimas, vamos esquecer
esta terrível “atmosfera do luto”.
E abrimos de novo a janela
universal de todos os sorrisos.

É fim de verão, meu caro,
com braseiros aticados às risadas
de cervejas, e fumaceiros de
churrascadas com mandiocas cozidas.

Ai que sono!

Os meus ossos
na idade noturna.

Ó viaturas de sirenes azoadas!
Ó brilhos de tevês e áudios de hesterias!
Os mortos enterram os seus mortos.

A imensa tarde desabotoa o cinturão
das nuvens. E antes que anoiteça,
pedirei aos querubins
que puxem as cordas
dos campanários.

No poente, a luz é derrubada.
A lâmpada saiu para dormir. Eu amo.

III

1.

Tínhamos outrora os nossos
“deuses tutelares”, símbolos
de fogo de nossas crenças.
E era absolutamente aí, no
arrimo desses mitos, que escorávamos
os nossos sonhos.

Ilusão de nossas mentes.

Os ponteiros não trabalham
dando voltas pela esquerda.

Os ponteiros descem e sobem
em tic-tacs inexoráveis.
Os ponteiros fidedignos
às batidas de teu
abismo no tempo.

Longo coser de Penélope combatendo
a eternidade, à espera de um deus
que se fez de mendigo
em teu jardim.

2.

O tempo é futurição, o ponto zero
de si mesmo, entre o nexa e o desconexo.

Meu Deus, como é terrível a eternidade,
no vazio
de tua presença!

3.

O motor da saudade
me azoa.

Ó impiedoso surto
de óbitos epidêmicos,
para onde foram as letícias
de nossas tardes achocolatadas
de domingos?

Acaso,
caímos todos
rebaixados
à submissão do medo?

É flagrante?
Castigo de
mastigóforo?

4.

Do meu assento defronte
à grande rosa de fogo do crepúsculo,
vislumbrei a fétida imagem do
barqueiro das almas, que me inquiria
assim todo enervado, agourento:
– Quantos mais defuntos tens aí,
vítimas do genocídio epidêmico?
Cuidado! – rogo-lhes não contamines
a travessia das outras almas...
Se tens tristezas grudadas aos corpos,
é melhor que se voltem.
O Aqueronte não é hospital
para passageiros infectados pelo coronavírus.

5.

Debalde o banho de “erva-de-louco”
que aprisiona a razão.
Debalde voar em peneira de feiticeira,
ou amarrar ao pescoço o polegar de
um piloto naufragado; ou ainda buscar
socorro à culinária dos ratos sem caudas.
É vão. Os inocentes já foram abatidos
pelo surto da virose. E a luz fugiu
de suas faces.

6.

Chegamos ao topo do
jamais será como antes:
ao epicentro do tufão.
“Os mares espumam as
suas próprias sujidades.”
As trevas persistem
expandir o vírus.

Afastemos nossas vidas
das ganâncias de Caim,
do erro de Balaão
e da revolta de Coré.

A figueira respira Cristo
pelo bálsamo das parábolas.

E o arco-iris é o diadema
da tarde, cintando de
ouro a cabeça do céu.

7.

“O que vês, escreve em livro”,
disse-me João – o estafeta do Anjo,
ali debaixo dos “sete candeeiros
de ouro.” Ouvi, e logo busquei
a mão de Erza

Pound, para mostrar-me
como se doma o touro da
inspiração, e o fogo insolente da
poesia em nossas verves.

8.

Estou insular,
lavando louças,
após
ter bebido do “leite negro
da madrugada”, ao estilo Paul Celan.

9.

Rufla coração,
tambor de puggas!
Tu, dínamo atroz de
velhas batalhas...

IV

1.

Tempo de
sina má.

O vírus
está de pé.
E ataca
quem quiser.

Vamos banhar
nossos corpos
em óleos de
alcatrão e
antissépticas
de creolina.

O mar resmunga nos
músculos de Poseidon.

2.

Com a patoléia dos drogados
nada podemos. Visto que,
são furúnculos da sociedade.

E se proliferam mais virulentos
que bactérias de coronavírus.

Leis, governos e polícias
se destronizam em luta vã.

O câncer desta máfia
arrasta mundos
a bancarrotas.

Mas cacetes e fuzis
não amedrontam a
freguesia dos
cachimbos.
É cuspe nágua.

3.

Boby, cadê as minhas chinelas?
Louse, cadê o abecedário
de teu sorriso?
Ivo, eu não aprendo
a sonhar sozinho.

4.

Nova Iorque! Nova Iorque!
Charme cosmopolita das metrópolis.
Leoa da liberdade. E cofre dos
dinheiros do mundo. Tu, urbe de prosápia,
hipnotizada pelo vírus da matança.
Chora, topo do mundo, chora!

E o *glamour* teológico
das liturgias de Roma?
A Itália coberta de roxo,
despedaçada em prantos.

Meu coração é lasso e
cinza de tanto chorar.

Inda há pouco, do espasmo
de um repórter, ouvi:
– Vai morrer gente pra
caramba!

Seja o que seja:
“ânimo, filho de Dárdano,
cumpra banir todo o medo!”
E os estragos desta neurose
espargindo a carga viral.

5.

As janelas de costas para o sol.
Meu Deus, já não desfraldam mais
o branco aceno de nossos sorrisos.

6.

Ó COVID-19, tu és
o dente do demônio
em cena, voraz
e ubíquo.

7.

A tristeza vestiu sua roupa
cor de hospital. E saiu
buzinando dentro povo.

A tristeza de luvas a
bordo das ambulâncias.

8.

Generosos são o sol e
o orvalho da manhã.
A pomba cisca
os telhados do mundo.

V

1.

Tiroteios de notícias
pipocando no ar.

Ah, pudesse eu extirpar sofrimentos!

Jogaria o céu na
mão dos enfermos.

2.

Lufadas de sonhos,
desde a infância
sou guardador
de relâmpagos.

Faísca de fogo plúmbeo
que acendo nas mãos.

E o charme
condoreiro das auroras.

3.

Juntai-vos ainda mais,
ó enfermeiros-irmãos do bem!
Iremos todos, de cutelos em punho,
decepar os órgãos do vírus,
e jogarmos depois às profundezas
do pútrido Estige.

A tempestade agradece e os elefantes
brincarão
de cardar as nuvens.

4.

O verbo dá
o testemunho.
E o vento escreve os destroços
da voragem.

O rumo titubeia.
NÃO SABEMOS PARA ONDE.

5.

Eu vou arando o tempo
com as minhas palavras de papel.

6.

Clemência! Clemência!
Ó tumultos de guerra nas
enfermarias dos hospitais!

7.

Daqui
desta cidade,
que respira a
meio-fôlego,
eu escuto o coração
dos moribundos.
E me elucidado:
faúlhas de nada,
somos?

Ritual fúnebre
de morticínios.

8.

Mais um dia se alavanca.

O vendedor de alfaces madrugada
na esquina, com sua banca
repleta de legumes (ainda frescos),
borrifados de orvalho.

Seu sorriso é um menino de sal.
E vê-se, pelo semblante, que a vida
tem machucado a razão de tua luz.

9.

Viver não tem preço.
Morrer é vão.
É sair da estrada.

Vem o amanhecer e
bate palmas na vidraça.
Eu corro e pergunto:
a alma tem janelas?

Tem. É o pneuma
de todas as coisas.

10.

É de madrugada que revólveres,
sexos e copos trabalham.

Mas as águas dos ribeirões não
precisam de madrugadas para correr.

São crianças que acompanham o vento.

Panificadores, entregadores de jornais,
feirantes e leiteiros usam as madrugadas
como cavaletes de suas obras serviçais.

Eu sigo a miséria dos catadores de latas,
e os passos dessa imunda realidade
“partida em mil pedaços de fogo.”

11.

Dois mil e vinte. E é sete de junho
na via crucis do Coronavírus,
amontoando os seus cadáveres nos
itinerários do pesadelo.

12.

Há mil anos, tia Fiíca sucumbiu-se
num catre de periferia (e guardou
minha infância debaixo de um pé de
manga,
coberto de estrelas.) A madrinha, figura
de amor visionário, coava café para
os homens da Estrada de Ferro.

13.

Eu pego um poema na mão
como se fosse um filhote de
passarinho, mais bonito que
a tempestade.

14.

Alguém afogou as lascívia
da minha juventude
no urinol dos tempos.

Sou capaz de ver os deuses
na cabeça dos meus versos.
Mas não imolo carneiros
ao ritual de teus oráculos.
Eles navegam comigo marujos
desta nave
de mentiras que sou eu.

15.

No universo dos homens
uma única coisa me causa
estranheza: a honestidade.

VI

1.

Só as maritacas, no pomar,
bicam a doçura amarela
das carambolas.

Chuvas de março imperecíveis.
Enxurradas de verão carnívoro,
que engolem homens, casas e ruas.

2020 de estúpidas contundências!

Que devassa! Que devassa!
Acorda, Pavarotti!

2.

O secretário,
no ermo de uma esquina,
deu entrevista de humor
escatológico;
asseverando

que inflacionou a indústria
dos mortos.

E que amarrar máscaras
ao pé das orelhas
é precisão dos diabos.

3,

Se queres conhecer
a vacina da Covid-19,
visites Wuhan; é de lá
que veio o aluvião dos
mortos,

Ela pariu as trevas
e esculpiu
a anatomia do demônio.

4,

Se olhares para trás,
ficarás inerte
como uma estátua de sal.

Lá na frente
o horizonte mordeu
os sapatos das
montanhas.

VII

1.

O sofrimento ganhou cordas
para estrangular vidas humanas.

Das UTIs
à morte: o rato da peste bubônica.

É real? É lógico? Tolerável
às razões da vida?

2.

Faz tanto tempo que eu
não abraço aquele sorriso sem vergonha
da Zélia, minha linda alcóolatra,
constante da lista das desaparecidas
do meu coração.

És bolha de obscuridade do universo.
Ave ébria empoleirada nos galhos da
saúde.

Lembranças barulhentas de bares.
Solidão.

Uma noite ela amarrou sua calcinha
no frontal da minha testa e jurou
que me amava.
A déia do asfalto, hoje (consórcia talvez)
de um físico nuclear,
escafedeu-se na América.

Cadê você, fujona-menina-
parceira minha, baca do copo,
e fogosa Afrodite
das copulações do amor.
Você comigo, e eu, ardendo
sob os lençóis,
onde fornicávamos, mordiscávamos
até explodirmos no branco óleo
do gozo.

3.

2020, que ano filho da puta!
de vidas comprimidas
em confinamentos quadriláteros.
E de solidões impartilháveis.

A lama bacteriológica
envenenou o pulmão das chuvas.

E as enchentes de março
engolem homens, casas, mobílias,
bicicletas e automóveis.

Ó dolorosa realidade de
fulminâncias às avessas!

Não há tempos para
cerimônias de adeuses.
A bacia dos nossos prantos
chorou nas trevas de outras
mortes.

4.

Esperando,
esperando,
esperando o quê?
Ó catraca de perguntas
girando, girando,
até quando?

Para onde vamos
é bola que rola dos
ditames do demo.

Casais fornicadores, trégua!
Crianças e avós, filmes!

Bispos e poetas, estendam
seus velários à orfandade
das almas em aflição.
E deixem boiar o
suspiro das borboletas.

5.

Ó doida sina de beberrão,
do viúvo cidadão,
em teu chalé de ermitão!

Ora se bebes, pouco? Não, não,
apenas o que tem em mão!

Ao fogo de pinga de teu bafo,
até as garrafas ficam tontas.
E o ouro-prata da cerveja
se espuma, reluzente,
em teus bastos bigodes.

Bebes. E bebes. E bebes,
até perder o siso.
E bebes. E bebes. E bebes,
até ferver os miolos da
consciência.

Depois,
deliras, crocitante e confuso,

a ver locomotivas esmagando
cabeças de galinhas, no asfalto.
Isso mesmo, na ressaca
tu te atolas no inferno
da sola queimada
entre as salivas da boca.

E o que fizeste, ó, durante a tiorga,
não te lembras, apagão da mente?

Do bar do Badião aos porres
de mil empreitadas. Solitário,
tu, veterano do copo, e ávido
de álcool no sangue. Trégua,
meu irmão, que cirrose não
te necrosa, no fígado.

6.

Cheguei tarde demais
à geração dos *plugs* cibernéticos.
Se mais cedo houvesse vindo,
teria eu me imiscuído à chusma
desses mentecaptos, predadores do
idioma, em suas páginas *infernéticas*
de blogueiros.

Prefiro a inocência do lápis na mão
de uma criança, a ter meus dedos

hipnotizados pela dança magnética
desses teclados teclando teclando baboseiras
para o arquivo das nuvens.

Prefiro a nudez dos pardais na chuva,
a ser correio eletrônico desta geração de
moluscos plugados à tela global
das ilusões que se deletam.

Meninos, fujam logo do inferno
alienante dessa neurose de celulares!
E evitai a parafernália deste vício
que abre lesões na luz do cérebro.
Procurem abraçar uma árvore,
acarinhar uma rã; e viajar com
o segredo bucólico das chuvas,
no plumaço das aves, O idílio
da vida é amar o simples, sabedoria
que vem do chão, ou de um verso de
Lorca escrito pela mão do relâmpago.

Vício mais nefasto que todas as pandemias
reunidas numa só Covid.

Não cantarei o mundo futuro,
nem o chão desolado pelos
incêndios das florestas.
E a água, meus senhores, será

disputada pelos pregões das
Bolsas de Valores.

Meninos, ainda é tempo. Peçam aos seus
pedagogos que lhes mostrem a alma de
açúcar
que jaz numa gota de videira. E depois
mergulhem
suas tenras cabecinhas nas parábolas
do *Pequeno Príncipe* – lembrando-os que
é
preciso colocar o coração dentro de
cada palavra, para enxergarem o invisível.

Os homens não teem tempo
para serem felizes.

VIII

1.

S'tamos na escuridão do túnel.
Aluvião do fim do mundo.
No país de Petrarca, o Papa
borrifou o povo com o pranto
de Jesus Cristo. E rezou.

A imprensa tritura.
A imprensa satura.
Clangor soturno do
diurno Coronavírus.

Cavalo negro
do assunto.

Luxuosos transatlânticos deram
lugar a hospitais flutuantes.

2.

O medo fragmentado
em gotas de pesadelo.
Disparos alarmantes de

ambulâncias em pânicos.
Praga hedionda. O diabo,
o diabo bebe rum,
na comezaina de carniças.

Que imbróglio de mangueiras
espetadas nas veias dos enfermos.
Agonias de pulmões em asfixias.
E os infectados
chegando vivos e saindo
mortos dos hospitais.

Infectologistas advertem:
“ Empilhar tesouros agora
não é remédio. Falta oxigênio”.

E o mundo se travou,
STOP!!!

A lua de maio é irresistível.
Mas o trator da prefeitura massacrou
a sinfonia dos grilos na verde
alcova de tuas núpcias.

IX

1.

Navegar é irmos de
lanternas em punho contra
as insídias da *Fake News*.

Sabiá visitou o
muro da casinha azul.

Lourdes deu miolo de pão
à bagunçada dos saguís...

E o Cachimbão, lá da Serra do Margoso,
mantém-se fiel às ordens de
esmagar cabeças de jaracuçus.

2.

O vírus mental do medo
também infecta os humanos.

3.

No calendário do tempo
é 21 de março do mortificante
2020.

Em meus olhos, câmaras universais de
tevês
flagram cidades defuntas – encurraladas,
todas,
em seus domicílios de incertezas
trêmulas de pavor.

Diabo. “Fazer a coisa certa
pela razão errada”. Deus não
anda de costas. É coração
batendo na escuridão do vácuo,
estrela que pulsa sobre
larvas e precipícios. O ar.
Júbilo de luz, escarlate ou
branco, eterno em seu luzir.

6.

Sou luz que pisca no vestíbulo da noite.
Solidão que se alonga em solilóquios
com a alma. Aqui e ali, antologando
o saldo de mazelas do ecúleo epidêmico.

A mão que escreve transpira palavras
e é poço donde brotam linfas de
cânticos.

Livros que eu amo na intimidade
do meu espírito comedor de livros.

X

1.

O silêncio é áspero
e punge.
Dá vontade de refugiar-me com
os prisioneiros de Platão,
naquela alegoria sua da caverna –
e ali, entregar os meus ouvidos
ao eco de tuas sombras.

Ou de sair correndo com
uma navalha na mão,
gritando que a túnica de Hamlet
ainda jaz punícea entre os
olhos de vingança dos
espectros.

2.

Às três da tarde, eu instalo
a minha barraca de leituras
debaixo de um vistoso coqueiro,
que se confraterniza com
a solidão dos muros.

3.

A lua queimou
os cimos do mundo.

Mexericas de louras cascas.
Banhos de pardais na areia.

“Ouro intelectual” que jorra
das cabeças de Atenas,
– urna cinerária de mitos.

Sócrates me incumbiu
de apregoar a Justiça.

Trancuchos cambaleiam
pelas bordas do asfalto,

com seus bafos de bêbados
turvando as planícies do ar.

Fogo-apagou dá recados
com gemidos de nostalgia.

Aquilo quebra lâmpadas dentro
de mim, que sou de oca presença.

Mas a brisa, a brisa, me conduz
às páginas de Santo Agostinho.

4.

Isto é verdade?

Ácido sulfúrico da verdade?

Aço de gelo do Iceberg?

Consumação de prédicas, tétricas?

Chamas de bafejo escatológico?

Alfa da catástrofe? Sim. Não.

Acreditar é sorumbático.

Estatelar de mortos. E vôo de

morcegos do Coronavírus?

Eis que, imune, soergue-se

a natureza, sob peplos de

glórias.

5.

Ó como são terríveis

os olhos da humanidade

na escuridão deste pélago.

XI

1.

Ó espetáculo de surrealismo
em carne e osso!
A ficção perdeu seu trono.

Estes meus olhos de 2020
“tremem (arrincoados)”.
Amargas inquirições torturam
as pálpebras do meu enxergar.

O mundo é hotel
de sombras.

E eu, cá em mim, grudado
às tetas de algum sonho.

Para não ver caixões
se amontoando
em tumultos de enterros.

Esperar o quê
do vírus
global: a árvore da
catástrofe?

2.

Ó dias de realidades
abstrusas!

E que ninguém corte
os pulsos da esperança.

O ar precisa de música
para engodar o futuro.
As auroras precisam
de nuvens lactantes.

Ah, Covid-19,
rainha das Górgonas,
subas ao pódium, ó! tu,
colosso gigante de todas
as enfermidades do mundo.

Ah, se o comandante Chê Guevara
tomasse café comigo nesta manhã defunta,
co m certeza arranjaríamos algumas
toneladas de dinamites para
explodirmos o útero chinês
desta desgraça do Coronavírus.

Ou diríamos apenas
que o sonho não era
este.

Nem mesmo tu, ó meu Cristo de
fuzil - médico e guerrilheiro -
darias conta de explodir os miolos
da Covid, (pois a nefasta fulminância
deste vírus é maior que o prodígio
teológico de todos os milagres).

3.

Outra vez as sirenes
do clangor de teus apitos,
uivando, tristes,
na selva dos pneus.

São traslados de
vidas por um fio.
Fôlegos que imploram emergências
de oxigênio nos pulmões.

“A justiça não tem existência
real. Ela é a divindade de todas
as paixões”. E aqui, o Marquês de Sade
entra
nisto, garimpando filosofias!

O pandemônio foi solto,
entrou em cena.

Piedade, dona Covid, nós

não temos para onde ir.
E tu passas como o grunir de
corvos sobre as enxadas dos coveiros.

A poesia tapa os olhos e
voa
para outras Pasárgadas
à procura
do milagre onírico.

4.

Nada posso debaixo desses amanheceres
de nuvens citrinas,
doendo longe,
no plúmbeo-cristal do céu
andando.

5.

Fere-me a fundura da luz.

Pelo estrugir destes eventos
chegamos às vias do precipício.

E há quem não há, digam-me: quem,
do platô deste abismo, não se engelha
de pavor e medo?

Por que mistério o pensamento não
transcende a metafísica de nossas
sombras? E não perpetua as ardências
de fogo da juventude?
Minha voz carrega
os estalos do flagelo.

A palavra subsiste, é chama.

6.

Às dez e meia da manhã
o galo doido detona um galicínio
tão terrível, que destroça as batidas
do tempo.

Eu cisco as minhas trevas.

E ligo o obsoleto toca-fitas
e ouço o fervente discurso
do general Marco Antônio, aos
pés da estátua de Pompeu.
Sangrenta chuva de punhais
derrubou o imperador de Roma.

O galo. O galo.
“Oh! Infâmia!
Fechai as portas!”

7.

Meus amigos,
eu já estou estupidamente
bêbado de mim mesmo,
de tanta poesia
no sangue.

8.

Borbulhar de aflições. Colapsos
da Saúde Pública pelo avesso.
Os hospitais estão
ávidos de ar mecânico.

Os políticos & suas bandeiras
de picuinhas partidárias.

A morte ronda os destinos
da sobrevivência.

A Covid não dorme. É bote,
traíçoeiro de anaconda.

Mas o pão está vivo
e viceja o trigo.

A esperança me aborrece
com a embustice de suas
promessas.

Amesurar é o verbo.
Tenhamos fleuma.

9.

O mal emana-se do
útero da Covid.

Em tempo: estiquemos
as nossas mãos
às alturas
do cimo frugal
das estrelas.

10.

Querem destruir o coacho
da saparia no prelúdio das
noites.
Canalhas! Eu me enfureço.

11.

A Covid é
a força do ar.

A humanidade foi
buscar remédio

na infâmia dos morcegos.

De aflante, agora, nesta
cachoeira de infecções,
só a brisa tangendo
o folhame das laranjeiras.

Parou tudo, fedor de luto.’

XIII

1.

Foram dias de
torvos tropeços.

O céu
parecia um tapiz
de serragens queimadas.

E por ser o céu do céu,
aquilo me destruía.

Vazio de sapatos mortos
na enxurrada.

O tempo me extrucia.

2.

O que doía no falar dos versos
era o vazio dos lotes baldios,
por onde jaziam restos de brinquedos,
cacos de louças, solas podres de
chinelas, ossos e borboletas.

A solidão ia indo, roendo,
roendo
a alma dos viventes.

3.

Deus coça o nariz.
Nem a parúsia de Paulo haverá.
Eu pegarei a luz na minha mão.

E nunca mais eu quero ouvir Plotino
dizer que “a perfeição destrói”.

4.

A mente trabalha
pelo enterro do dilúvio.
E a humanidade se resvala
pela lama do algar.

Os fantasmas cavucam
sepulcros dentro de nós.

O nó da incerteza
estrangula
o fôlego.

A consciência respira
pelo fole das trevas.

Ó tempos
de hermetismo...

5.

A luz vermelha dispara.
O pisca-pisca fica nervoso,
e os motoristas furam semáforos.

– Será isto um acerto de contas
da humanidade com a legislação de
Deus?

Recado urgente dos Escribas da Bíblia?
Fim dos tempos, Hora do Juízo Final?
Ou o Palinuro do universo abandonou o
mancho, nos deixando reféns
de tão desastrosa epidemia?

Turbado, confuso, não entendo. Será isto
a ira do Deus de Abraão, estalando o
chicote
da justiça nos flancos da humanidade?
Será?

Meu Deus, cadê o Apóstolo espiritual
de Uberaba (que vaticinou o fim do
homem pela droga?) Errou? O monstro

do vírus chegou primeiro,
espirrando bactérias de morte
na respiração dos humanos.

6.

Que medo é esse
que entorpece os nossos ossos?

Cristo, Maomé, Ghandi,
quem salva quem, quem?

7.

Trazei-me, por favor,
a cabeça da Hidra,
o olho de Polifemo,
o punhal de Brutus,
o gás que queimou a
vida de Sílvia Plath,
o revólver de Maikóvski,
a serpente de Cleópatra
e o excremento do demônio
para nos salvarmos do veneno
desta tragédia viral
grudada no ar, algoz.

XIV

1.

Bem aventurados
os viventes (sobreviventes)
desta hecatombe bacteriológica.

Partimos o pão. Comemos arroz.
E saboreamos café do fogão das
madrugadas.

O sol é tímido, chove, mas
é frugal conosco nesta
amargura de confinamentos.

Ouvir barulho de pneus na rua,
é bom.

Ler Cervantes,
é bom.

Sigamos.

*Caem os martelos
e as engrenagens gritam.*

2.

Bem aventurados
os isentos
(do por enquanto).

E Deus nos livre
da bomba atômica,
em nossos quintais
de carambolas, de
jaboticas e de
limões.

Cremos.
“Os princípios
podem purificar”
os homens?

3.

A juventude quebra o pau nas madrugadas,
com suas esbórnias de maconha e uísque.
Entre o vírus e a morte, a juventude
não se apercebe presa da faminto perigo.

A história da vida anda com
a procissão de seus ataúdes.

Tilintar de chaves no escuro
me dá medo.

Minhas pernas trêmulas de langor.

4

Não por acaso o destino
nos presenteia com dádivas
de ouro.

Mas é preciso ter a humildade
por um prato de comida,
(a merecê-lo no estômago
de nossas fomes).

E é, pois, pela balança das virtudes,
que se descobre que o sentimento não
é venal: a solidariedade não se compra.

E não por ação das graças, relembro,
ter amigo(s) – é tesouro que reluz
entre fendas de rochedo.

Bondade mútua de quem parte
uma laranja, com a sede de outrem.

Solidariedade de uma mão
que puxa outra mão
para fora do precipício.

Amigo – filosofa o meu espírito –,
deve ser aquele que não se faz de surdo
à política
do amparo na tenda de teu afeto.

Somos frutos irmãos da mesma árvore.
Almas entronizadas
à luz planetária dos iguais.
Justos e injustos são
matérias do mesmo sangue.

Gestos que se harmonizam
por amor à igualdade
e aos ditames da Justiça.

O ser do ser alegre em ser
recíproco à lealdade
de Luiz Cláudio Veiga Braga,
eleva-me à dignidade desta
confissão:
de nada eu me valho, amigo,
senão como grão de arroz
na tempestade.
Mas abrindo os lábios no
relâmpago de um sorriso.

XV

1.

Socorristas, psicólogos, bioquímicos,
líderes espirituais, palestrantes,
médicos, religiosos, educadores,
sacerdotes, cientistas, infectologistas,
ministros, repórteres, serviços da saúde,
parlamentares, enfermeiros, chefes de
estados,
farmacêuticos, presidentes, químicos,
professores,
queromantes e profetas
queimam os seus poderes intelectuais
na pesquisa do século, de polo a polo,
todos, universalmente todos, à procura
do que é isto? Que surto letal é este?
Do ânus da China?

Cruzada apocalíptica
de calafrios e terror...

Ó supremo Shakespeare,
depois de Deus,
és o primeiro! Venhas em

meu auxílio,
enquanto durar a empreitada desta
ilíada, na palavra e no espírito.
Vem, galo,
esfacelar tristezas.

O sonho é mau. Eu sei.
Mas Virgílio o dissipa.

Estou epicentral
neste combate à
carrasca epidemia.

2.

Corre humanidade para o
alento de seus tetos.

A Covid comanda a tropa infinita
dos coveiros,
arrastando
o comboio
de caixões.

Êh-ré-gabrié,
o sol está de ré!

3.

Ó dor
das multidões anônimas,
chorando no epicédio
de suas lamentações!

Apressurados féretros
rasgam o pano lacrimal
de todos os olhos.

4.

Algumas celebridades de afamadas famas,
redobram suas mídias na doença,
enquanto milhentos de outros deixam
o martírio dos sedativos, direto para o
horror de terra das catacumbas. Sem
retratos nos jornais; ora, pois, morrem
como bichos esmagados nas rodovias
e jogados fora, sem direito a
preitos lacrimosos de velórios.

Assim é a Covid, a carrasca de Wuhan.
E tudo o que fez, na pátria
dos subnutridos, deu incremento aos
duelos dos empresários, rusgas de
políticos, patuscadas, corrupções
e roubos...

Assim é a Covid
no cenário
de sua podridão.

XVI

1.

Eu vi
tanques de guerra mirando
os seus focinhos de aço
contra o Congresso Nacional.

Suores de manicômios? Delírios?
Não.
O povo amarrava bandeiras sobre o casco
dos blindados, aos brados
de viva a Democracia! Faixas
e panfletos estampavam a rebelião:
**“Corruptos,
o câncer da nação. Fora!”**

Puní-los com suplícios de empalação
é pouco. Acordei.

2.

Desempregos, fome, falências,
ladroagens, crises, quebraadeiras,
manifestações, greves, depressões,
suicídios, assaltos, tiroteios,
feminicídios, síndromes de incertezas,
delírios persecutórios, tédios, assombramentos,
sustos, tensões, raivas, estresses, hidrofobias,
fadigas, solidões e medos súbitos
de pavor
 à maldita bactéria
 da COVID-19.

A mortança vai, do café da manhã,
ao cair da noite, sem a mínima
misericórdia de trégua.

E chove defuntos na praça!

Ó como estou saudosos da
liberdade dos abraços!

O mundo se desmantela,
e a estatística dos infectados
è pavor que dá pavor às negras
sinonímas do próprio pavor.

3.

O nariz do papa escorreu.
O presidente Trump testou positivo
para a Covid-19, e se curou por
oitocentos mil dólares.

A anciã, do barracão vizinho, atravessou
a rua para pedir um copo de açúcar
emprestado.

E a mão eólica sacudiu
a copa do velho mogno.
Houve gorjeio de brisas.

4.

Quando chegar setembro
vai explodir brotos de aromas.
E novamente
sopraremos a tuba
da esperança.

XVII

1.

Se querem saber aonde estou,

estou
no pólen
da minha paz,
de panela e chuva
no quintal.

2.

Quimicamente o carvão me faz filosofar.
A cinza é a lágrima do carvão. E o carvão
é a lágrima da árvore. E a árvore era
o esteio de sombras filtrando
a asperidão do sol, na terra.
Mas o chicote das labaredas
torrificou as carnes do vegetal, sob os
olhares de verdugo dos homens aplaudindo
o desastre ecológico.

XVIII

1.

Mais um mês se estatela sobre o solo:
maio.
Engelhadas de frio, as águas carregam
o lixo dos barrancos, inscrevendo o
sofrimento de seus gemidos no diário
dos ventos.

A vida segue dividida
pela pauta das incumbências.
Ora cantante na pisa das uvas,
ora macetando o negro vinhaço
na bacia das cubas.

A vida segue
como o ronco de um motor
fumegando
na escuridão.

E o que escrevo é
grão sobre grão.
Pedra que canta.

2.

Felizes daqueles que ainda podem
amanteigar seus pães, ao raiar-se
da fome primeira.

Caminhoneiros são flagrados
ingerindo psicotrompos,
por falta de comida.

O sonho murchou, perdeu as pernas.
Porque veio a Covid, com sua fome de
necrotérios.

Hóspede infame, pelos tempos
nunca visto.

Fecho os olhos e então
“de tudo já me aclaro”,
ó interminável turba
de moribundos!

3.

De verdade, eu confesso: os livros
são os nossos melhores amigos, em todos
os instantes de pelejas de nossas vidas.

Os livros. Os livros não me pedem
dinheiro emprestado, não reclamam
de dor de dente e não padecem de
diarréias na escuridão das noites.

Em verdade, eu confesso: os livros
não possuem ganas de cobiças, são
almas de bom caráter. E quando dormem
são crianças abrindo
páginas aos
apetites do saber. Lâmpadas de
papel alumando o intelecto.

XIX

1.

Foge, maldição!

Poesia,
separas o cascalho do diamante
e lava, depressa,
a alma dos homens.

Invencível já nos parece
a ira bacteriológica
(aos olhos instrumentais
da medicina.)

Compaixão, compaixão,
por onde anda a Estrela de Belém?
Pelas águas do Jordão?
Pela copa das oliveiras?
Ou no graal do último vinho?

O que almejamos não conta?
Vem das mãos do empírio
ou da ciência?

2.

Raio: punhal de prata
que chispeia fulminante,
cai e destroça o manto
da melancolia
desses dias de fios de náilons
enforcando nossas gargantas.
Angusturas de doenças no ar.

3.

Um cobertor por um Deus lhe pague,
ó gesto de alma complacente!
Palavras de salmos aliviam descritos?

4.

A morte é ininterrupta neste processo
de pânico pandêmico.
E a cada novo fato,
eu me estremeço pelas geléias do fígado.
E gemidos ouço. Não do
pombo-robô, mas
sim da sufocante asfixia dos pulmões
hospitalizados, implorando gotas de ar.

5.

A Era Digital vai explodir
como bola de sabão no espaço.
Ah que alívio! Estaremos de volta
aos tempos manuais da caligrafia.
E haverá farturas de envelopes e
postais subscritados à mão.

Livros e mais livros voltarão a
circular pela mala itinerante
dos carteiros.

Tomara! Brevemente a humanidade
estará construindo cemitérios
para enterrar a geração tecnológica
dos robôs.

E eis que nestes tempos de sombrios
absurdos, eu me autorotulo de “O profeta
do Apocalipse Eletrônico”.

E que se danem os fabricantes
da bomba atômica. Sou romântico,
vira-lata.

8.

Restos de elegias
voam para o lixo.
São rabiscos dactilografados
pelo delírio dos meus dedos.

Assim respiro eu,
catador de palavras.

Assim respiro eu,
ciscando dicionários.

Assim minha mente trabalha:
faúlha que se queima
 iluminando
 o espírito.

9.

As estações do ano adoeceram.
Não de Covid-19. Mas de fumaças.

A treva está conosco.
Canção alípede, voa.

10.

Os homens brincam de ser máquinas,
e transgridem as torres da
imaginação, em saltos de abissal perigo.
Os homens e seus lixos espaciais defecados
na vastidão da abóbada celeste.
Os homens. Os homens. Os homens.

Homens-homem-faca.
Homens-homem-revólver.
Homens-homem-bomba.

Homens-homem-dinheiro.
Latifúndios & bancos.
Vazio de Deus.

11.

A minha mesa de labuta
é uma banca de sapateiro.
Só minha alma sabe onde está
a poesia nesta bagunça de papéis.
Lâmpadas e sorrisos se abraçam.

Deus conta comigo.
Eu sou teu fã!

12.

Astro-sol
deusbrilho,
príncipe de
status e
fanal-de-ouro
da Via Láctea,
fogo prateado
das auroras
à púrpura dos
crepúsculos:
lume eterno
das galáxias.

Flama do cosmos.

Salve graças dou,
rei solar.

Astro
deus
brilho
jorrando auroras
com a chuva de
teus raios.

Salve graças canto.
Nenhum astronauta
em tua órbita pousou.

Sobre a miséria do pó. Tu, sol-
flúmen aceso pelo Big Bang.

Eu menino te rabiscava,
a carvão, nos muros e nos
cadernos, com juba cor de
fogo; e esgar de leão.

Lanterna cósmica
das nuvens siderais.

Como tens sido camarada
em não teres (ainda) nos
onerado com boletos
de cobrança.

Eu te amo às tontas,
sem tropeços ou atrição.

Cá embaixo, tu reges
a terra, a água
e os homens. E partilhas
das colheitas do pão.

Tu que a tudo
irradias, não permitas
que aqueles que saem para
comprar um quilo de arroz,
voltem com a morte instalada
na caixa de teus pulmões.
A pandemia é o “martírio secular
da terra”.
À cuja propagação
somos réprobos.

13.

De longe ouço
e de perto choro:
os mortais cavando
sepulturas.

*EU VI DEUS CHORANDO
NA MINHA PORTA.*

XX

1.

Nasci numa civilização
armada da ferro e pólvoras.

Eu nunca estou quando estou comigo.
A minha mente é traiçoeira. E me faz
lasso, e me apaga, e me gira – girando,
sugado pelo remoinho das emoções.

Minha vida consumida a goles de café.
E de sonhos que relampejam na angústia
das horas vazias. Eu mesmo um
inescrutável
menino casca de ovo.

Menino me fiz
carrinho cheio de
cavacos.

Menino me fiz
ajudante
de carpinteiro.

Menino-manual cresci

faxineiro de máquinas.
E curioso e obsceno
amava
os sutiãs banhados
de sol, nos varais.

Bié-maluco
da 75.

2.

Que imensidão de tristezas
aquela paisagem de cadeiras defuntas,
com as pernas escancaradas para o ar
(e cheirando a thânatos no meio da
tarde).

O sofrimento me bateu no peito
quando vi poeiras de sal escorrendo
das vitrines, e uma densa multidão de
espectros desfilando pelos corredores.
Que dó! As cafeterias cobertas de panos
roxo.

3.

Foi de um jorro só. E quando
vi, a mão guiava o texto.
E a torrente me arrastava

para os arroubos de luz
da criação. Tudo num truz,
de magnífica ingenuidade!

Indulgência peço pelos
meus gritos de poesia.

4.

Que as chuvas de outubro
levem embora os prantos
deste sofrimento tentálico.
Que os poetas
entoem
a elegia desesperada!
Que plantemos,
em caráter de emergência,
botões de sorridentes orquídeas,
por todas as portas de hospitais.
Ali tem anjos,
labutando.

E que nos devolvam urgentemente
a inocência original daqueles meninos
jogando bola, entre cabritos e
cemitério, na pintura de Portinari.

XXI

1.

Os fatos se avultam
em ritmos de luto.

Os mortos recepcionam os seus
mortos. E as almas ainda perdidas no túnel
das interrogações, nada sabem da
violência do desencarne
em meio à catástrofe do
nevoeiro pandêmico.

Precisamos do Proscrito de Nazaré
para sairmos do fosso.

2.

Mídia visual, audível,
mídia, mídia, mídia
do Play Store, do Youtube,
do Facebook, do Yahoo Mail,
são merdas, ó que saudades eu
tenho das canoas de Aruanã!

O digital-magnético do Whatsapp deu entrada
ao precipício do anarquismo-teclador-babaca,
exibindo planturosas bundas, à venda, em
profusão de neuróticos caçadores de ninfetas,
também mentecaptas, perdendo o viço de suas
dignidades na diarréia eletrônica
desses tempos infernéticos. Zazzzz

que

truppps. Multidões de doentes
entrando-e-saindo, defuntos,
das UTIs.

3.

Shakespeare, me dê fôlego!

O espírito do universo
se escandaliza.

O chão está morto, não anda.

A luz está de costas para a luz.

Sigamos.

Meu coração se estilhaça
no horizonte.

4.

A morte é real? A vida é real?
Que tédio é este?

Só há um fruir dentro do caos:
a natureza está funcionando.

5.

Acuda-me, ó demônio de Sócrates!
Eu vou tocando a “flauta-vértebra”
de Maiakóvski.
Porque guardo tempestades
nos rios da minha voz.

XXII

1.

Famílias, famílias (centuplicadas
por milhões de famílias) encurraladas
pelos cláustros das quarentenas,
vivendo, sobrevivendo
em seus aposentos
de barracões e apartamentos,
de favelas e mansões –
confinadas, todas,
aos enfados do enfadonho,
de segunda à segunda,
à espera da
ciência
derramar milagres
de CURA?

2.

Com quantos pedaços de treva
se mede a solidão de um homem?

Covid. Covid.

Até quando seremos
suínos de teu abate?

Por ventura, estas milhares
de mortes/dia, condenam quem
à pedra do Pelourinho?

Sai pra lá,
pocilga de bactérias!

3.

Pelos emboque das igrejas,
cacunda de muros, cabeças de postes,
pardalejam os pardais, aos enxames,
garatujando o espaço com a pardalada
de seus pipilos, e alvoroços de revoadas
e pândegas, á cata de alimentos
pelo chão, num fremir de asas,
felizes e repletos de
 inocência.

Os pardais.

Ah efusiva evasão dos
dias indo embora/ turvos, frios,
cinzentos e merencórios.
Os dias feito cacarecos se despencando
da carroceria de seus destinos.
Os dias, os dias, os dias...

Inda que vamos (à deriva),
aguentando as bordoadas
do sombrio caos epidêmico,
há de se crer que a
tormenta cessará.

4.

Os governantes esnobando
a empáfia de seus verbos
defronte aos holofotes
da imprensa.

Pouco fazem de compaixão
ao suplício dos enfermos.

Esses babacas oportunistas
catadores de votos.

5.

Para ver, venham.
Coisas da terra, coisas
do homem.

Estou escrevendo a
biografia do pânico,
(quando trevas o
vírus expande).

E vindo
vai,

vamos:

o vácuo é
o caminho.

6.

Ah, se pudesse... eu quebraria
com a marreta de Hefesto
os quadrados da solidão,
deste durar de esperas
longo e azucrinante.

E remando, remígio,
horas adentro. Vamos,

pelos estrondos da
onda passando.

O colóquio é um só, de estribilho
a estribilho, rogando, rogando
armistícios de paz
às marcas de fogo do cansaço
(roedor de nervos... gota
à gota, o inferno não passa).

7.

Meu falecido cervejeiro Nilo Benetti,
– do Marxismo a Rajneesh – ainda corres
pelado, pelas praias de Floripa, à procura
de “pérolas da sabedoria?”. Ou guardas
o facão que verberaste contra a manada de
búfalos, lá dos prados de Britânia?
O que fazes aí, irmão? Acaso, tens
encontrado “os diamantes da Verdade?”

Sei que foste vasto em tua
fecúndia advocatória. Mas esconjuravas
a espada e a balança de Têmis.

Por que?

Se eras o poeta dentro da espuma filosofal?
E a vida rolava como um teatro sobre a mesa
de teus discursos?

Foste feliz, Benetti, amando
os esmoleiros de ruas?
E até viajaste de carona
num caminhão de lixo?

O que está dentro de nós
é o que estraga o mundo.

Odiavas o capitalismo como
um câncer dentro do fígado.

E bradavas, bravo,
do apanágio de teu porre:
“Da plataforma da verdade
ninguém cai.”

Mas tu caíste, Benetti.

8.

Covid, Covid,
aos olhos de tua
veloz atrocidade,

cada um de nós
é um molusco
que rasteja
sobre o limo
do medo.

XXIII

1.

Doutor,
leva embora o pesadelo
deste tempo de aberrações.

Prefiro as eulálias enfeitando
a imaginação dos botânicos.

E o canto das enxadas
trabalhando a terra
para farturas de
novas searas, e de
frumentos a perderem
de vista.

2.

É factível. É factível.
O retorno desigualmente igual
à costumária liça
do novo normal?

Quando depressa (voltará, ou não)
o extremoso afeto dos abraços?

E a seráfica alegria dos meninos
empinando pipas, instigará novamente
o chapéu azul das auroras?

3.

O vácuo é não-matéria.
O espírito é inorgânico.

Desde nonilhão de anos
o universo respira
pelo vácuo de seus
mistérios.

Se há Deus é Deus
antropocêntrico.

Microbianamente poetando, o vácuo
é uma faísca do firmamento.
O começo das almas juntando-se
às coisas que eram luzes.

E todos os vácuos eram vácuos
antes de serem vácuos.

Teilhard de Chardin foi um louco
que escrutou a cefalização dos insetos.

Ai que susto! Acordei.
A vida era o barulho do meu
sonho.

4.

Mover as pedras que
sufocam as almas,
dói meus dedos.

XXIV

1.

O que sabemos é treva:
o tombo para a morte.

Querubins promoverão justiças
de porta em porta.

Algozes e cordeiros brincarão
de espalhar a amizade.

E todos os juízes do mundo estarão unânimes,
com a “promulgação divina”
do amor.

Aí será tempo de reconstruirmos
a luz, cara a cara, com a vida.

2.

Ó humanidade,
“deixe que as feridas
dos outros
lhe sirvam de avisa”.

3.

Inverno, aliviai o estertor
das florestas em chamas.

E apaguei a excração
das labaredas devorando
os prodígios biológicos
do verde.

Amanhã, amanhã, quem sabe...
o inferno será outro.

4.

Enquanto estou criando,
eu me abstenho
de procurar palavras
para destruir a poesia.

5.

Foge, alegoria
de monstros!
Eu tenho compromissos
de perpetuar a prateada
inocência dos lambaris.

XXV

1.

A terra chorou.
E eu vi o meu avô
rachando lenha
nas trevas.

O frio era molhado de estrelas
e teu suor tiritava.

Cascas de árvores voavam
com a inocência das aves.

E o truz estrepitoso do machado
assombrava o viçor das matas.

Meu tio Zezé contava histórias
do lobo do cu queimado.

Um dia,
o cão de guarda
uivou lúgubre pelos
brocotós da floresta.

2.

Sou neto de lenhador, diz a certidão.
Talvez venha daí, (do telurismo desta origem)
este meu jeito rupestre de amar as árvores
no sangue:

árdego e passional, eu me exaspero de amor
por estas criaturas de organismo vegetal.

A todo instante, assassinatos ecológicos
transfiguram minha alma em hospitais de
feridas fumegantes.

A terra chora, macambúzia.
As que restam de pé (as árvores)
são caveiras.

3.

A poesia é minha parceira de suplícios.
A poesia me dá fôlego para moer o tempo.

Sim, eu sei, é pacífico.
Sou filho do crepúsculo goiano.
E, por isto, jaz na minha voz
o piado triste da jaó.

Quando eu nasci,
a poesia me escreveu uma carta:
“Toma. A palavra será o anjo
de teu ofício.” E as borboletas
abriram as janelas do hospital,
para o verão clarear a noite.

4.

Copas de árvores foram decepadas a facção
para salvar fios elétricos.

O verde virou lixo.

5.

Por favor, não me venham
com lástimas de ficção.

Eu não assinei nenhum pacto
com o vandalismo animal dos homens.

Acaso, serei eu o escrivão
do óbito da luz?

XXVI

1.

Amigo, se queres uma Caixa de Pandora de presente, instale uma linha de internet nas artérias de teu cérebro. E ficarás todo cheio de garbo, bonitão. Isto mesmo. E logo sentirás o quanto a anfetamina eletrônica o levará ás ondas magnéticas do ecstasy digital. Depois, (se eventualmente estiveres atacado pelos bruxedos do vírus infernético), arranques os dentes e os coloque no lugar dos teclados; e sigas a dedilhar a guitarra de tua neurose.

2.

Acorda galera, somos vestes da ilusão!
Estamos no meio do redemoinho epidemiológico.
E a Caixa de Pandora se abriu como boca de Facebook, nociva à saúde mental; ali, no coração da internet, a grande putaria do universo. Para onde se debanda a humanidade inteira, com os seus insaciáveis desejos de

ópio eletrônico.

E de minuto a minuto, a corja desses internáuticos se expande incontrolavelmente como vírus de pandemia:

políticos, charlatões, megeras, pedófilos, azêmolas, rábulas, loíos, tarados, imbecis, parvoinhos, biltres, energúmenos, traficantes, fanáticos, maquiavélicos, neofacistas, golpistas, loroteiros, mentecaptos, impostores, bandidos, racistas, homofóbicos, e brejal de formidolosos corruptos de mentes purulentas, libertinosos, falsos príncipes, caloteiros, ladrões e canalhas deste pântano magnético de emboscadas assassinas.

Acorda galera, desse vício alucinóxico que o arrasta à libertinagem coletiva da neurose digital. Há tantas armadilhas nos subterrâneos dessas navegações pelos oceanos dos Googles.

3.

Não tenho dedos de computador.
Sou de carne. E não dedilho a lira infernética. Confesso:
sofro asgos deste cosmos de opacos!

Ah, como me honra ser usuário em desuso!
O meu lápis de escrever é mais poético
que o lupanar eletrônica dessas telas.

4.

Para o pódium
das metáforas,
consagro Lorca:

o pianista
do labirinto,
dos palcos
e do vento,

por onde dormem
os “bois aquáticos”.

5.

Pão, carinho, bananas e água
aos comilões calitriquídeos,
que saltam com frugal perícia
sobre as águas do escuro córrego.
São dóceis e alígeros
em seus trejeitos de algazarras
pelas vigotas da varanda,
o limoeiro, o pé de manga
e a jaboticabeira.

Mordem gomos de laranjas,
banqueteiam miolos de pão
e depois voltam à destreza
de funâmbulos dos galhos,
voando como trapezistas:
os saguis.

6.

A luz
amanhece
isenta
da COVID?

Leio Brecht e o Eclesiastes.
E me abstenho da
usura dos políticos
engalfinhados na
disputa por cargos.

Minha alma inventa planetas
para esconder o coração.

7.

Cessai, ó tétrico
ribombo de noticiários!

Thchbumm...bummm....

E eis que entra em cena a diarreia
das lives.

Ave dos agouros crocita!

A dor do existir é terrível
quando se descobre que somos
“fantasmas de carne passageira”.

8.

Derramo esta chávena de versos
como quem desata o nó do pranto.

E choro duro, urina de anjo.

Esta tristeza me faz engolir
um copo de soda.

Porque há crianças gritando
desesperadas pelos escombros.

As seivas da razão estão secando.
Eu me afundo em Shopenhauer, Francis Bacon e
Freud;
e me igualo à “imagem inscrita na água”.
As perguntas me ferroam insônias
adentro. Enfeitar as trevas é impossível.

Não sou laboratório de poesia.
Mas me embebedo da taça de Emerson,
e endosso a vazão de sua verve:

cada estrela é uma letra,
cada flor é um signo.
E o ar é a canção do espaço.

9.

Os cachorros da noite estraçalham
o lixo, com seus dentes de fome.

Eu mando a minha alma visitar
o firmamento.

Zoa, zurra,
a palavra dói.

10.

A solidão afivela a angústia.
Os orientais teorizam o oco dos bambus.
E Zen é ausência de trevas, o vácuo do
cosmos.

Estou carregando as minhas mãos no
meio da rua. E sei que é tempo de
trancar sorrisos nos armários.

11.

Cuidado,
a ponte se imbica
na fenda do precipício.

12.

Eu disparei um telegrama para Deus
rogando-lhe prisão perpétua
para os agentes da Covid-19.
(Eles não param de abotoar
paletós de madeira).

Este poema é o fragmento do meu
sofrer, que se agrega aos átomos
da alma, multiplicados em prantos.

13.

Tu, Covid,
erraste a pontaria,
e bateste em porta alheia.

Vai-te embora,
micróbio de trevas.

A vida em tempos de Covid
é um aguaceiro de prantos.

E parou de repente
no sono de uma vírgula,

travando o sol
e o mundo.

Que diferença faz eu me incluir
às partes que não me cabem.
Nos outrossins deste não, estou presente.

Sou pedra de amolar facas.
Alma de comer livros.

14.

Agora é tarde.
A mão carrasca da civilização
arremessou fezes e tóxicos nas nascentes
dos mananciais. A água era lume
e se banhava na pureza do azul.

Pois que me cubram de porradas
se isto for imagem de André Breton.
Vou sozinho pra cadeia.

O homem do meu tempo pensa é
pela química do intestino.

Corsas do campo, gazelas,
deixem-me correr de parelha

com a minha velha tristeza.

Juro e me conjuro.

15.

A Covid
mandou a humanidade
ajoelhar-se no cocítio.

“Óh! Infâmia! Fechai as portas!”

A luz ondeia em suas
cores de citrina.

Foi da concha desse mistério
que eu trouxe, para olhos, essa
multidão de janelas. Daí sopro
meus acenos de pano ás abóbadas
do universo.

Ó golfada de saliva viral,
a desgraça está servida!

XXVII

1.

Meu sangue grugrulha.
Não sei contar fileiras de catacumbas,
nem o sono dos ossos nas gavetas da
terra.

Enxames de tristezas
cruzam o mundo,

chovendo luto na
alma dos vivos.

2.

Não tenho artes nem ciência
para deter as torrentes
de pranto universal,

pois o que o canto, choro.
Minha alma voa aos
pedaços, para dentro de
cada verso que escrevo.

3.

O chão estufa.
A palavra incha.
O ar se infecta.
O medo infla.

Me tragam, por gentileza,
o poeta do corpo(e a relva
transcendental de teus versos).
Estou “em ponto de fervura”,
entre o abismo e a Covid.

É Whhitman, barba de giz, quem o
chamo.
Ameigar meus passos por estas
escarpas de obscuras sinas.
E amarmos a canção em cada átomo
de nossas presenças, na matérias da
luz.

És o livro do
áspero grito.
Tu, tambor da América:
gavião molhado pelo
suor da poesia.

O que cumpres, borbulha febril
em teus versos quilométricos.

4.

Escrevinhar,
laborar,
engendrar...
missão terrível
de mítico ofício
(a ver se me decifro)
na sentença dos baldes sem
fundo das minhas Parcas.

A poesia é a biografia da emoção.
E fala coisas do espírito, atinentes
aos arquejos do sonho. Disto
não me abstenho, é antro de
feroz segredo
como a pérola
é o nascimento das águas.

5.

Querem comprar
a epopéia da minha alma?
Vocês puxa-sacos de Nietzsche,
da maconha, dos beats e de Ginsberg?
Zabumba. A máscara é o remédio.

Vai-se a epopéia, fica-se a alma.
Eu não sou prognose de Aristóteles.

Assim me reflito.

Todo mundo de bico fechado.
Por ruas, shoppings, praias,
botecos e pousadas, onde
brisa o sabiá, há, há, há...
Thibummm. Eu quero as palmeiras
guaranis de Mário de Andrade.

6.

O amanhecer traz o céu de volta.
E a grande estrela da manhã se liberta
da mantilha de tuas nuvens.

Depois,
uma trincha de sol espalha
sua poeira de metal-laranja
pelos cômoros de algodão
que enfeitam no céu.

Infinitas mãos de raios
clareiam a claridão do amanhecer.

7.

Pelas calçadas, eu me retroajo
aos fluxos do tempo, à procura
dos tripulantes da nau etílica.

Meu Deus, para onde foram essas
abelhas noctâmbulas da eldorada boemia?

Cemitério de garrafas.
Cemitério de mesas.
Que desertos,
 os tocos
de cigarro!
Minha vida é este
moer de sonhos.

8.

Novidade à vista anda longe?
Novidade à vista anda perto?

9.

Os braços são os remos do corpo.
O fôlego é o pistom do peito.
E as palavras são estilhas do léxico
semeadas pela alma do povo.

O céu é o estofo do vazio.
Condomínio das estrelas. O céu.

Mas o verbo, não.
É a munição do mundo.

10.

A poesia é a “sobrealma” da escrita.
E entenece a quilha da linguagem,
tauxiando cravos de rubis na epiderme
dos vocábulos.

11.

Quando o verso empaca,
eu não me consulto.
Porque “criar é viver
duas vezes”. E assim
não sendo, sou, quebrando
as hastes da lucidez, até
prostrar-me de encontro
aos brilhos da resposta.

A poesia carrega
os naufragos da Covid,
durante o alavancar
deste terceiro milênio.

Ai, que surto tive, credo,
ao atinar-me à força
da consciência!

Fria. Fria. Fria.
Que fria eu me meti.

XXVIII

1.

E não há fuzil AR-15 que derrube
o flagelo da COVID-19,
à baila, dentro do homem, no mundo.

Implantaram grades de masmorras
em nossos sorrisos.
Assombro teratológico, medo.
Enfadonhices de
uma angústia atrás
da outra.

2.

Os minutos foram acorrentados
às doses de pânico da doença.

3.

O que grassa, é sem graça, desgraça.

Lá fora,
um brisar de titônia sopra
as folhas do mogno.

E o caminho vai andando cabisbaixo
sob a bagagem de seus defuntos.

É o télos. É o télos.

Cada minuto é um
bombardeio de células.

4.

Lânguida claridade
atravessa o limoeiro.

Cantar é o meu albergue.

5.

Fedor de cera queimada
nas catedrais. Luto.
Os ateus não deram
adeus ao equinócio de março.

Mas as chuvas trouxeram
o outono carregado
de rosas lúgubres.

A pandemia excrucia
as nossas mentes.

6.

Irmão! Irmão!
Como tens sobrevivido
à travessia da
virose apocalíptica?

7.

Metidas, a rigor, em seus macacões
de anjos da vigília (circundando o
leito dos enfermos), as enfermeiras,
de mãos estendidas – sempre –
se derramam em gestos
de humanitária complacência
na refrega pela cura.

A medicina não dorme.
E não há Tirésias, na ciência,
para desvendar o vôo de trevas do
Coronavírus, imolando
a higidez dos humanos.

8.

Empurrei alto a minha rocha.
Não deu. Sísifo me arrastou de
volta: fui buscar o
meu recomeço nas raízes
da montanha.

Pensar é amanhecer o cérebro
no conteúdo das estrelas.
Ou subir no topete do vento
para ser parnasiano na
poesia dos passarinhos.

Eu sou assim mesmo: canto.
Porque pensar é insônia de
meu verbo descascando pedras
na ventania dos sonhos.

Pensar. E pensar. E pensar
é uma confusão de raios
sob o raiz dos cabelos.

O nada não me descansa.
E é talvez o cume de toda a vã
ciência do meu estoicismo, nesta
labuta de nãos e de sins. Tenho dó
de mim neste buraco de palavras.

9.

Como será o novo mundo que não será.
Será que será como será o será
do mundo novo? Gebo, asmático,
estreme ou paraplégico?

Ó Victor Hugo, “o dia acorda!”
Ó Pablo Neruda, “estive na ventania!”

O mundo, o mundo,
como será o mundo
sobre os trilhos do porvir?
Com cara de novo normal?
Se admirável já o foi
e de novo estará velho
em cima de outro novo;
todavia submerso
à catastrófica ressaca
do pós-Coronavírus,
enquanto o arroz e o trigo
permanecerão imprescindíveis
à rotina nutricional de nossas vidas?

O mundo, o mundo,
com suas coisas
no mesmo lugar?

Tanta angústia que eu me inferno.

10.

Quando o ferramentário humano voltar
à suarenta peleja da sobrevivência,
diga aos coveiros de plantão que
a morte pediu demissão;

e que bilhões de sobreviventes
já poderão arrumar as suas
bagagens de regresso às tarefas do

fruível Novo Velho Normal, estupidamente
adaptado ao território
do jamais o mundo será o mesmo.

Quando acabar o tumulto dos hospitais,
(e todos os respiradores forem desligados) –
diga à humanidade
que eu acordei para entrar no sonho.

11.

As estrelas de coifa
de Paris de Belle Époque.
A poesia epigramática de 22.
A bomba de 45. O soneto de 45.
O Cubofuturismo. O manifesto Antropofágico.
A praxis. O poema processo. A poesia marginal.
O verso livre, nu, panfletário.

E os mecanismos da metafísica
iluminando o filamento das palavras.

Oferendas de sangue
aos oráculos de Delfos, (onde
inventaram o hexâmetro?)

A linguagem abrolhou-se
do ritmo? O ritmo era vento,
ecoar de música?

12.

Mallarmé. Mallarmé.
Que quadrívio!

De Manet, o impressionista
do óleo sobre tela, ficaste
amigo?

E promovias saraus para
filósofos, poetas e artistas
da elite intelectual de Paris?

Das “paragens do vago”, nasceste
ovelha rebelde, órfão de mãe,
do acaso. E da ninhada dos
simbolistas, quiseste imprimir
tributos de artes plásticas
na fisionomia das palavras.

Desde *A tarde de um fauno*,
vinhas fecundando o poema
enigmático.

Trabalhaste o “visual das palavras
acima de seu significado”. E fundiste
ao hermetismo vocabular de tua arte,
a fonética, o conteúdo e o estilo?

Com tua taça de brinde
fúnebre, atravessaste
os modismos do século.

Eras o poeta versus a sintaxe,
transgredindo as formas do
verso arcaico, acadêmico?
Perfeccionista obsessivo,
mortificavas teu próprio corpo
para provar a autenticidade da dor.

Que profundeza tinha o
átomo dentro do verso?

Era auditiva
a imagem
do poema detonado
tipograficamente?

Abolir o acaso, podias?
Eis o quisito do infinito
no esquisito. Nítido horror
de pranto (onde “urra o sonho”)
em teu pórfiro de lágrimas.

13.

Pelo ermo urbano
do orbe-meu fôlego,

finco passos
e me chanto.
Floresce a paisagem
no pó do triste.

E as coisas, tão coisas como
coisas, não se parecem a nada, que a elas
possam parecer.

A crise não se dissolve. Mas
funde-se em vórtices de sinistro:

a vagina
da Covid,
fúnebre.

14.

As serras rangiam no
cerne das madeiras,
(cuspindo gorduroso
leite, no durante o corte).

A lua era fulva e gotejava
ouro no bigode do meu pai.

15.

A minha cabeça balança

na boleia da calamidade.
Para onde foram as borboletas
ouvindo Vivaldi na canoa?
O sinistro. O ministro, bunda!
O livro escreve as páginas do
pesadelo biológico, crônico
do século.

Já é outono no cemitério das praças,
e as rosas públicas se desabrocham níveas
em suas coroas de seda, odoríficas.

Tudo vi na comunhão litúrgica
daqueles órfãos ajoelhados
às súplicas das orações.

Policiais e bandidos, por favor,
não derramem o sangue das crianças,
nem fulminem a cabeça dos adolescentes.

O Rio de Janeiro é um monumento
crivado de balas. Isso necrosa o futuro.

E Cristo Redentor de máscara, também dói
naquele terraço de pedra
do Corcovado.

Chapéu de areias na
alma dos turistas.

XXIX

1.

O sol não adoce.
O céu não gripa.
Zeus não volta.

A terra, a terra,
é uma jangada
nas águas
do vácuo.

2.

Doença do mundo,
doença do mundo.

A maçã de Eva cura?
O sangue
do Gólgota, cura?

3.

A palavra está vazia.
A mesa está vazia.
O escritório está vazio.

O shopping está vazio.
A sala de sessões dos juizes, o
areópago, o cinema, vazios, vazios.

A urbe está vazia.
O orbe está vazio.
E a brisa, lá fora,
deambula-se, sozinha,
sobre calçados e muros
de sombras opacas.

A paz é a mão de uma menina
pintando sorrisos nos lábios
do amanhecer.

Até quando, quando o
“meio-dia será meia-noite?”

4.

As criaturas envergam suas cabeças
como se fossem réus de uma sentença
kafkiana, mastigando o grito
das orfandades.

A dor é ambulante.

In fine. Ficarei todo ouvidos
às batidas da eternidade
tiquetaqueando dentro do tempo.

XXX

1.

Debaixo da pia,
na doença do mundo,
um louva-Deus morreu.

2.

Charcos de prantos encharcaram
as matas
indígenas. As árvores choram.

As flechas careciam de flechar
as mãos dos garimpeiros.
As flechas careciam de sangrar
os olhos dos garimpeiros.
As flechas careciam de flechas
para velar o reino animal
de suas águas. As flechas.

Escurecia a tarde no beiral
de palhas dos ranchos bugres.

E guardavam luto as aldeias,
Pajé morreu de Coronavírus.

3.

Vento sem educação, por que
desmanchas o sal aquático
do meu pranto?

4.

Se o sol demora,
o céu me esfria.

Não e não, eu disse não.

A água flui
solicitadamente
solidária.

Da água-irmã,
sou usuário. Das nascentes
às torneiras, na boca e nos
olhos-vida-vida-vida!!

Terra e céu juntos numa só
fusão de opulência:
as montanhas precisam de chuvas,
e os homens precisam de feijão
em seus bródios de sobrevivência.

Os índios que amamos já
se mingam, dessangrados.

A serra do homem branco
derruba florestas, (desmata,
mata). Depois, arremata-as
a fogo e a machado.
O governo manda. O madeiro lucra.
Foice milionária do latifúndio.

5.

Não fartasse a doença pandêmica,
sem bandeira, apátrica, a bordo
do ar (no ar) o ar é a sua nave.
Vil Covid, ninguém vê: faz a
vítima e morre dentro.
(Mas não morre dela mesma).
Nunca. Nunca. Nunca.

6.

A minha rústica oficina é de papel.
A lixadeira é a máquina de escrever,
batendo letras em ritmos de coração.

De peito aberto aos vendavais,
eu me sobrepujo à rotina dos dias.

Sou serviçal de tantas bagagens.
Escrevo versos, filosofo, sonho
e lavo pratos.

Mas o que de fato vejo
é pranto.

7.

Livros remendados, soltando páginas,
como se fossem cascas de árvores anciãs,
que eu amo e preservo como órgãos vitais
da minha respiração. Livros à alma cheia,
e de seivosa luz à fome dos intelectos.

Ferramentas de papel, onde se guardam
áticas sabedorias de milênios, pelos
fios de palavras cosidas ao texto.

O texto é a canoa que carrega a
inspiração. Livros, mar de páginas.
Cada palavra é uma gaivota nos
ensinando a “estratégia do viver”.

Malgrado suas nódoas de amarela
velhice pelas bordas, o que se louva,
no conteúdo deles, é a luz imperecível
de sua ampla imortalidade. Livros.

Derrotando as traças do tempo.

Viver é para os deuses.

Morrer é para os homens.

8.

O todo infectante
viral-inimigo-epidêmico
deixou o aeroporto, transitou,
fez compras, andou de táxis,
subiu escadas, esfregou-se em corrimãos,
bebeu café, copulou-se; e depois viajou
de canoa a remo, para os brocotós
dos barrancos indígenas, com ordens
explícitas de comer vidas de
curumins, cunhatãs e caciques.
O Coronavírus, e seu algoz: o patíbulo.

Do orifício do Oriente (e sem mínima
identificação alfandegária), o dito
bacilo-letífero-do-tártaro,
é germe de infecção roedora
agigantado pela cadeia dos
espirros moribundos, e agora
é vedete internacional da OMS,
com seus escândalos de Imprensa
e o diabo.

9.

Bomba! Cães ingleses estão
sendo treinados para detectar
o cheiro do Coronavírus.
Cientistas comprovaram que
toda doença tem odor específico.

10.

Os acontecimentos da Covid
explodem, dia e noite, pelo
zumbido de zúidos das ambulâncias.
E os destroços da pandemia vão
se inscrevendo no arquivo
de nossas memórias, com suas
sombrias ondulações de mortes.

O tempo é o eterno hoje
consolidando o amanhã.

O tempo, no tempo da Covid,
vai de soro, a conta gotas,
monótono.

Vai de maca, vai de máscaras,
vai de álcool, vai de tubos,
de agonias, o tempo
no século da Covid,
hospitalar, diturno.

O tempo nu, obscuro, instalado
na luta de seu renascimento,
a cada instante, como “vestígio
da eternidade”. Ele mesmo,
fragmentado, correndo para o
passado, na duração do infinito,
aos fluxos de sua presença,
passando. O tempo.

Os astros não param de luzir
em suas moléculas de fogo.
E o oleiro espreme o barro
entre os mugidos do boi.

A obra chia.
E o vento carrega
o grito dos grevistas.

11.

Por tua pestífera arrogância, Coronavírus,
nos impactamos entre pasmos
e arrepios.

Assim tem sido. Os informes dos necrotérios
não dão brecha; e são estupidamente fatídicos
com a estatística dos cadáveres
ali despejados em seus
mármore de autópsias.

12.

Ah que vontade descabida de
dar um abraço daqueles de estralar
os ossos, naqueles que escandalosamente
amo, sem cobrar retorno.

O rio, as árvores e as planícies
estão entre eles (os humanos que iluminam
a ciranda do meu afeto). De almas e
sorrisos que poderiam ser meu
condomínio, de sol a sol.

Eu sou diminutivo
e choro à toa.

13.

Que vida é esta
de chuva de balas
abrindo buracos
nas paredes?
Que vida é esta
de vidas encurraladas
pelo medo?

Tiroteios pipocam
perto do céu.

As crianças se estatelam por debaixo
das mesas e das camas, de seus barracos,
(e não vão às escolas, e não brincam)
porque confrontos à bala enfumam
ruas e becos, com nuvens de pólvoras.

Crianças que se amamentam
de chupadas tetas, e de
leite de amargas lágrimas.

14.

Só nos resta saber se
as chuvas ficarão enfermas.

E até quando a humanidade suportará
o grasnido infernal deste flagelo
atordoante?

15.

Atenção senhores passageiros
do vôo Coronavírus!
A viagem tem começo, mas não
tem fim.

XXXI

1.

Passarinho do brejo
fez cocô no palácio.
O tambor fez a rima.
E a poesia salvou
 Atenas?

2.

O eu de todos está
no eu de quem?

Ó tortura de grandes enigmas!

O galo é o centurião da madrugada,
com a elegância principesca
de tua presença.

O galo desgoverna
a taciturnidade dos muros,
soprando os foles de tua nostalgia.

3.

O serviço de alto-falante
avisa:

*Por favor, cidadãos, todos
para dentro de suas casas.
Por favor, não transgridam a
quarentena!
A saúde é fundamental, adverte
o governo.*

4.

Deus não aponta o seu dedo
para punir os mansos. Nem veio ao
mundo num garupa de cavalo.
Deus é o céu voando
sobre as colinas do infinito.

5.

Oh, cartografia
de órbitas!
Teratológicos,
patológicos,
escatológicos?
A lira entulada,
arrebentada,
muda?

6.

Não enterram a minha poesia
numa selva de vermes eletrônicos.

Eu sou aquele que defeca na
fúria fúnebre da Covid.

A minha biografia tem água e tem sinos.
Já dancei em velórios, soltei meus demônios,
e declamei Baudelaire no alpendre das putarias.
Agora disparo a minha garrucha de exorcismos
contra os coveiros do livro.
O livro é a alma de um homem
entrando na alma de outro homem.

Eu sou o grande pateta desta geração prostituta.
Me abracem. Não. Já tive gonorréia.

Nunca dei porradas na luz. Mas aceito
tomar um porre com Dylon Thomas. E enfiar
a cabeça do mundo numa privada.

Os santos, todos os “santos morreram miseráveis.”
E o homem é um vômito de urubu.
E sou eu a garganta de Allen Ginsberg,
chorando os expoentes
“destruídos pela loucura, morrendo de fome,
histéricos, nus...”

7.

As enfermeiras derramam
o mel de teus sorrisos
na dolência dos hospitais.

O Coronavírus é “o mensageiro
da morte”.

Hiena sinistra, que extrapola e
assola.

Elegia de intrêmulo canto, faço.
Assim, passarinho eu.

8.

O firmamento é o cérebro de Deus.
O computador é o cérebro do universo.
E o cérebro do homem, onde funciona,
no fartum das axilas?

9.

Um rio de caixões escorreu
pelas ruas da Itália.
E pelos olhos de mármore
de seus monumentos, Cristo
lacrimou sangue.

Eu sou léguas de solidão, amigo,
e amargo como cuspe de bÍlis.

A palavra é o punhal da língua.

E porque não temos mais nada pra dizer,
é porque não temos mais nada pra dizer.

10.

Estatisticamente a curva dos mortos
não se achata, é nefasta. Mas a
cidade volta às ruas, com seus
frenéticos cupins de gentes.

Nada de novo, ó escuridão de infectados!
As endentações da vida recomeçam a girar.

11.

Dormir não durmo, é duro.
Sou vigia de espreitas.
Sono sem sono de esculca, espia.

De noites insones a contar carneiros,
é quando me campeio pelos prados de mim.
Cuspe de luz. Sono de cisco.

Prefiro o trabalho das Parcas
a ter insônia.

12.

E os apitos do trem percutindo
tristes sobre os trilhos
da lembrança. Fumaças de
deuses queimados na juventude.

13.

Quando então éramos imunes
à pandemia dos celulares,
e da paranoia dos
Instagrams e das chuvas dos *Whatsapps*.
O mundo era menos inóspito
(e sonhávamos
devagar com as calcinhas das namoradas).

14.

Descarga elétrica fulminou
periquito na aurora.
Ninguém viu.

A morte doeu na brisa
e a chuva pediu um
lenço para chorar.

15.

Na frutaria de seu Felisberto
o mundo funcionava sobre
os pratos da balança:

– **É dez cruzeiros, meu fí,
o quilo de queijo.**

16.

Lento amanhecer floresce
o lume do dia/ pelos
telhados e bancos de jardins.

Os operários retomam
o batente das obras,
fumando: uns batendo
queixos, e outros,
pigarrentos, crocitando
tosses.

A inspiração atravessa becos;
e é mais ligeira que
o aprumar-se do sol.

O frio trepa pelos dedos.
E o que falo, jaz.

Tocos de cigarros, garrafas
e gatos, nas ruas, conjuminando-se,
e já, com o ronco dos motores.

Dura pouco o que é segredo
nas armadilhas do amor.

O tempo escarva o sono do mármore.

E a paisagem é retorcida
pelo rilhar dos ventos.

17.

A Covid afrouxou
os parafusos do mundo.

18.

Aqui
quem narra o poema
é o cérebro do lápis.

Há setecentos mil anos
trabalhamos na alvenaria
das palavras,

o lápis
e eu.

19.

S'tamos no trauma do paradoxo.
Se gotejam esperanças,
o morrer dos mortos faz
morrer outros mortos.

É o pico do calvário.
Inferno.

20.

Diz ao mundo que a doença
é mais atroz que a matança
dos genocídios.

E que não há nenhum João
superior a outro João,
nesta jornada de encontro
com as garras do pó.

21,

Quando morre o real,
o que sobra armazena-se
no ar:
é o voar da alma

no corpo do vento.

Quando morre o real,
abrem-se fendas profundas
nos vazios de mim,
casca de cinza
pelas ruas
do mundo.

22.

A salvo, eu vou me afastando
de convulsão desses flagícios,
com as tralhas da imensurável
esperança (que revigora o meu
fôlego).

XXXII

1.

Filas abarrotadas
de sofrimentos.
O parlamento fede.

Cristãos e judeus, por favor,
liguem o motor de Deus.

Atolamos as nossas cabeças
na vasilha das angústias.

Cadê a mão azul dos horizontes?
Cadê a nuvem que puxa os rios
para o estrondo de suas
águas, na foz.

A minha alma explode
na alma dos versos.

E cada palavra sai sangrando
da boca dos dicionários.

2.

O reino dos pássaros pipiava
nos chuviscos.

E as agulhas de Penélope iam
costurando as chagas do meu pranto.

Cadê a estrada de ferro que me levou
àquela ternurinha de paixão
materializada
no relâmpago de um beijo?

3.

A infância não coaduna-se
com as muxibas da velhice.

E ser criança é ter o céu
nas janelas de um sorriso.

4.

Sem estouro de rojão
não há noite de São João.
A Covid faz a morte (e apaga
da fogueira) todo o revérbero
de teu clarão.

Quentão no peito, irmão,
para fingirmos que somos
meninos soltando balão.

5.

A nuvem,
de úmida tristeza
escumante – desceu,
e sentou-se sobre o túmulo.

Era o anjo que difundia a luz.
E vi que teus olhos choviam
sal vermelho de amarguras.

E o amor trazia nos olhos
a loucura de “me oferecer
numa taça / o ópio maravilhoso
do sonho”.
Eu chorei pétalas de fogo.

6.

Por ti, Pablo,
os ventos escreverão sonetos
nas crateras do gelo, com
a mão escarlate
de teus versos.

7.

Praga aviltante, abutre,
erva mortal, China,
estômago faminto
por baratas. Infame!

Ó sórdidas bocas, promíscuas
comedoras de morcegos vivos,
(sacrificados em caçarolas de
águas ferventes).

Ó desgraçenta Covid-19, germinada
pela pocilga de bactérias de
teus laboratórios inimigos de Buda.

O mundo paga a conta e
nós engolimos esta
chusma de cadáveres.

8.

Somos todos esmagados pelas
“pantomimas do destino!”
A vida e seu arsenal
de mentiras.

9.

A minha briga com
a poesia é corporal.

A alma fica mexendo dentro do peito.
E é explícito que é, que é,
disparar torpedos sentimentais
por todas as cadéias da melancolia.

Já estou acostumado
ao cair dos panos.

Nossas carnes – diria o vate
inglês – , são capim que a
morte cortará.

A cura é metafísica. Corram.
O pavio do milagre está se extinguindo.

10.

Senhas & códigos não
me deixam sonhar.

Máquinas não fabricam
pensamentos.

Códigos & senhas.

O simples sofre
para ser simples
dentro do simples.

O hermético funde. Fode.

Nem Pitágoras, da inventiva do triângulo,
aguentaria, na tabuada de sua gnose,
este oceano de códigos e de
senhas.

Os rios só se encapelam
conforme a loucura
de tuas correntezas.

As águas sabem o caminho
de seus exílios para a morte.

E o sorriso não precisa de
controles magnéticos
para florir-se da ternura facial.

É a lâmpada da alma espargindo
centelhas de firmamento no rosto.

Nem o subversivo da Galiléia, maltrapilho,
cogitou-se de chips para manter
acesa a flama feérica de tuas parábolas.

Ó aberrações de burocracia fabricada
pelos demônios do dinheiro,
por que infernizam
a inocência das minhas chinelas?

As estrelas e os grilos
habitavam
a imensidão das minhas noites.

E por favor, eu imploro: façam
reverências ao palácio flutuante
das borboletas.

O arco-íris é o diadema do céu
na cabeça dos horizontes.

11.

A notícia do pedreiro correu mundo de ouvidos.

A polícia sepultou no
homicídio dele o que de
melhor pulsava nas gotas
de teu suor: o sonho.

XXXIII

1.

Falta pão,
falta dinheiro.
Come-se agonia
o dia inteiro.

Falta pão ,
falta emprego.
O vírus desgraça
o mundo inteiro.

Faltam UTIs,
remédios
que imunizam.
Um bólido
no céu, falta?

Por dentro, eu
em mim, não ando.
Estou escuro,
em soçobro.

E tudo
é asfixia.

Se velo a rua,
fico criança,
com pavor de
ambulância.

3.

Como curau.
Subo no telhado.
Serro tronco
de canela.
Conserto
o céu?

Vivalmas de Nova Iorque.
Vivalmas de Milão.
Vivalmas de Madri. Vivalmas
de Lisboa, de Caracas, de
São Paulo e Rio de Janeiro,

a vida desacontece.

4.

Uma garota de sombrinha
vasculhava o capinzal em busca
de dengue,
quando o áspero sol partia a

tarde, ardendo no branco
alado dos insetos.

Sou eu,
sou eu,
a envenenar
dardos
contra a Covid.

5.

O primeiro de outubro de dois mil e vinte
chegou nervoso,
derretendo pedras
com ventos de exorcismos, na primavera.

Mas a digníssima matrona dos astros,
luarando o mundo, reapareceu
como um prato de fogo
subindo
pelas escadarias do infinito,
sem que nenhuma platéia
lhe rendesse um troar de aplausos.

E eu,
cá da
angústia desta janela,
diviso o território
das águas queimadas,

enquanto insurrectos grupos
de crianças se esperneiam,
birrentas e histéricas,
para manter-se viciadas
aos jogos eletrônicos
dos vídeo-games.

6.

Vigiai, ó musas de Apolo,
o juízo dos homens,
para que não metam fogo
nos pulmões da terra.

O ar agradece.

7.

Atenção, diaristas, funcionários
públicos, frentistas, pedreiros
e balconistas - recrudescam os freios!
Variantes da Covid estão no topo
das transmissões.

Recolher semblantes, ó chusma de
idosos!
O governo é uma mula.
Leão inútil
que rosna,
petulantes

CPIs, deboches
e agressões à imprensa.

Desmatamentos e lorotas
de linguarão, baba de asno.

O país se desmancha
como um pastel na chuva.

XXXIV

1.

Emoções e comoções,
a roda do mundo travou.

E eis que se ergueu o grande
exército da solidariedade:
mãos de todas as pátrias
se juntaram na bandeira
do ADJUNTÓRIO.

Caminhoneiros, acalmai!
Desempregados e mendigos, acalmai!
A generosa árvore do pão
renascerá do sangue de teus frutos
no combate à fome que lhes aflige.

2.

Colapsos nas funerárias do Equador.
Até à exaustão, até à exaustão...
com cadáveres à espera de autópsias.

É pacífico isto?

Às onze da manhã
um bafo de tristezas
me balança na rede.

É o sopro maldito do
flagelo defunteiro.

3.

Que vórtice de aberrações
és tu, Coronavírus?
Estás brincando de lavrar epitáfios
nos olhos da humanidade?

O Novo Coronavírus é feze
de micróbio. Bicho invisível
diabólico, que circula de boca
em boca, infeccionando o hálito
dos mortais.

4.

Que felicidade
de suprema beatitude!
Recebi um livro pelas
mãos do carteiro.

5.

Sibilos tristes de anus.
E arfadas de sôpros anunciando
a temível doença
entre os homens.

6.

E a primavera, coitada, deste
escabroso ano de Covid-19,
retornou ao colo da natureza,
assim toda espectral, judiada
e fedida (recendendo cheiro ruim
de sangue queimado) de bichos,
de relvas,
de prados,
de árvores
e de vidas
derretidas
pelo maçarico
das labaredas.

XXXV

1.

Monísticos e monoteístas,
somos a “queda para a frente” e o voo
da argila para o pórtico do vento.
Atravessar a ponte é queimar
as trevas.
Dilatar a íris.
Procissões de velórios já
invadiram as portarias
do céu.

Pelos caminhos que fui, cantei.
“O universo é o corpo de Deus”.

É vital, e whitmaniano que Deus
segure “a humanidade em vossas
mãos abertas, como se fosse um
brinquedo efêmero?”

Eu cubro o meu rosto
com as alfombras da cinza.

Pois o resto é nada,
tapiz de mentiras.

2.

As tardes se coloreavam
de cinza funéreo. E sombrias
e negras, de repente, as tardes
(se sucumbindo, monótonas,
na inundação dos óbitos).

3.

As nuvens pareciam fardos
de algodão, no espaço,
flutuando.

 Ou níveos
desenhos esparsos que
se metamorfoseavam
no infinito,
as nuvens.

Ou pãinas ensopadas
de cal,
 no céu.

4.

Cá embaixo,
“a miséria emporcalha a vida”.

O povo mata o povo no
abafadiço dos coletivos.
(Enlatado, o povo
em seus traslados,
a bordo dos sacolejos
e estopim de mortes).

O povo mata o povo,
expondo suas vidas
à travessia do “sal
extenso” do perigo.

O povo mata o povo
pelas gotículas do
latente Coronavírus.

O povo mata o povo,
lado a lado, com o
vírus, na viagem.

A juventude mata a juventude
no pancadão de seus bailes clandestinos.
A juventude
na delinquência de suas esbórnias,
arrastada pelas noitadas da Covid.

XXXVII

1.

Passarinho gemeu nos ombros
da tarde.

Passarinho quebrou o
crisol das lágrimas.

Chuvas de abril, depois do
trator e do trovão mecânico.

Gemeu, gemeu...
misteriosamente triste
entre os adereços fúnebres
da tarde.

Um domingo de pandemia é
um cemitério passando
por cima de nós.

“A cidade no esperma do medo fermentou”.
Obrigado alfaias da madrugada.
Obrigado cálice vermelho de metáforas.

Obrigado ética de Cristo, ditames
de Moisés.

O dicionário é o hotel das palavras.

2.

O frio da manhã desengraça
a expressão das coisas.

Parece

jarra de junquinhos murchos: insípido.

Porque já se movem os dedos

do inverno, nos ermos de cá

e de lá; na parede e na relva,

na flor e na janela. Insípido.

Apresso a emoção para

esfarelar a eternidade

deste frio infiltrado

na epiderme das coisas.

Abóbora quebrada, sim:

exibe seus miolos de rubra cor.

Com o sol ainda

no aloj das nuvens,

e já gotejando inverno

na códea das árvores,

extravagâncias incandescem as

minhas ideias.

Como haverei de velar
o estrago catastrófico deste milênio?
Pescando almas no vendaval?

Esses dias miseráveis
de nevoeiro epidêmico,
propagam sequelas danosas
no arquivo psíquico de
nossas lembranças.

É como se os ferimentos de
Deus, na cruz, viessem sangrar
dentro de nós, tal qual uma luz
pedindo socorro às mãos
de outra luz.

3.

Modernidade, eu te odeio,
ó monstro de parafusos!

Oco que rói, ciência do mal.

A máquina não obedece
a voz dos apotegmas.
A máquina é o
massacre do planeta,
lá onde corusca o relâmpago
sobre a copa das florestas.

Eu amo as lamparinas e os papiros.

À guisa de todas as filosofias
esse mundo é uma ilusão.

As águas de outrora brotavam
da pureza dos cristais.

E ouvia-se a cantatriz
das fontes,
e seus cochilos com
o vento.

4.

Ó fleumática paciência
de relojoeiro, me ensinas
o pentagrama das palavras,
tiquetaqueando na solidão de teu
ofício:

trama de sonhos que se alastram
pela nuvem de outros sonhos.

Com pedaços de paixão,
eu faço a matéria do poema
respirar.

5.

Chaspeia em minha cabeça
o precipício tecnológico
dos computadores.

É o triunfo da geração
sem cérebro,
nos arrastando para os
subterrâneos da velocidade digital
dos *Instagrams*, dos *Youtubes*, dos *Googles*,
das *Drives*, dos vídeos e dos *Play Stores*.

Arrancaram o infinito
e o armazenaram numa
minúscula partilha de chips.

As línguas perderam
a poesia semântica
de seus diálogos.

E o mundo agora
é um mar de bocas
conectadas em *on-lines*.

A sociologia dos justiceiros
derrubou estátuas de tiranos
sanguinários.

A história
faz a catarse.
E eu me lembro – ah, se me lembro! –,
que estudei anatomia em caveiras de
mamão.

6.

– Desce mais uma, Elpídio!

O Araguaia me pesca.

A voz humana rasga o espaço
veloz como bala de revólver.
Somos bonecos com focinheiras
ao brilho oco dos Feedbacks.

Escuridão terrível do mundo novo.

– Desce mais uma, Elpídio!

Índio Karajá me espera para
subirmos o rio, até a Ilha dos
Macacos.

O sol já leva embora o
maçarico de seus raios.

7.

Ai de nós
coronautas, coronautas, nautas...
contemporâneos do vendaval
 epidemiológico,
escancarando
o orifício
de suas trevas,
 sobre nós
 argilas do efêmero.

8.

A transmissão viral
acelera a calamidade.

Helicópteros decolam de
seus plantões de socorros.

Moribundos
superlotam enfermarias.

A poesia sofre, se mortifica.

A taxa de ocupação hospitalar
bate novo recorde, pelos estertores
 do limite.

Filas de pacientes (um, dezenas,
milhares de outros e tantos...)
perdem a batalha, antes mesmo
de se acamarem sobre as
mãos da Medicina.

São covidianamente vencidos,
aos montões, nas portarias
das Emergências.

O cenário descreve a estupidez
da geração necrológica.

– Tira o dedo do nariz, menino!

9.

A história não engole
homens sem biografia.

Eu sou um deles,
bagaço de sonhos
enxurradas abaixo.

10.

A minha alma é um tumulto.
Fujam! Os vermes da Covid
atacam em pelotões de
micro-partículas.

XXXVII

1.

Tempos de vidas súplices,
à espera de gotas de ar.
Pacientes intubados
naquele cenário de
carrerias e sondas.
São quilômetros de óbitos
lacerando o colo da terra.

Escuro ventre de
subterrânea paz.

O vírus solapa,
come, faz a vítima.

E enquadrados nos
quadrados dos nossos quadrados,
divisamos aquilo que nos
apavora pelo fantasma do
medo.

2.

É tétrico de tédio
o ritual desses caixões
à espera de entêrros.

Gemer é tarde.
Sonhar é tarde.

A morte é precisa,
não falha.

O amor
se mobilita
pela força
da cura.

E aos médicos entregamos
a nossa melancolia.

3.

Tristeza não é coisa
de se doar. Anjo,
me ensina o verbo amar.

4.

“Cala-te, louco bardo!” Adverte-me
o noivo da morte.

Obstinado não me obstrinjo,
nem a lira entrego às
patas do lobo.

É a sina do plectro:
cantar ensina-me o céu.

5.

Propércio, tu que cantas
em trenos fúnebres, conduz-me
à vivenda de Mecenas. Preciso
apertar a mão de Horácio, travar
prosa com Virgílio, descobrir
o gênio de Ovídio e a poesia
de Ponticus, de Bassus e de
Linceus; esses latinos guardados
no museu da palavra.

6.

Essa coisa de viver entre coisas
é coisa de se não pensar em outras coisas;
na coisa-dinheiro, na coisa-sexo,
na coisa-morte. Vidas de coisas,
que coisa sou eu?

7.

Amargo é o bombardeio dos noticiários
fumegando em nossos fígados.

Amargo é ver as cadeiras empilhadas
entre os cordames do isolamento.

E a debandada, trânsfuga, da freguesia.

8.

Este nascer de palavras
é feito a ferro, soda e fogo,

e de um permanente
doer maligno.

A Covid faz o estrago
e a morte faz a obra.

9.

Bandeira dizia-se ter
engolido um piano.
Eu engoli um dicionário.
E agora?

A poesia é o assédio
da minha insônia.

Bagunça tudo, até a
privacidade dos cobertores.

10.

Eis-nos, descritos.
O câncer também vira Covid
e rói.

“Amigo! Irmão! vou te levar
o trigo das terras do Egito.”

Poetas do mundo, juntai vossas
mãos, num só cântaro de água pura.
E louvemos os deuses desaparecidos.

Vou encher de pedras os meus ouvidos.
O eco da vida me repete a ilusão
dos copos me bebendo,
no antro das noites.
O areópago de Atenas diplomou
togados pelo “andar dos séculos”.

Escurecer é distanciar as
nossas almas do tátil calor
de amarmos uns aos outros.

11.

Vou subindo a rua da Saudade.
É dois de abril. E o capim
se qualha de pardais.

Vira-latas no cio.
Pombos e gatos no lixo.
Fome. Grãos de arroz podre.

A estafante mesmice dos
lares em seus quadráticos,
suscita salsadas de desamor.

A repetência dos lençóis
e das mesas.
A repetência do termômetro
das emoções.

Se há renúncias,
tem açúcar.
Se há estouro de ódios,
as alianças se partem.

Se há entreveros, rixas ou
cizânias, a família se esfiapa.

Casa é teto
e teto é abraço de entes,
caramanchão de alegrias,

café coado, estalo de beijos,
saladas de frutas, sopas e amor.

A casa é canto de retorno,
das fadigas do mundo
às janelas do sorriso.

Casa é onde relógios
e corações trabalham,
como se ambos fossem
carnes do mesmo ventre.

Casa é sonho
de tijolos
e pão.

12.

Fico pensando.
Tudo isso é
embalde de debalde.

Chupar de ossos.
Corrosão de fogo.

13.

Cidade, cidades, cidades
recolhidas ao sono caseiro

das persianas cobertas
pelo pó do medo.

Cães uivando das
profundezas de seus destinos.

Mulheres salivando angústias
(da Covid) em suas orações.

Os mendigos não abraçam transeuntes.
Os mendigos carregam almas de
anjos, e por isso, não são
vulneráveis à peste da Covid.

14.

A Covid coroou-se
de mídia universal.
Popstar à frente
de Homero e da Bíblia,
de Cristo e dos Beatles,
de Élvís e de Platão?

A Covid,
mãe
do vírus.

A ave
do nefasto,
urubu,

da infecção
e do flagelo.

15.

A plumagem do meu cão de guarda
cintila como veludo
caramelado.

Mas o asco da mesmice
se transborda pelas bordas.

Alguém bateu pregos nas
pernas da tarde,
e quebrou o osso do dia.

16.

As cidades precisam de andaimes
para subir suas construções.

As cidades precisam de músculos
para empurrar o comboio
de seus negócios.

As cidades precisam de engrenagens
financeiras,
para subir os seus guindastes
acima do futuro.

As cidades precisam de árvores
como precisam de infâncias
na aridez da paisagem.

As cidades precisam de sentimentos
para conjuntar os homens
pelos elos da concórdia.

Mas precisam também de
inventar folguedos nos pátios
das escolas. E salvar a meninada
das baboseiras eletrônicas.
Ensinar-lhe sobretudo a poesia da
vida, a dignidade do pão, da liberdade
e do amor.

Os meninos aprenderão que a
justiça é a luz que destrava
as portas da razão. “Para que
tudo se ilumine”, entre
o lobo e o cordeiro.

Este é o caminho. O outro é o mesmo.

17.

O luxo burguês esbanja
quarentenas regadas
a piscinas e uísque.

Os trabalhadores e os pobres
se aglomeram em filas de adjuntório,
para evitar o colapso das
geladeiras vazias.

18.

Nunca tantos mortos
(que não morrem)
em mim, na lembrança.

Nunca tantos povos inteiros
se enxamearam de mortos, vi.

Nunca tantos destroços de famílias
colhi, na pauta
do poema.

Nunca tantos surtos de
assombros inenarráveis, vi.

Nunca tanto a Covid intubou
tantas vidas na infernação
hospitalar dessas dores.

Nunca tanto.

XXXVIII

1.

A Covid desconstruiu a humanidade.
Mas o sonho persistiu-se de pé.

A palavra difunde a luz.

Ilusão minha colocar
a enfermidade pandêmica
num poema de papel.

As coisas do mundo
para o homem e para o mundo,
foram feitas.

E de Temuco a Estambul,
o verme do Corona alarmou
as sirenes do pânico.

“Luz sobre luz!”, reza **O ALCORÃO**.

“Moisés atirou seu cajado ao chão,
e o cajado se converteu numa serpente”.

E a serpente se fez Covid,
da China para o mundo,
superlotando a hotelaria
fúnebre das necrópoles.

2.

Estrela companheira, me segue.
Árvore do céu, eu quero sonhar.

3.

As andorinhas são afáveis
em abrir as portas das nuvens
para o dia amanhecer.

Nossas almas
suplicam
tréguas.

4.

Leitores (meus irmãos) de
aqui e de alhures. Peço-lhes
não reparar o meu jeito manual
de ser. Sucede que há um eterno
mexer de ferramentas no meu sangue.

E tenho, por índole, odiar a modernidade,
ao estilo simbolista de Charles Baudelaire.
Isso me custa um naufrágio de Titanic:
ser antípoda da tecnologia assassina.

A minha alma suspira
pelo pulmão das lexias.

Sou Pteros de
“amor alado”.

O Bié de seu Tunico pescando
a lua no rio dos Bois.

E o meu tempo de nascer ainda
não chegou.

5.

Poeta Itaney,
a vida vai no fazer.
E o fazer é verbo:
faz a água correr.

Monjolo que maceta solidões
no meio das madrugadas.

A vida vai na vertical, irmão.
E de pé, pé a pé, da formiga

ao boi - o sol é o caminho.

Fôlego de luz
que respiramos
dentro de nós,
 ouvindo
o grito dos
martelos,
 nas obras ,
 nas oficinas,
e nas mãos dos homens
onde funciona a fábrica
 da vida.

6.

As palavras pescavam
inspiração no ar.

Não, doutor Itaney.
Tu tinhas a chave do
primeiro verso,
naquele pôr-do-sol invadindo
o átrio da Justiça. E tua
fala, de brilho lapidado,
enfeitava a alma dos ouvintes
com chuvas de atavios verbais.

Foste longe, ó vate de toga,
e nos fizeste entender as elucubrações

da poesia, desde a derrota dos
deuses, construindo os seus
templos na escuridão do pó.

Os iambos e os dactilos calaram-se
com a morte dos rapsodos, na
poeira do tempo. E nós somos
as cordas de seus alaúdes,
plebeus e palacianos.

Aprendemos com os papiros do Egito,
que ardemos “numa chama sem fogo”,
e sofremos “de um ferimento
sem sangue”. - É a didática
da poesia, no calvário de
nossos sonhos, ó maquinista
das leis!

A tortuosidade da vida
nos guindou para
caminhos esdrúxulos.
E a internet, essa coveira
de livros, esvaziou o palco
da poesia.

É o desastre intelectual
das gerações.

Avaria estrambótica para

os destinos da pedagogia
nos umbrais do amanhã.

7.

As árvores são
os braços da terra,
ó antólogo de “Iluminuras
do Signo?” Homem+fardo do
semeiar.

E as mãos são o chapéu
das árvores.

E os dedos, os galhos
da fecundação.

8.

E os que daqui
se debandaram (mortos
para o além) - foram
“fazer discursos para
os vermes”.

XXXIX

1.

Vou de bote a Morrinhos.
Os rios da mente me levam.
Eu remo, nado e vou.
Eu vou de bote a Morrinhos.
E vou. E vou. É agudo o meu
cantar nos palanques
da relembração.
O bote me leva.
Odysseus me rema.

Cadê o Dr. Freud
para aplacar a esquizofrenia
desta saudade?

– Vamos, Cidália, paquerar o céu.
O teu sorriso me espera no
berço de uma canção.

E tem cerveja, às fartas,
na porta do cinema?

Ó minha doce ternurinha de Morrinhos,
cadê você, de batom puníceo,
tocando piano no auditório
das nuvens? E eu de cá
cobiçando as centelhas do firmamento
para luzirem na cerimônia de
nossos beijos.

Eu sou o teu menestrel bayroniano,
Romeu do asfalto, Pã de rua,
e engraxate de tua montanha
de sapatos, lá nos ermos da
roça de Inicuns.

Foi na fazenda de seu Guilherme
que soletramos o livro das águas,
tu te lembras?

XL

1.

Na província de Guayas, Equador,
famílias não tem dinheiro
para cobrirem de terra
os seus mortos.
Em Guayas, defuntos são despejados
às moscas dos meio-fios.

E fedem. E fedem
a vazios de finados
no olfato dos entes
queridos.

O cego lia
o vôo das aves.
Tirésias, o
vidente de Édipo,
bradava, das torres
de teu vaticínio:
“O infortúnio se atira
sem descanso”.

E será “fraco o luar
da esperança.”

É suportável isto?

2.

O sol não apaga a
turbina fosfórea
de seu lume.

O vírus está no tempo.
Carniceiro de pulmões.

As lojas abaixaram as
portas, confinando-as ao
deserto de seus abandonos.

Caixas vazios, sem
fluxo de proventos.

O governo arranca os cabelos.

A miséria persiste.

Os fornicadores de plantão
lambuzam seus lençóis de amor,
pingolando, entre gozos e espermas.

E de um só nocaute, o Coronavírus
freiou as rodas do mundo.

E como fica isto,
é retornável?

3.

Prescrições da soberana OMS
advertem:
amontoados de gentes em
eventos de pinga e foguetórios
estão proibidos. Abraçar parentes
e amigos também é vedado.
Bem como chorar não pode:
prejudica os vizinhos.

Tapem as narinas. Usem máscaras.

E não saiam de casa.

A quarentena nos fez réprobos
de prisões domiciliares, com
ditames proibitivos, rijos...
Ai de nós, os anosos de
risco! Que aguentemos a refrega!

A quarentena nos fez rastejantes
da mesmice, detidos, restritivos,
ao enfadonho vagar das horas
se definhando em sulcos de eternidade.

4.

Estourou um relâmpago
na cabeça do túmulo,
e eu saí correndo,
gritando: Meorá! Meorá!

A voz de todos, ubíqua,
“quebrou-se em lágrimas.”

5.

A luz me sobrepuja.

6.

A mística da minha seita
é o vento. Desde a cosmurgia.

O vento é cheio de dedos
e colhe macambúzios nos
álbuns de nossas memórias.

O silêncio se recolhe
às fendas do penhasco,
às luarentas noites
das secas de julho.
Grãos de centeios
e trapos de lembranças,
o vento carrega com
o suspiro de seus
assovios.
E traz as chuvas
para surdir o trigo.

E o grande pão sobre
a mesa das auroras,
estrangula a orexia
das fomes.

7.

Os esqueletos subirão pelas
janelas à procura de seus entes.

Os corvos virão para o jantar.

É dizível isto?

8.

Cristo. Ó Cristo! Tu que moras
no vasto império, entronado
à boa aventura; dê cura,
paz e consolo aos que padecem,
moribundos, entre os martírios
do Coronavírus. Eu me prostro,
humildoso.

9.

Nenhum dos vocábulos que perambulam
pela boca dos homens
elucida
a calamidade deste pesadelo.

Mães do mundo, não se afligem!
Nossas vidas são ciscos que voam
entre milagres. Nós, os sobreviventes
da Covid-19.

10.

Se Cristo proletário, o
Rei dos reis (e Agnus Dei) -
lanhado pela hasta de Herodes,
encontrou Cirineu, entre os
estertores de tua ensanguentada
Via Crucis;

eu, o estro,
(lâmparina de barro),
encontrei Felicíssimo Sena,
de sorriso lhano, aberto,
às rascadas de peleja
deste calvário
de tudo de mim,
pela poesia.

Fardo de acúleos cravados
nos ombros da minha alma.

11.

Eu choro pedras.

XLI

1.

O noticiário intoxica,
torra os nervos.

O cataclisma veio da China.
Diabo! Que monstro é este que
prolifera as gotículas da morte?

Enigma de trevas. Fecundador
de óbitos.

2.

De dentro deste
ioiô de pesadelo,
suplicarei bênçãos
aos monges e aos
mosteiros da Índia,
que nos borrifem
com o óleo sagrado
de vossas preces.

Os incensos de Gautama
e de Gandhi também curam?

3.

Alarmes ininterruptos
atordoam o trânsito.
E os avisos da doença
dilaceram os tímpanos
da cidade, madrugadas
adentro.

A medicina ferve.
Tubos de oxigênio
e balões respiratórios
se misturam à parafernália
das UTIs, onde a vida
se amofina por gotas de ar.

O poema flagra o desespero
das insônias que transpiram
compaixão e amor
aos enfermos.

É a chaga do milênio
devorando os homens.

XLII

1.

A inspiração trabalha
nos escuros do amanhecer.

Amontoados de papéis,
quedos.
Eu ponho os meus livros
para funcionar.

As imagens iam caindo
da procissão dos mortos.
As imagens iam escrevendo
o sinistro na minha cabeça.

Libando tristezas.
Libando tristezas.

Ó chusma de viventes emparedados
no exílio de sua vivendas!
Ó aferros de paranóias!

2.

Quatro de abril. Sábado.

Ouço o chiado do meu
tênis no asfalto.

E viso, assombrado, o
lustroso silêncio das
nuvens em suas metamorfoses
de éter no infinito.

Nas alturas de Cronos.

Todas as ruas relembram
vultos ajoelhados em
cerimônias de pêsames.

Sombras não se mexem.

Apenas o garbo das palmeiras
flamula nos píncaros do verde.

3.

Pela perícia dos hospitais,
aflições e correrias alvejam
o triunfo da CURA (pois a
mão de cada enfermeiro é
ensombro da solidariedade).

Os governantes se engasgam
com a estupidez de seus decretos.
A peçanha se avulta, estertorante.

O silêncio plange
na dor de seus metais,

e na minha mente.

Ingiro água tônica
a ver se extermino
o engulho estomacal.

Os “rios voam”,
numa imagem que não é minha.

4.

Sigo.
Sina de réprobo,
em calabouços de
agonias familiares.

Ninguém visita ninguém.
Ninguém abraça ninguém.

Solidão estupenda de
ciprestes: aléias
de túmulos.

5.

Lixo esparramado. Calçadas,
cenas arruadoras: um pedreiro
e sua escada aos ombros,
passa.
Batalha de moscas.
O céu está fugindo.

6.

A igreja, os Direitos Humanos e o
Congresso
são exércitos de arrimo à
falange dos bandidos?

E o que apregoa a política
do cinismo:

dizimar inocentes é permitido?

Linchar ladrões, estupradores,
e demônios-feminicidas

é pecado,
crime hediondo?

E dá cadeia? E agride, acaso,
a santíssima Teologia

de Roma?

Suras, Torá, Deus,
o que diz a suprema Luz
do Além-túmulo?

7.

No admirável mundo vindouro,
os pratos e os talheres levitarão
por controle remoto? E ninguém precisará
de músculos nas mãos ou na boca? Os
alimentos serão magnéticos? E as domésticas,
perderão seus empregos, substituídas
por robôs?

No admirável mundo vindouro,
já estará o cérebro humano
respirando por um chip?

É da índole dos homens fabricar labirintos
sem prévias anuências de Dédalos.
Os homens adoram inventar ratoeiras
ardilosos e pusilânimes, na ação
de seus delitos.

No admirável mundo vindouro,
os poemas virão a lume
por radiação de canetas
a laser?

Ó vates do porvir,
não acionem as ignições!

8.

Que maltrapido foi aquele
passeando com a sua lagosta
pelas ruas de Paris?

À porta do albergue, rua da
Velha Lanterna – que grade foi
aquela que enforcou Gérard de Nerval,
a 18 graus abaixo de zero?

Que pureza de loucura
pariu *As quimeras*?

Enturmou-te aos comedores de ópio,
do *Club des Haschichins*, e tinhas
vergonha que Deus o visse ali,
lado a lado, com Charles Baudelaire
e Alexandre Dumas?

Orfeu torvo, pelitrapo, “vencedor
do Aqueronte” – das cóleras mentais
à sombra luz da consciência –

engendravas teus sonetos de treva?
Droga, miséria, fome e bebida
consumiram-te na insânia do
suicídio.

Já faz uma montanha de anos
que o sono horizontal de teus ossos
irradia o leito tumular do Père-Lachaise
de Paris.

XLIII

1.

A tempestade fendou
o caroço das minhas ideias.

Os dedos do tempo
esparramam o sementeio
de rugas.

Dona Silvia fabrica sabão
caseiramente roto (e
fervido em tachos de cobre.)

E solta espumas com cheiro
de melaço.

O céu sepultou seus deuses
na necrópole de alguma nuvem.
Não se sabe onde.

O céu é estupidamente
profundo
no berço de seus relâmpagos.
O céu.

2.

Nunca a mente humana
atarantou-se tanto assim,
espavorida. Cada acontecimento
é uma pedrada no engenho
cefálico da consciência.

A Covid empalamou o mundo.
Dois mil e vinte transbordou-se
em defuntarias de *freezer*.
E macabra é a curva da pandemia,
que não para de subir em ritmos de
sinistro.

Pelas frestas da imaginação, eu
enxergo o “trigal dourado” dos campos,
e respiro: chegamos. Ali é o Cais
da Salvação.

3.

A paz perdeu a paz.
E adoeceu-se, claustrofóbica.
Faltam leitos. Faltam urnas.
Faltam médicos. Os aviões rasgam
montanhas de nuvens, com seus ventres
abarrotados de suprimentos, de água,
de sumos e de remédios. O cenário é

ignóbil, de guerra, onde países
socorrem países, entre súplicas
da despêro.

A dor se empoça
no pântano das amarguras.

A luz desceu vindo
pelo abismo
de suas estradas.

Era Deus apeando do trono
celeste de tua imortalidade.

Regras duras, limitativas, obrigaram
a humanidade a vestir focinheiras
em teus semblantes. Tragicômico? Não.
Máscaras de Zorro, sim. A vida não
se compra em garagens de automóveis.

4.

O meu grito arrepiou pedras.
Colidiu-se contra muros, persianas
e vidraças. O grito, o abraço,
o pavor... e depois voltou
às voragens da minha boca,
com gosto de tarântulas
massacradas.

5.

Aos avanços da
desgraça iminente,
uma luz
me guiava,
pelos ímpitos
da torrente.
Era o farol
do cosmos,
despetalando
o fogo
das estrelas.

6.

– Óóóó...cidade!
E não vi ninguém. Exceto
noctivagando, sem onde
nem por que.

Que cena, meu Deus!
É mentira? É verdade?
O horror desta metáfora?

Obra regorgitada pelo
vírus do demônio.

“Deixa soprar os ventos, pois morrerão
muitos homens.”

“Ó comovente espetáculo!”
Não é guerra de hemoptises,
é o inferno da Covid, com
suas tropas de extermínio.

7.

Súbito
descem sete anjos
pelas escadas do refulgente azul:
augurando, vogando, cantando.
– Não há de ser nada. Tudo bem.
A tormenta cessará.

8.

O emocional suspira aos solavancos,
atrapelado. O sonho não libera esperanças.
É a corrente do medo, em parágrafos soturnos.

O brilho do barro é frágil.
Sombras perambulam pelo carvão
das trevas, no asfalto.

9.

Os avisos não param de avisar.

Deus visitou a cabeça de Platão
enquanto ele sonhava.

2.

Champanhe, brindes e aplausos
a esta rveneranda galera de
amebas delirantes –
que mandam à merda o milagre da vida!

3.

Que morceção é este
nas células de
um corpúsculo?

4.

Não. Não. Não liguem a TV,
nem abram a Caixa de Pandora.
Liguem o som da primavera
bem no meio da sala. E vamos nos
embalar pelos solfejos da esperança.

A minha voz estive no céu
conversando com os assessores
de Zeus. E trouxe de volta,
as chuvas de março encharcadas
de outono amarelo.

Foi quando vi borboletas maestrando
o sorriso das crianças.

Ai que saudades que eu tenho
da rotina do meu tédio.
Eu era urbano, cavalheiro,
e namorava as garçonetes.

5.

Palavra não faz poesia.
Poesia faz palavras.

6.

A minha esperança está cansada,
e já anda de muletas a minha
esperança.

E eu era forte como os
músculos de Polifemo.

Depois,
a minha bagagem encheu-se
de vaga-lumes; e saí a ofertá-los
à porta das igrejas, para dar
o que sonhar à fome transcendental
da minha utopia.

Rosas brancas vagabundas,
eu vos adoro no brancor
de tuas vestes.

7.

Curados e sadios se juntarão
numa roda de esfuzilantes alegrias.

A paz recitará o salmo
das alvíssaras
pelos campos e cidades.

E haverá um montão de
anjos borboletando
pelas ruas.

8.

A dor que martiriza o voo destas
palavras,
é a mesma que atordoou a alma
de Rimbaud,
ao lavar que tudo dói
enterrando os mortos em
seu próprio ventre.

9.

A humanidade prostrou-se
de joelhos aos pés
do Juízo Final,

ou será isto
castigo adrede?

Que estúpida marcha a ré
é esta, ó geração de enlutados??

O estertor é coletivo.
Pluft, que dor! Um mosquito
quis roubar o meu cérebro.

Até que eu me tombarei,
assim todo márcido, sem vigor?

10.

Da boca de um popular, na rua:
“Escapar com vida é melhor
do que morrer cheiroso.”

11.

Parece que há (e há),
na epiderme das coisas,
um ar pesado de caducidade,
que a tudo entristece, luto.

É o que jaz no mundo
dos infectados. E
à espera da ciência
farmacológica.

Haveremos de vencer as
variantes do vírus mortal.

Pois acima de nossas cabeças
se ajuntam os rios chuvosos
do infinito,

e a bacia
estrelar.

XLV

1.

Quantas maganas eu amei
pelos janeiros da juventude.

Quantas sebes da noite
eu pulei
para amar o amor.

No colo de quantos poentes,
eu armei esperas
para beijar a Via Láctea,

e povoar meu sangue
de coriscos da noite.

2.

Isto de Covid-19 não é
uma doença: é uma pústula
de pesadelo desgrenhado.

3.

A usura transbordou.
E estamos infernetizados até às penugens
do ânus.
O vampiro gripal deu uma tremenda
porrada na egocêntrica petulância
dos homens.

Ou morreremos de fome,
ou morreremos de vírus? O pesadelo
alardeia:

**compre cada qual
o seu caixão!**

A voz do Livro de João
é voz que percute,
escatológica:
“a lua se converterá
em sangue”.

E todos os rios e florestas
serão soterrados pela
maldição da pólvora.

XLVI

1.

Por favor, molecada dos
“pancadões” da esbórnica,
não faça escarninhos contra
o Coronavírus. “Ele é mais
perigoso do que ele mesmo”.

Um enfermo se junta a outro enfermo
e, anônimos, vão lutar pelo
regresso aos prodígios da vida.

E ali, na imensidão do medo,
as horas gotejam seus
abismos de agonia.

2.

Não serei o teatrólogo
da tragédia epidemiológica
mas soarei meu canto
no ardume dos sonhos
e de volta às lides
do pão.

Pois se canto, labuto: a alma
se aglomera em cotovias.

3.

Para fugir de mim,
afundo, fundo, a minha
mente, no fundo dos livros.

Medo. Medo. Medo.
Vou te inculpando
no gesso das palavras,

porque me fecho em ecos
de aladas dissonâncias.

4.

Buscaremos o peixe da concórdia
no barco de Simão Pedro.
E frescas palavras de bonomia
pescarão o fogo dos
novos abraços.

E virá da rede de Simão
o fruto da oferenda .

Deus tem a postura de uma
molécula dentro d'água.
E brilha sempiterno.

Milordas e plebeus
são iguais,
na matéria do pranto
e na música do sorriso.

5.

Estamos todos
tragados
(e estragados)
pelo epicentro
da sucção
epidêmica.

E aonde quer
que estejamos,
o vírus destila
a maldição
de teu veneno.

6.

A música quebrada.
O céu quebrado.

Átomos desintegrados,
bomba!

Gritarias de araras no
pico dos edifícios.

Suspira, fundo, senhor poeta,
e darás conta de livrar-te
da enclausura deste inferno.

O vírus instaurou a treva
no âmago de todas as coisas,

7.

Ao violácio pôr-do-sol
daquele opaco 23 de janeiro,
eu fiz um panegírico de porradas
à recepção de mim mesmo: nasci.

XLVII

1.

Cadeiras de rodas
devolvendo vidas
à vida,

 vejo e
 lavro
num poema
de alívio,
sob comoção de
sonoros aplausos,

àqueles que
se ressuscitaram
da escuridão
do ar enforcado.

Balões, beijos,
fotografias,
e vidas
 redivivas.

Veludíneos
sorrisos
adocicaram
a terrível
atmosfera
da pugna
hospitalar.

XLVIII

1.

A modo de supremo
propósito, meto aqui
na quilha do poema,
o aço que faísca
do vate inglês.

E vem da facúndia
de Marco Antonio,
(o general arrogante,
que caiu de quatro
pela rameira egípcia).

Junto ao cadáver de César
esburacado pelos punhais
da traição, a supremacia
do verbo triunfou-se
pela retórica do general
romano:

*Chegará um tempo em que
o horror estará tão em moda,
que as mães sorrirão ao ver
teus filhos esquartejados
pelos cães da batalha.*

Leões darão crias na rua.

*Sepulcros se abrirão
devolvendo os seus cadáveres.
E defuntos gerarão por falta
de sepulturas.*

2.

O desespero ajuda. E ameniza.
“Todos os reinos são de argila.”
E a mente acorda sonhos
ocultos no inconsciente.

3.

Na tarde, dentro da tarde,
o cinza me espicaça.
E o espírito da luz
me faz subir em outra luz.

Eu não enxergo
“a seta que voa de dia”,
mas me estresso com “a peste
que anda na escuridão”.

Tanto
me escruto, assim aflito:
até quando,

ó trágica desdita?

Ó sábia providência divina
devolvi o mundo à cantante
engrenagem de suas trivialidades,
do funcionamento da vida à
expressão inócua de todos
os sorrisos!

O mundo numa taça de sorvete,
de volta, alegrias, de volta,
tão real e eterno como
da infância adentrando o retorno
de suas aulas, no tempo.

E pedalando a vida, livre das
máscaras, entre brisas e coqueiros.
Imunes todos da virulência
que massacra sonhos
em massa.

4.

Na bagagem das minhas
priscas primaveras,
encontro velhos sorrisos
de déias e afagos –
almas de açúcar
que abrandam
o meu tédio.

XLIX

1.

A poesia lê:
enchente de lágrimas
no obituário
coletivo.

Dolorosamente
eu me desfaço neste
réquiem de dor.

E engulo em mim os olhos
que se molham do fel no
pranto de outros olhos.

O luto que brilha no
ferrolho das portas.

Enquanto a alma dos vergéis se refolga
no colchão do orvalho: verde de
prata, suspira!

2.

A poesia lê:
a humanidade escancara
o arquivo de tuas dores,
chorando, abafada, nos
ritos das funerárias
despedidas.

A Itália travou a travanca
de tuas janelas medievais.

Roma ficou deserta.
O Papa se condoeu, apiedado,
no bíblico clamor de tuas orações.
E vestiu máscara no nariz da Luz.

Londres se encolheu, vassala,
aos báculos de ouro de seus monarcas.

O Egito correu para dentro
do cavernoso sono
de tuas múmias.

A Índia buscou remédios
nas águas que descem
do Himalaia. Mas o Ganges se
emporcalha de
fanatismos e de fezes.

E o Brasil apodrentado
pela granfinagem corrupta de teus
políticos (amado por eles não é),
pátria de *Far-West*, banguê-banguê
de ladrões – superlotando enfermarias,
UTIs e cemitérios, de doentes tombados
pela Covid.

São vampiros de gravata
que comem o dinheiro
dos Hospitais de Campanha.

A vergonha buscou abrigo
nos tribunais de Deus.

3.

A luta segue (prosegue)
na mão-de-obra dos sepultantes,
já, agora, com nítidos sinais
de langor em teus músculos.

Brandir de pás que atiram
terra na cara dos mortos.
É a Covid de enxada nas mãos.

4.

O que falta me fazem
aqueles abraços que

nos apertam macios,
feito ternura
de travesseiros,
entre os seios da madrugada.

5.

Maqueiros, socorristas e paramédicos
bracejam, duro, em suas perícias
de salvamentos, que afugentam óbitos.

6.

Desses mortos
que não querem morrer,
relembro eu, na gosma
destas saudades que não
se despregam do âmago
de mim.

Simplesmente se calaram
como pedras de melancolia.

Dois mil e vinte não
morreu ainda.

L

1.

Treme, ó luz, treme!
Como é cruciante
estarmos testemunhas
deste aluvião de cadáveres.

É absolutamente diabólica
a cepa do Novo Coronavírus,
que ondula, mutante, cada vez
mais nefasta... devastadora.

Ah, se a Covid-19 chegasse
às tragédias de Shakespeare,
o mundo convocaria Deus
a recriar um novo espécime de
homem (visto que este que somos nós
dentro dele) já está em desuso. É um
desastre.

Dante Aligheri vai de Virgílio.
Eu vou de carroça. Brotinhos!
Brotinhos!
É pecado comer leitoas?

2.

O sonho é curto.

O dia é longo.

Eu sou breve.

Não dormem os fabricantes
de caixões.

Não dormem os braços
da mão-de-obra funerária.

Nem pausas há para o
topo de seus cansaços.

Na equatoriana Guayaquil,
a prefeitura embrulhou os
seus cadáveres
em fardos de papelão.

Que massacre, 2020, que massacre!

3.

Já não sei. Já não sei.

Este meu enxergar

de não ter rumo.

Só falta o céu cair.

Gotículas de neblina
borrifam meu bigode.
Eu também trabalho como
os garis, varrendo a
descrença da consciência
dos homens.

4.

Os ânimos exânimes
de esperanças malogradas.

Somos trapos de naufrágios.
Melhor sentirmos o trucidar
do tordo em nossas almas.

5.

Eu saí para construir a eternidade
num pedaço de papel,
e me deparei com uma manhã tão linda
que cheguei a pensar que era mentira,

e que meu corpo era um
pacote de nuvens
nas mãos de uma criança.

6.

Dias de ensombrada realidade.
Dias de espasmos que enlouquecem
a química das coisas.

O ir e vir dos nossos sapatos.
O ir e vir dos desvaneios
na mente de nossos sonhos.

E a poesia espreme angústias
pela mão das utopias.

Dias que não cabem
na alegoria desta
tragédia.

LI

1.

Tudo queto, imoto
é a paisagem na quietude
do meu macambúzio. Então

descubro que Hamlet “é
o embaixador da morte”;
e a missão de Dom Quixote
“é derrotar a injustiça”.

Acaso, ó meus devotados poetas,
não seria esta a
hora adequada de desvendarmos
os labirintos dessas paixões que
infernizam nossas mentes,
prestes à loucura?

Ah, tristeza de
“humor mórbido!”

2.

Ó tormento que se avoluma,
varrei da terra o surto

desta infernal desdita!
E evitai que entreguemos
“o óbolo ao barqueiro sombrio.”

Stop, Covid-19!
Sai da frente!

3.

Não há anzol, no mundo,
que fisgue o significado infectológico
desta hecatombe pandêmica. Nem vocabularista,
lexicólogo, médium, bioquímico,
sanitarista, antropólogo, Torá,
Pentateuco, salmo, teólogo ou cientista
de pesquisas farmacológicas, que elucide
a invasão desta ameba letal na
coexistência global dos homens.

De tudo,
deste lacrimoso cenário,
eu sinto cemitérios passeando
pela cisterna dos meus olhos.

O **Eu Profundo** de Pessoa
me deu este recado: a
“tristeza é um lago morto
dentro de nós.”

E a indústria da morte
despeja os seus bagaços.

4.

A maiakóvnska Russa mandou
voar 40 milhões de máscaras para
o Brasil.

E o sol (que me atravessa
pelo oco da tarde) –
é paradão, e queima
as cacáceas da areia.

Luz esparrinhada.

5.

Na poesia,
eu inventava bárbaras mentiras
para imitar os filmes
de Victor Maturi,
pelas verdes colinas
d'África.

E pregava chicletes nas
coxas das namoradas,
para provar que o amor

é quente como o dávida
do esperma.

Rimbaud quis beber
licor de ouro, mas
espojou-se no fogo
das areias.

Eu engulo gosto
de brasas molhadas.

O vinho
de Baudelaire
canta na garganta.

E meninar meninoando,
fui resgatando as tardes
de domingo, em meu caderno
de metáforas.

6.

O que faço eu, minha divina Têtis,
com este enxame de mitos na cabeça?
Se ainda há pouco aprendi que
“amar é a eterna inocência”?

Lição de vida.
O pó é vasto. E a sombra

não retorna ao berço
da mesma luz.

Quão pouco sou eu.

7.

Aguentem aí, varões amigos,
a infanda tormenta passará!

Pois infecta e infesta
é a pandemia proliferando
o infortúnio entre os homens.

8.

Tenho medo de um relâmpagos de balas
atravessar a parede de meus livros,

enquanto a divina noite esparrama
estrelas no sono dos meus olhos.

Ai, amor! “A lua vai pela água.”
E em Granada, Lorca
é um laranja
de “sangue e chumbo
nas entranhas.”

Tenho medo de andar

sem a escápula do meu anjo.
E de a lua ser bombardeada
pelos coreanos.

Tenho medo.

A cidade parece o esqueleto de uma baleia
se desmanchando sobre as trevas
do asfalto.

E a solidão ficou com medo
de ficar sozinha.

9.

Vai que se expande, inícuca,
a doença do Novo Coronavírus,
(mais invisível que o ar) –
“a matar gente enferma que
geme pelas paredes.”

10.

**SERÁ QUANDO OUVIREMOS
OS BUZINAÇOS DO
FIM DA PANDEMIA?**

11.

A ciência não claudica,
ó úlceras do mundo!

LII

1.

Silêncio de sodalícios
no veludo de teus divãs.

Silêncio das tesouras dos alfaiates
e dos martelos dos sapateiros
na sola de teus ofícios.

Silêncio dos abajures desligados
no coração das vitrines.
E dos lojistas ruminando o
desastre de teus prejuízos.

Silêncio da lua de inverno
buscando repouso no
cemitério dos automóveis.

E dos cabeleiros que carecem de
fregueses para exhibir a destreza
profissional de tuas mãos.

Silêncio dos cirurgiões plásticos,
das oficinas de lanternagens,

dos serralheiros e das soldas
de teus maçaricos.

Silêncio de montanhas
de silêncios,

enquanto estrondava no ar
um alvoroço de periquitos
pincelando de verde
as faces da alvorada.

2.

Eu brinco de roda
com as palavras.

As palavras
me abraçam.

Eu e as palavras
somos matéria
consaguínea.

As palavras dormem prisioneiras
à espera de textos para nascer.
As palavras apertam
as minhas mãos. E brotam,
às vezes, dos meus olhos,
inundadas de queixas úmidas.

3.

Sylvia Plath afogou sua cabeça
no gás do forno, à procura de Zen.
Deu errado. Engoliu a morte.

Sylvia Plath tentou
(des)construir o
sofrimento.

E trocou o orvalho da aurora
pelo chão da catacumba.

4.

Ó maldição
de Covid-19,
tu és a saliva
do demônio,
voraz e ubíqua!

5.

Pai, eu não dou conta
de parar o tempo.

Pai, eu não dou conta de fazer
transplantes em cabeças de políticos.

Pai, eu não dou conta de desarmar
os monstros dos feminicídios,
(que pagam fianças aos delegados
e ainda escarnecem suas vítimas).

Podem matar à vontade que
o dinheiro compra a liberdade.

Maquiavélicos e astutos são os
leguleios, que encontram brechas
para inocentá-los.

Pai, me dê humildade (ou, se puder)
uma bazuca niquelada de ódio, pra eu
aniquilar a injustiça.

Pai, eu te imploro: protegei a
humanidade do atoleiro hospitalar
dessas trevas da epidemia.

Embora eu sabia que os homens são
incompletos nos significados de
suas existências - e, por isso,
exterminam seus semelhantes com a
mesma frieza de quem esfaqueia
porcos nos açougues; ou estrangula
pescoços de galinhas em manhãs de
domingos.

LIII

1.

No aurorear
do pós-Coronavírus,
a hidra
exibirá sua cabeça.

Buracos financeiros
quebrarão
caixas e panelas.

Ouviremos o rugido
da miséria gritando:
fome!

E que morra também de Covid
o vírus do Coronavírus!

2.

Aqueles que já usufruíram do
apogeu de suas paixões pela poesia,
eu os amo, andorinhões a piar no
quintal das minhas lembranças.

A poesia farfalha
no sangue,
e colide
com a viagem dos pensamentos.

3.

Mar de entulhos,
a vida
vai ximbicando.

4.

“Festa da morte:
bebida, música
e Covid” –

eis a manchete
da tarde, nesta
acintosa provocação de
(delinquentes arruaceiros)
às políticas sanitárias
de extermínio da Covid.

E que se dane
nas trempes do inferno,
esta corja de transviados!

LIV

1.

Ó usura,
o inferno desfila
no comboio dessas
mortes!

2.

O presente descarna
a flama do fósforo.
E o passado se descongela
pela sucessão eterna
de teu retorno à mente
dos homens.

3.

Por detrás dos meus olhos tem
um menino que chora sem parar.

LV

1.

Eu vi o céu cuspiendo poeiras.
E os astros construindo pontes
para as almas adentrarem
os umbrais do firmamento.
–A minha morada é chão,
ouvi a setença.

E corri para debaixo de
um frondoso abacateiro.

Outro blecaute tive.
A luz esgueirou-se de mim.

E trêmulo. E pasmo:
um pé de vento
arrancou-me
o espírito.

Uííí...uí, uí, uíí...
Zurros. E de
locomotiva bêbada.

Ratos. Ratos. Os desprezíveis
ratos/ copulavam no catre
das trevas.

A barba cresceu
desesperadamente.

E de novo, corri.
Acendi velas.
Era o começo do
estrugir da hecatombe.

2.

A pedra chorou.
Dolorosos cachos de
açucenas se espatifaram
no piche. Ai que dor!

Antenas se contorceram
aos urros da tempestade,

e eu vi a vida agarrando-se
“à ponta de um graveto”.

3.

Nossos dias amarrados
às trancas do isolamento.
Réprobos todos, de igual sina.

No curso do decurso destes
dias indo pelo percurso;
mãe, dá um jeito
nisto!

4.

Ah, que vontade sôfrega
de subir num patíbulo
e enforcar o tempo!.

Depois atirar a sua cabeça
aos porcos,
pedindo-lhe perdão
por minha presença.

Sim. Sim, Quasimodo:
il tempo danza
sulla sua scorza,
e os rios do passado correm,
inaudíveis, em direção às águas
da nostalgia, imêmore, todos,
da eternidade que rolou com
o fluxo de seus minutos.
Correm e “convergem para um
só fim” – o tempo presente.

5.

Sortilégio não foste (ou foste, Ivan?)

e pêsames – tu, o cancionero
de ovações à morte.

Ivan do tempo,
se arrastando, à deriva,
com a morte em teu
cálice de palavras.

“Refúgio dos demônios
e dos deuses,”

“no imóvel ponto do mundo
que gira. O icógnito.”

6.

A mente é o deus do corpo.

Vaga-lume acende fogueiras
sobre as sebes da noite.

7.

O vírus paralisou a realidade.
O irreal transbordou pelos
limbos do real.

E não há mais vagas
para morrer.

LVI

1.

Rastejante domingo de Páscoa,
tão cinério!

– Ei, cidadão, me dê aí
uma boa dose de labaredas,
pra eu assar nos fornos
da Geena
o inventor desta morbidez
infectuosa.

Há paisagens que meus olhos
não digerem. São tenebras,

como velas derretendo
na solidão de tuas chamas,
sem velórios.

2.

Dálias ergo às
almas zarpadas.

Eólio tépido, vem.
O sol escancha o teu lume

às purulentas águas do Meia Ponte.
A minha artesanania literária
veio da serragem,
 onde lixei
travessas de portas
e insculpi corações
 de madeira.

Meu pai gritava:
– Taca os peitos, Bié,
que a vida é dura!

E galinhas chocavam
no ventre das máquinas.

3.

A dor me enche
de claridades.

Eu era menino e via peixes
nadando nos vidros da cristaleira.
Disto eu me fiz gênese da
poesia.

Era luz
de água fresca,
imperecível.
linfa da fonte,

e pão azul
de sol.
Edênea força
que germinava.

Mãe etimológica
dos meus versos.

4.

Os livros são meus irmãos de
papel. Ferramentário luminal
das minhas tarefas de arrebol.

Dos livros não me prescindo. Só se
levarem a minha cabeça para o lixo.

A minha linguagem é barro
em movimento. Fogo que arranco
dos veios do intelecto. E canto.
Os demônios estão cansados de mim,
porque amo
“a brancura soluçante dos lírios.”

Grunhir é tarde.
Outrens não me escutam.
Nem abrem espaços aos
eventos do coração.

Grunhir é tarde. Repiso.
Jatos atômicos arrancam
estrelas de teus úteros de prata.
O poema bebe hidroxiclороquina
para resistir ao vendaval dos
contaminados.
O poema hospeda o suspiro
das paixões, na estalagem
de teus vocábulos.

5.

Os *coronafinados*, já expirados,
idos embora e levados às sinas
de vidas de cima- se não voltam,
doaram teus sorrisos aos lábios
de pêssegos das nuvens.

Idos e idos
em trespasses
nunca havidos.

Quando findo for
o calvário da pandemia,
médicos e coveiros
reencontrarão a paz no
alvoriço dos pardais, e
em seus pios de pipios

rotineiros de sol inteiro:
esses arteiros alados
de ternura, que sibilam
teus gritinhos de afáveis
bagunças.

6.

De homem para homem,
a Covid veio do homem.

E se do homem veio, é
mil por cento demônio.

E de iriante, nada sobra.
Deus. Não ponham Deus
no banco dos réus.

As ferramentas da medicina
são trocadas
pelo murmúrio das orações.

7.

Das Parcas da noite,
tu te chamas Átropos,
ó Covid, que “cortas
o fio da vida!”

LVII

1.

Que nuncio é este
caído do céu?

É do Oriente,
rútilo de Belém?

Estrela-irmã-companheira
de partir o pão e a virtude
entre as almas aquerônticas,
do mundo.

Estrela-guia
do empírio,
em lombo de burro
ou de camelo,
até à manjedoura
de Deus,
onde
refulgiu
entre balidos
e vagidos.

2.

Nada sei, ó extravio
da natureza!

Monumentos de exéquias
vou erguendo
em peitos de prantos,
(às almas que se
ausentaram deste mundo),
enforcadas pela Covid.

Elegias que choram
pela boca das palavras.

3.

Rodas e pés, travados.
Álcool Gel. Máscaras.
As auroras
pungidas de dor.

Eis o diagnóstico:
a doença nos espreita com
as foices de tua vigília,
vígél,
de insônias e de insânias.

4.

Dardo obscuro
de alado veneno,
áspide maldita, de
picadas desditas.

O vírus nas
partículas
do hálito.
O vírus
incolor,
obstrutor.
E algoz por
bel-prazer
de sadismo.

5.

Amas a carne, ó Valéry?
E o crânio oco, deste
evento louco?

A luz é cavalheira.
Vamos, ó nobre
unicórnio de Paris!

Oblações. Oblações.

6.

Crer não pude.

Ler não pude.

Ver não pude:

chão aberto em

valas fúnebres,

numa trevosa imagem

de coveiros e de tratores

empilhando caixões,

uns sobre os outros.

Não pude. Não pude. Não pude

ver macabrisimo tão hediondo

de lâminas mecânicas despejando

montes de terra sobre os esquifes,

muitas vezes de papelão.

Nuvens, ali, desceram até ao

chão, para desatarem o estandarte

das lágrimas.

E o grande sol

ajoelhou-se

em condolências.

Alta luz, tonta, vi,

se debatendo.

7.

Do fundo das florestas de Cao Bang,
o guerrilheiro Ho Chi Minh arrancava
suas canções da boca dos fuzis.

E apregoava aos vietnamitas:

*o povo precisa de poesia
como precisa de arroz!*

8.

Famílias trancadas no
antro de suas mesmices,
chispam raivas,
cara à cara.

Então evoco o búgaro
poeta-operário,
com tuas mãos
lameadas de graxa,
untando parafusos
entre as tarefas
da fábrica:

“Verdugos do demônio”, suplicava ele:
“piedade! Não pulhem de mim, este
alegre tremor de estar vivo.”

9.

A epidemia faz
o féretro tumultuar
o sol nas lides do homem.

São alarmas de thánatos
apitando, tristes,
pelas ruas.

Rugidos do negro tártaro
estremecendo
os eventos do mundo.

Visto, que visto eu,
máscaras, para singrar o
nuvioso nevoeiro do vírus,

exato onde
me sobrevivo,
vivente,
entre o precipício
e a queda.

Até que a desprezível odisséia
infectuosa nos transforme em
espectros de sombras, entre uns
e outros, kafkianamente IGNOTOS.

LVIII

1.

Eu sigo o fôlego do plectro.
E procuro a alma da fruta, cadê?
A pomba do dilúvio, cadê?

Coisa de ciscalho, vã.
A vida vai no gerúndio
com o fardo de seus vazios.
Abinícia.

Para frente,
obumbra-se
a caminhada.

Para trás
é cheio.

Os fantasmas
se divertem.

Não sobrará pó
sobre pó.

2.

Eis que vem passando
o burro de carga da vida.

Cena número 1 do amanhecer
na miséria do carregador
de latinhas,
(que ainda me saúda com um
esperançoso bom dia).

Tão absorto em teu ofício,
de barriga vazia, fuma,
e nem se afadiga
por estar vivo.

3.

A minha biografia é apenas
o rascunho de um sonho.

Sou tão miúdo.

4.

Deste mundo só me basta
o céu de maio.

LIX

1.

A imortalidade dorme o
teu cochilo de velutíneo.
É o repouso guardião
das letras, entre
cornijas e poltronas.

É coisa do indizível
massacre pandêmico...
bloquear as portas
do olimpo literário
brasileiro: (a ABL do
sonho-fruto de Lúcio
de Mendonça) – e de
extenso clã de ícones,
desde a Travessa
do Ouvidor, 31.

Dorme a imortalidade
sob as plumas dos bicornes.
Nuna dantes tão histórica
ruptura paralisou o coração
de eventos, no âmago
centenário de teus salões.

Ó augusta agremiação
de insignes letrados:
Templo secular
de estros e de astros
(irradiados) pela
paixão às letras.

Dali, todos,
(quarentenamente
ausentes)
das lides de
vossos ofícios,
enquanto durar
o trauma da Covid.

Impactada, pois,
dorme a imortalidade,
recolhida ao frugal silêncio
de teu glamuroso Petit Trianon.

Dorme o eliseu
de Rui, de Machado,
de Bilac e de Rosa.
catedral de
ícones
da língua,
dorme.

Luzeiro de
intelectos,
dorme!

2.

Sorri Dinéia, suas trevas
no meu quintal.
Teu coração errante
dentro do mundo, diz
que me amaste
na pedra
de teus mistérios.

Teus braços e lábios
de ebórea brancura.

E tinhas um sorriso
de morango nas faces.

E eu me transformava
num touro de ereção
à frigidez de teu sexo.

Tuas nádegas planturosas, amei-as, menina,
fornicando como um selvagem,
de trás do sofá, à luz do meio dia.

Dona Irene, da cozinha, vinha
oferecer saladas de cebola, com
vinagre e pimentão verde.

Nossos lábios sequiosos
bebiam dos prazeres da carne
no fogo molhado dos beijos.

3.

Ora, déia, que oro, Dinéia.
Da iluminada escuridão
de tua ausência, se pudesse,
entalharia uma guirlanda de
fulgores etéreos / sobre o
sono sepulcral de tua lápide.
E um tonel de auroras derramaria
na orla de teu sorriso. Minha
Vênus do 25º andar.

Libavas o mundo num copo de cerveja.
E de gole em gole, menina lépida.

Querias, audaz, travar núpcias
com minhas carnes, em cartório.
(Mas tua libido não funcionava).

Aos tagatés de mordidas e de beijos,
esfregavas a minha boca no púbis
triangular de tuas apolíneas coxas.
(Mas não tinhas fogo para orgasmos).

Ora, déia, que te amei Dinéia.
Comigo, no bar do Mercado,
dedilhamos a **Viola do povo**,
com poesia de rua para o povo,
regada a pastel e chope.

Depois,
descobri-te
artista plástica
do sinistro.
Tarde demais. Pois
se não eras demônio, por que
saltaste, suicida, dos cumes daquele
espigão, contra
o solo da morte, ao meio dia?

Lenços, aventais e memórias,
prantos ainda porejam.

Cadê o teu perfume, ó
pecado dos meus pecados?

4.

Sou filho do verbo.
E mamoo nos pomos
da palavra.

5.

Meus amáveis mestres
Niskier e Domício,
o que despenha de nossas
almas é regato de poesias.

Hoelderlin é a senha
desse cálido segredo.

LX

1.

Cientistas transvasam
insônias (de olhos pregados)
aos crisóis de tuas pesquisas.
É o barulho da química escrutando
os caminhos da cura. Ora aqui, ora
acolá, medicamentos não há. E se os
há é ciência do demo, dedo de Deus?

Mas o mundo “dos destinos desgraçados
faz medo”. Enfermeiros e médicos
se convulsionam, trêmulos e trôpegos,
pelos corredores lotados
de vítimas da demanda.
Sem leitos de UTIs, o
vírus defunteiro se
triumfa, em óbitos
e pânicos.

Eclipses de sol nas
“almas pensativas”.
Pirâmides necrológicas
sobem, sobem
esmagando sonhos.

Tempos ociosos de tudo *online*:
de aulas *online*, de rezas *online*
e de meninos sugados pelos ductos
do ilusionismo magnético
dos vídeo-games.

2.

Nunca tanto vi
intemperanças de gentes,
e de entes e de viventes,
“açoitados pelo desespero”,
em fios de gumes equilibrando-se
sem prumos, sob tremor de traumas.

E onde mesmo afligiu-se
o garbo das vitrines?
Até quando a tranca de suas
portas jaz travada à inércia
da mercancia, até quando?

Nunca tanto vi solidão
de sombras escarranchadas
à soturna ruptura dos negócios,
como se Érebro
guardasse a infanda calmaria
deste mistério-tão ocluso à razão.

Obra de Dide, o Lúcifer do Cocito?

3.

Me parece arguto o silêncio da
minha caneta trabalhando.

Ela fabrica máquinas fantásticas
pra eu sonhar de pé.

Eu tento arrancar a cidade
de dentro dos meus olhos.
Levo choques. Fico apoplético.
E minha alma entra em estado
de hemiplegia.

Ah, como
doem as minhas mãos
colando páginas de livros
na madrugada.

Parece que fico a devolver
asas de passarinho ao torso
da palavras.

4.

O mar que escuto
troveja
numa concha de vidro.

LXI

1.

Ainda na crusta
das tenebras,
o galo estruge.

Adjutórios vem da Rússia.
Os céus de Roma se vitrificam
em sono de estátuas, vítrio.
Presidiários fabricam máscaras.
Larápios, charlotões e crápulas
falsificam remédios e álcool gel.

Filas de doentes, hidrofobias,
raivas, fardos e furtos, saques,
cortes abruptos nos salários
das repartições públicas, demissões,
e suicídios à vista. O mundo a pique.

Ufa! que bebo erva do diabo
na bandeja dos meus vocábulos.

Ó lâmpada da misericórdia,
os meus nervos estão em chamas!

2.

Corre um frisson de soluços
em minha veias.

Cada homem é um templo,
“santa flama” - que faço eu,
ó habitantes da abóbada celeste?

3.

Bostas de morcegos
a caminho.
O século XXI incitou a ressurgência
das trombetas do Apocalipse.

“A morte é só o princípio.”
E as mãos que abrirem a tumba
também desencalham a luz.

A poesia é o analgésico.

E ser criança é ter o céu
nas janelas de um sorriso.

4.

Preciso encher meu copo
de tristezas.

Eu sou a revolta do cisco.
Viver é uma ilusão psíquica.
Minha geração é insuportavelmente
oca.

5.

Tudo que faço não dura mais
que a cuspida de um bêbado de rua.
(Ou um massacre de formigas).

Minha missão é recolher restos de
esperanças. Cantar.

Joguem veneno na conjugação
do verbo morrer. Eu imploro.

Há um bilhão de anos o futuro
é uma mansão desabitada.

O futuro não tem endereço.
E nenhum vivalma
andou por lá.
Quando toda a humanidade gritar
que o Coronavírus
assassinou o coronavirus, eu enfiarei a
minha cabeça num berço de relâmpagos,
donde, pégaso, singrarei
os cumes do azul, pelos
páramos do infinito.

LXII

1.

Os mortos tumultuam
as ideias que retiro da luz.

O ar está infecto.

Cantar
não ousou.

Casella é
incorpóreo,
músico de Dante,
e das noites
de Florença,
“polvilhadas
de estrelas.”

Cemitérios gemem
nas áreas
do meu sangue.

Catão! Catão!,
me dê aí
notícias boas.

E abras o leque
de tuas alvíssaras,
a todos nós
sobreviventes
da Covid.

2.

Já não dedilho
a cítara de Apolo,
com os dedos do vento.

Os deuses guardaram suas
imortalidades num colchão
de mitos azuis.

3.

Outono abraça os tugúrios da pobreza.
De húmus,
na luta para lavar as águas de seus restos
sanitários.

Fulge, sol de cinzas, fulge!

4.

Ó Vladimir Nabokov, o que significa
esta “labareda em minha carne,
minha alma, minha lama?”

LXIII

1.

Que sentimentos eu daria a Veneza,
de gôndulas atracadas ao sono
das águas quebradas?

Que luto eu daria a Veneza,
a pólis
milenária dos beijos flutuantes?

Ali, Venezia de Vêneto, edificada
sobre as ilhotas do Ádrio
(império dos Doges outrora) –
bizantina e barroca, embevecida pelo
classicismo arquitetônico de tuas basílicas,
monumentos e obras escultóricas
cinzeladas
pela fundente verve dos góticos. Os
museus,
os canais e as pontes de Rialto.

Que pranto eu daria
a urbe gondoleira,
de ruas fluviais
abertas para o mundo?
Eu que nunca fui *globe-trotter*
de aeroportos, a cavalo ou de metrô,
pelos continentes do globo adentro!
Mãe secular de Vivaldi,
dos escritos de Goldoni, e das
telas de Tiepolo e de Canaletto.
Napoleão concitou suas tropas
contra Vêneto. E quis Veneza
austríaca, em teu colo.

2.

Veneza, a satânica Covid
empalamos tuas águas?

Que bicho, que bactéria,
fizeram-te órfã dos turistas?
Que morte provisória imobilizou
o artesão de tuas vidrarias, do
couro e das faianças?
E flúmens de ruas encalhados
entre os prédios da treva passageira.

Tu, Veneza,
águas de bronze
do mundo.

3.

Até quando
seremos convivas deste banquete
funerário?

O vento devora a paz
dos meus papéis. E assopra
o pó da esperança para dentro dos nossos
sonhos.

A poesia é a
companheira
carnal das confidências
do meu sangue.
“Tocai estas trevas”, ordena Neruda.

4.

A vida pulula, elétrica,
pelas ondas
dos meus cabelos.

Ideias borbulham em ritmos de
motim. E eu arranco palavras
do meu fígado, não sendo boi
de vocação para cabides de açouge.

5.

Febo é o sol, amigo.
Molesto é o fado, imigo
desta alma
em circunlóquios.

Vou de sola,
vou de pedra,
é tempo de
delivery.

6.

E tão cedo a cotovia abre
a canção da minha aurora,
onde renascem os grãos de fogo
do amanhecer, tombando-se sobre
o solo a sua terrível taça de luz.

7.

O sol. O sol, ó “grande
ferida inflamada no céu!”
Finda-se o dia, e nós novamente
vitoriamos o milagre de estarmos
vivos.

A tenebrosa travessia do
dia apocalíptico, ficou para
trás.

8.

Depois,
eu volteei-me
entre os ermos da
noite, a desmacular
a minha alma, pela
constelação de peixes.

Dia seguinte,
no pátio das
incertezas,
agarrar-me aos
braços do sol,
(que me salva do
paul epidêmico):

luz,
me vigora.

9.

Há mais de quinhentas alvoradas,
atordoa-me, ininterrupto, o
gemente assobio das ambulâncias.
E quedo-me, mesto, a quebrar
enigmas contra as paredes.

LXIV

1.

Assim sendo, vou rompendo
a esarpa dos dias,
no durar destas horas duras
de agruras.

Balsamizo então o impacto desta
tristura, convidando Gide e Camus
para um cardápio de prosa filosófica.

2.

Passa comboio de finados, passa!
Vidas enlutadas, se abrandam!

Há defuntos e comércios em tudo isso.
Debaldes somos nós estocados na
solidão de nós mesmos. Debaldes as
janelas olhando
o anoitecer das crianças.

E por que? E por que? Tantos corpos
removidos sem cortejos, e sem círios?

3.

Planetariamente, eu sempre estarei
apropinquando-me do lugar onde flameja
o sol, com suas barbas de pérolas.

Metáforas da minha metafísica,
espraiadas. Ó negra infecção-coveira
da Covid!

Cadê o lustre da divina Onipotência?
Pela ciência ou pelo milagre, quem se
salva?

4.

As sobras da minha vida
serão entregues às mãos
do vento.

5.

O caos não tem cronologia.
É a explosão da molécula quando
o universo cabe inteiro numa
gota de luz.

6.

Nem cordel de aço, nem arame de
holocaustos, nem farpas de osso, ferro,

cordas de patíbulo, enforcam o pescoço
deste pesadelo epidêmico.

De de sol a sol,
esquifes, só esquifes.

Coisas de cinema.

Ficção biológica.

Não.

Os céus não guardam
caveiras de Coronavírus.

7.

Covid! Covid! Covid!

“Verme-dragão sem cérebro”.

Pandorga do mundo.

8.

Há milênios de mim
(sem eu ter nascido),
bato à porta da poesia,
–Anda, me diz aí, ó
matrona dos meus delírios!

Onde está o lumeeiro
do meu sangue?

9.

Tu não te lembras, amada?

Esqueci o meu sorriso
nos olhares de quem eu amo.

Ademais, fui gerado pelo
útero da palavra, e arte-
sanalmente criado pelo verbo.

10.

E aos que choram escondidos
atrás de teus próprios olhos,
a poesia lhes estende as
mãos.

Vamos.

“A glória é para os que
podem aguentar infortúnios.”

11.

A poesia é o ser do mundo,
tanto quanto cabe o rouxinol
nos ramos do cedro,
sacudindo as asas da luz.

12.

A poesia filma tudo
pela palavra, sua câmara.

E flagra o vírus nas
cavernas de teu invisível.

Multidão de bocas
é bafo de Coronavírus.

E assim se exara a
tétrica narração da Covid,
com seus milhões de finados
idos embora.

Exara-se, também, pela
cruci dos enfermos acamados
às boias do salvamento.

LXV

1.

Segunda-feira-20, de
muros encharcados. E de
súbitos apavoramentos
no termômetro de nossas
consciências.

Prantos se acumulam feito
enxurradas de mortos.

E mais sofrimentos se abrem
em dimensões inescrutáveis.

A Covid se expande, virulenta.

Do outro lado da rua,
o câncer também funciona
aniquilando vidas
em átimos de segundos.

A terra é o hotel dos mortos.

2.

Eu pisei num lagarto, desculpa,
matar não posso.

Acender esperanças
é meu mister.

3.

Ó frugalidade de alvares do amanhecer!
Eu pulo da cama e saio correndo
para um banho de frases. A poesia
me ensina a ginetear pelas colinas
do sonho.

Jorge Félix carregava Deus
em sua pasta de professor.
E súplice, de joelhos, rogava
bênçãos ao ostensório.
E brandia teus brocados de moralista
sobre nós:

– Moço! Moço! O senhor tem uma leve
vocação para tarado!

4.

Ó salsada de informações horripilantes!

Ó tiroteios de imprensa defunteira!
De sadismos e de escândalos,
nem Deus conserta.

Eleições.

Incêndios.

Rinhas de galos.

E sangue de feminicídios
no apogeu dos pusilânimes.

O Supremo põe penico na cabeça.
Brasília é o prândio
dos vermes empaletozados.
Norte e Nordeste são os intestinos
da miséria nacional.

A fome ronca na
barriga dos meninos.
Brasil! Brasil!,
de vísceras abertas
aos urubus da
rapina e da propina.

O governo se arreganha
paternalista, demagogo.
E os políticos não levam
esgotos para o povo.
Sem esgoto. Sem esgoto.
Não há esgoto. E disto
eu me esgoto, de desgosto,
não há esgoto...

5.

O vírus (do Coronavírus)
é a munição das mortes.
E eu aqui de focinho
atolado na latrina.

Entra Górgona. Sai Sibila.
O mal persiste,
do correntio, o mal persiste.

Querubins, no entanto, do alto
empíreo, embarcaram no dilúvio
de nossas lágrimas,
para vencermos
a escuridão do trauma.

6.

Ó como são terríveis
as auroras sem galos!

Os galos me embebedam
de nostalgias.

E de silêncios que ferroam
os flancos da minha memória.

LXVI

1.

Tombo do mundo.
Drama do século.

Nas substâncias da minha pobre
psiquê – estou desinfeliz,
e louco.
E furente com o purgatório deste
vírus, que enclaustrou sonhos e
brinquedos de crianças, entre
as paredes da monotonia doméstica.

Deram “um tiro na minha
língua” – quem? Atrás de
que – da palavra?

2.

Ó coetâneos
desta gravíssima
desgraça epidêmica,

a verdade não claudica:
é magnânima

como o pão e a luz.

E tem um ônus,
o amor.

3.

E porque fui traído
pelos sonhos,
 busco
escápulas em outros
 naufrágios.

E por que será que a Justiça
não expede mandado de prisão
contra a Covid?

E por que não são iguais
os poentes, quando o sol
recolhe o teu
semblante?

4.

As aves do amanhecer quebram
a sonolência da brisa. E o sineiro
da paróquia de Dom Bosco bimbaha
triste os metais de teu campanário,
num doer que ecoa longe...

As maritacas sobrevoam as torres.

Eu desço a escada das horas.

E um deus sopra árias
em meu sangue.

5.

Já me atraquei ás fimbrias
do outono. E sou agora uma
criança antiga, engraxando
as rodas do velocípede.

A alma garimpa
os olhos da Luz.

A minha idade já morreu,
sou antigo.

6.

O mundo de nós
– dentro dele –
é uma gaveta revirada.

7.

A máfia dos remédios
saqueia o povo.

Chusmas infernais de mentiras
invadem a internet: cabeça armada
da corrupção.

Repórteres e políticos
se antagonizam na rusga
de seus confrontos..

De país a país,
a carga viral monstrengra
espalha o massacre da epidemia.

8.

E há um tremor de bocas no
abismo das interrogações.

Expande-se o pavor
pelo brutal
redemoinho de tristezas.

O caos e as ininterruptas mortes
escancararam os esgares de treva
da loucura. E não nos restam mais
esperanças “a serem sacrificadas.”

E me dói fundo chorar
este sem fim infinito

de adeuses
aos mortos que não param de
morrer.

9.

A manhã é tão linda que chego
a pensar que é mentira. E que os
deuses fazem de conta
que estão mortos.

10.

A poesia reinventa o universo.
O vento passareia, ocultando
a sintaxe dos terremotos.
O vento livre das passareiras.

Então me diz aí, ó meu supremo
e puro *En Soph!* – o que é o
homem no “enigma da Esfinge de
Tebas?”

Vento tonto, moribundo,
que zune e gemente.

11.

E saibam todos os viventes
desta geração de enfermos,
que, se titubearmos,
a peste deste sinistro
jamais dará descanso
à cadeia de mortórios
dos humanos.

12.

Atroas, Datena,
tu és a trombeta
da Justiça.

O povo fala pela
boca do teu verbo.

És o trovão
da imprensa.

Liberdade, pão
e panela cheia
são os brados
de teu microfone.

LXVII

1.

A quitandeira tinha o infinito
no cabo da vassoura, e
usava óculos para escutar
a soberania da poeira na
axila das coisas.

E por que fomos coisas
do céu (ou do inferno)
antes de sermos espermas
entre as entranhas maternas,
a quitandeira carregava
banhas nas nádegas. Era obesa, e
azedada de se não amar, no ar,
o ar de teus dias, de pouco ruar,
fugindo, atônita, da Covid?

Ela varria o leito das borboletas,
e bania de teu âmago
a força estupefacta do tédio.

A obesa e teus
seios bambos.

E a sombra soturna de teu
rotundo corpo, na rua
da vila Lobo, e dos
lodos do cemitério.

“Abaixem aí – ela gritava –
a zoeira infernal dessas
latas eletrônicas!”

O troar de tua voz
acordava rãs e lagartixas.

Ela engoliu um
dicionário farmalógico,
e saiu correndo pelo mundo.

Era um domingo de asfixias
nos aviários do convívio
humano.

2.

Caramba!
Como tem minguada
a ciranda dos amigos.

É o pico do naufrágio.
E o inchaço da solidão.

3.

À adstrita rua da casa dos mortos,
sigo.

A hora é álgida, e treme o espírito.

Os fabricantes de caixões entraram
na Justiça contra a Covid-19.

Querem aumento.

Ó virulento espetáculo!

4.

A luz
então se empina.
E a alma chilra em
pios tristes de pardais.

Como é vasto o rio do tempo,
pelos acicates do destino!

Enxó de carpinteiro. Eu faço
os meus versos entalhando molduras
nos flancos da palavra. A poesia
é a minha terceira mão.

5.

Eu nasci carregando
um pacote esquisito
de palavras.
A luz falou:
“Lança a tua foice aguda,
e vindima os cachos da vinha”.

Ó águia das falésias,
eu te sigo!

6.

A razão despencou-se
dos andaimes de teu
equilíbrio.

O momento é de cadáveres.
O planeta é de cadáveres.

Miseres de apelo
à piedade bíblica.

Depressa! Depressa!
Desafoguem as geladeiras dos
necrotérios,
outros defuntos
se agonizam no
ror das esperas.

7.

Somente o vazio é o escopo,
deste mundo.

O resto é casca
de ilusão,
roupa que se usa e depois
é lixo.

Que insetos de merda
somos nós?

– **Não se combate um tsunânime,
com apenas um rodo na mão!**,
desoprimiu-se a médica, do
afã de teus cansaços de
hospitais.

8.

No começo,
endemia não era.
Ah, se era! Não
inflacionava o
condomínio dos mortos.

Depois,
pandemia:

a larva do
nefasto,
(que come
o primeiro
e depois
o outro).

9.

Até quando a visita
deste vampiroso evento?

A taciturna enxurrada de
notícias, anavalha a inocência
de nossas inocências dentro do
pandêmico das interrogações.

10.

Nos ajude aí, ó Pai celeste,
a empurrar a nau sombria deste
pesadelo,
da Covid, no tempo.
Nossos remos não aguentam mais
as enchentes dessas mortes.

11.

Deus comigo, oro.
Salvai a vida, imploro.
O que persiste, é chaga de
Covid: mata. E eu, síndrome
de medo – choro.

12.

Rosna, Coronavírus, rosna!
Cão maldito, não te fartas,
nem te infartas, engolir refeições
de cadáveres, a milhares por dia?

Queres dizer
que Deus não funciona?
E que, por isto, trancafiaste
o umbral das igrejas, espalhando
as trevas do desemprego, da
epidemia e da fome, entre
os infelizes ancestrais
de Adão?

LXVIII

1.

Sedição!

Eis o trauma:

sou prisioneiro da metáfora.

As hélices do tufão

no meu voar.

2.

Pronde vou, sedição?

Se filhote de corvo nasceu na

caixa d'água do cemitério,

e crocita negro

em nossas lágrimas?

Tudo sofre com os

escarros da consciência!

3.

Sedição, pronde vou,

se dispararam um pipocar

de chumbos no jorro de
luzes da esperança?

Se a bruxa da Covid-19
fez derreter o cristal
do meu pranto?

Sinto-me esgar de símios.

A treva copulou no vinho
do meu copo.

O que faço, sedição,
descasco uma laranja
ou tomo um porre?

4.

É de praxe
eu ser-me
prático,
na praxis
do meu
espírito,
a caminho
por caminhos
que já não vou
(descaminhos de
tudo ser não sendo),

a vida nos embates
dos pés versus
ânsias de espírito,
amanhecendo sobre
rotos horizontes
de telhados: desde
a origem dos meus
sonhos dimanados
daquelas ruas
esburacadas.

Eu me molho de lembranças,
à procura da
“florida estátua
de minha infância.”

5.

O que vem da Índia
é proibido de se ver.

É sem enterro o fim dos mortos.

São embrulhados em amarrações
de pano, e atirados às línguas
de fogo das labaredas, em
plena rua, aos olhares
da multidão condoída.

Ó estúpido espetáculo
de shakespeariano sofrimento:
Daquelas fogueiras crematórias,
desmaterializam-se as almas
ardendo em cinzas.

6.

Quando eu morrer
me enterrem
dentro de um livro.

LXIX

1.

Eu vi,
pelo olho
do satélite,
a humanidade
se despedaçando
pelos precipícios
da Covid, abaixo.

E soaram-se
as trombas
do Apocalipse,
azoando os tímpanos
da urbe, com a zoeira
das emergências
motorizadas.

Só a luz, a luz
dentro do caos,
aplaina
o caos.

Mas o homem,
que deus é o homem,
que não se abstrai de
suas armas
de predador do universo?

E que obstrui as águas
de se espumarem
pelas jarras
do vento.

2.

O vírus não atacou
o peito dos galos,
nem o voo dos periquitos.
Que assim seja.

3.

Mosquital de trevas
do Coronavirus, vírus, vil?

O carro da morte está passando.

O ar escurece e o chão se apaga.

O luto faz brandir os
estandartes da melancolia,

e o enterro passa sob
o pranto das vacilações.

Vultos atônitos, cabisbaixos,
se recolhem ao âmago de suas
almas, escarafunchando o
abismo das interrogações.

As casas cochicham indignadas,
morejando lágrimas pelas janelas.

E dói-me
chorar o sem fim infinito
desses mortos que não param
de morrer.

4.

Ó íncolas
do orbe
conturbado!

Arranquem um pomar de beijos
do rosto ensanguentado de Cristo.

E vamos amar o pão,
e a luz que vem da mão.

5.

Meu coração tem ouvidos.

Os meus olhos têm cerimônias
de auroras não nascidas.

O tempo fabrica carquilhas
no semblante das flores.
As flores, as flores
que guardam nossas almas.

6.

Éramos todos inocentes naquela
noite.

7.

Brasil - Covid.
Brasil - CPIs.
Brasil - esmolas.
Brasil - impeachments.
Brasil - trapos,
comidas de verme.
Brasil - homofóbico burguês.
Brasil - baile funk.
Brasil - Comando Vermelho.
Brasil- político.

crocitar de urubus,
e boca de privadas.
Brasil - transatlântico,
das araras, das piamparas
e dos bugres, zirro!
Struggie for life.
Brasil - pedinte
das esquinas.
Brasil - fome.
Brasil - explosão
de bancos.
Brasil - banquete
de gatunos.
Brasil - feminicídios.
Brasil - homens de
merda, sub-homens.

8.

Será que vingarão
tuas palavras,
Pedro Apóstolo,
e as coisas voltarão
a seus lugares?

LXX

1.

Desce doce
o lume sidéreo,
a hora me chama.

A monotonia já se exaure
dos batentes da fadiga.

Eu vou junto (para
safar-me deste fantasma
que goteja defuntos).

Idéias fervilham moribundas
debaixo dos meus cabelos.

Se corro, não saio.
E se saio-fico.

2.

Quando se sucumbindo for a tarde
em direção às mansardas da noite,
é sinal que a luz pede guarida às
estrelas.

Nossas crenças estão frias
como múmias.

Ó bento borrifo de hissopes,
expulsai de nossas índoles o
pesadelo bacteriológico
desta loucura inclemente.

Nó de verdugo,
truculento.

3.

O ar da vida é
passarinho
no peito.

Tanto suspira
que se expira, agora,
no patíbulo da Covid.

Viver é agro. Atro.
A lua nasceu viúva.
O sol é cego.

4.

Envelheceu a hora.
Envelheceu a parede.

Envelheceu a minha mão.
Envelheceu o livro
puído pela leitura.

E aquele ódio paralisado
no retrato,
tão sozinho no meio da sala!

Meus olhos têm lembranças de mim,
esfregando a juventude no braseiro
das emoções.

5.

Eu amarrei o arco-íris
na torre da matriz.

– Não, eu me disse.
Não quero ver
a alma salobra
de César Vallejo
na prisão de Trujillo.
Ele nasceu no dia em
que Deus estava enfermo.
Ó “excelsa amargura!”
A luz se despedaça
no ataúde.

Sombras se despregam
dos corpos desabados.

E nada significa.

Exceto

o céu que é o mesmo
nas mãos do infinito,

nuvens negras como óleo
se aglomeram,

toró d'água vem vindo
pelos trovejos relampejados
dos trovões
“gritando, lá longe:
já vou...”

Eita Juca Mulato na
nostalgia dos meus versos.

Penca de janeiros granizam
a cor dos meus cabelos.

Assim eu grafo
a minha dor
com maiúsculas.

6.

Urge que contratemos os mísseis
nucleares da Coréia do Norte,

para bombardear o caroço mortífero
deste estrume do demônio (grassando
a pandemia “apocalíptica do caos”).

Virulenta bactéria
que cadaveriza
a humanidade!

7.

Tu, o pandemônio
do palanque universal.

Tu, sanguessuga, suga,
de nós, a poesia da vida!

8.

Vai-se o homem, de balde,
pelo “andar dos séculos.”

Me trazem o surrealismo
de Salvador Dali,
para eu pintar a tragédia
desta metáfora,
carregando a procissão
de nossas lágrimas.

9.

Ia.

Ia o poeta atravessando
a densa mata,
pelas profundezas daquele
áspero silêncio. Ia.

A sombra humil encobria a trilha, ia.
E balouçava triste o vulto, que lá longe
a pinguela avistava, afunilando-se no
extremo leste, com seu aclave de chão
pelado, escorregadio. Indo, o poeta ia
com teu farnel de sonhos às costas.

As tábuas da ponte estralavam-se, secas,
sob as pisadas de sola dos pisantes
(indo e vindo) – antes de a noite enlutar
os passos de passadas dos transeutenes.

Havia ciscos, pó de argila, areias e
cascas de gravetos, polpas esfareladas de
jatobás, e restos de folhagens mortas,
pela densa mata, no morrer das tardes
abraçadas aos rotos troncos das árvores.

Ia.
Ia o poeta,
colhendo, na cantante
alma de teus versos,
o estridor metálico das
cigarras, dedilhando os ventos
nas cordas de teus violinos.

O divo bardo, o bardo,
noivando-se, órfico,
com a exótica umbela
de flores ferruginosas,
dentro do bosque,
 ninho azul
 de borboletas.

Então que ia,
a brisa amainava
os nervos de tua lira.

O sol. O sol
era a oficina
da luz
se esvaindo dentro
da tarde.

Ia o vate pedalando o destino
entre “a agonia de seus
deuses naufragados”,

Nota:

(1) O poeta a que se refere o autor é Aidenor Aires, seu amigo desde os remotos tempos da adolescência.

enquanto vibrava a cítara
dos ventos pelos palácios
de tua alma.

10.

Maior que minha pátria
é o caminho das estrelas
e o amor de uma mulher.

11.

Lumes cairão das nuvens
frechando a terra
de dias felizes.

E colheremos
ramos de canções
das árvores
nossas irmãs.

Quem sabe amanhã, o tempo
do novo normal, devolverá o néctar
dos beijos embrulhados nas cartas de amor.

LXXI

1.

As vírgulas já não resistem mais
as represas do pranto, encalhadas
na íris dos textos.

O tempo não rola ocioso.

Estiquei lonjuras para
colher palavras.

E léguas
de amor, amei os versos,
as árvores, os mendigos,
as putas, os bares e as varandas.

O pote de água fria, amei.
O boi na mansidão das campinas.

E o queixoso grito de alerta
das sirenes silvando seus gemidos,
na alma dos mortais, obliterei.

2.

Por amor às dalias, ao pão
e às panelas, apagaremos completamente
de nossas memórias o tornado desses
delírios irrealis, disparando buzinas
fúnebres, na insônia
interminável de nossas horas.

A torneira que escancarou o naufrágio
ainda jorra o tufão da virulência?
Sim. Jorra. É guerra radiológica
para matar, para matar, para matar...

3.

Tolher, tolhido,
me tolhi,
atarantado pelo medo:
(e quedo) pelo estupor
plasmei-me, mudo, e
imóvel.

Não Covid, basta!
Mãe carrasca desta
desgraça, não nos faça
de iscas de tua borrasca!

Tão íntimas dos meus dedos,
(na liça dos teclados), as palavras.

4.

Trégua, cenário estúpido, trégua!
Refrangir de nossos cenhos, folga!

Deixai nossas crianças
se esfoguetarem de alegrias
no pátio estudantil de teus brinquedos.

As crianças são os passarinhos do
futuro, esparramando sementes
entre os ciscalhos
do ermo chão.

Deixai-as sorrir, na doce
pândega de teus sonhos.

Trégua, imploro. Trégua, eu choro.

Meu coração está seco, fora do lugar.
E levaram a minha poesia para o suor
dos coveiros.

5.

Assim não sendo, é:
temos que comer à mesa
do pânicio. (Do nariz

à boca, chove, Covid).

Assim não sendo, é:
temos que sonhar com o
último funeral da Covid.
Temos que rasgar urgentemente
a geração das máscaras. Temos.
Temos que sonhar com a
gaia hora do regresso
aos ferramentários
do mundo.

Pois já se irrompe do
fogo dos nossos anelos,
o esplendor do novo
NORMAL.

6.

Zarpemos.
O combustível
dos embates
nos espera.

São as naves
da confragosa
luta.

LXXII

1.

Em dias assim
de milhões de infectados,
a quebrantada esperança se perde
no talatar de teu mísero voo.

É o apogeu do massacre demolindo
as catedrais do sonho.

E eu mesmo
me reconstruo
no labirinto!

Fugitivo, fujo,
f-u-g-i-n-t-e,
do vampiroso
Coronavírus.

Não sei se
anjos ou
homens, vi,
enterrando
pacotes de

corpos
naqueles
covos da
eternidade.

2.

Em dias assim
de ventosa tristeza
na copa dos mognos,
eu amestro o meu espírito
aos sons da imaginosa
harpa.

E que não seja eu
bolhas de sabão,
nem gordura de porco,
nem fardo de óleo
queimado,
solidão, faísca
de lua, urina,
enquanto durar o tumulto
do flagelo epidêmico.

3.

Ó refega de
virose pestilenta!
O sofrimento amputa as
pernas do sonho!

No copo de leite do meu desejo,
eu remexo as profecias dos
meus farrapos.

E me estatelo na
pólvora do meu grito:

avisem aos urubus que os campanários
da morte/ não param de chorar.

4.

Almas se definham à
miserenta Covid-19.

O crepúsculo chegou mais cedo
e não elucida a obscuridade
de nossos destinos.

Perturbação.

Subamos.
O crepúsculo chegou mais cedo.

5.

Da sangrenta Palestina, Salim Jubran
esbraveja: “A glória é para os que
podem aguentar infortúnios.”

6.

Estranho jeito de morrer,
na fila dos iguais...
dessas miríades de vidas
(lutando) pelo fôlego redentor.

O cenário, meus amigos, é
patologicamente morbo.

Morbosidade que
inferniza os hospitais.

LXXIII

1.

Nossos silêncios de
insônias escrutantes.

Nossas almas sulcadas
pelas ravinas do medo.

Horror que congela os nossos olhos.
Horror que fustiga os nossos nervos.

2.

Tempos priscos
de gozos exuberantes.

Tempos de bocas beijadas
com espumas de cerveja.

Tempos de afagos carnais
que lambuzavam de amor
os lençóis das nossas noites.
De proletários a magnatas,
o destino é improrrogável.
E o amor não se prescreve.

3.

Meu pai homem do mato, das
cercas de arames, do boi e
dos barrocais do rio Corumbá,
ascendeu-se, descendente,
do cerne da madeira, ácido de
aromas.

Infartou-se, chagado, após
três tosses de asfixia
na madrugada.

4.

O baralho lê o Apocalipse
pelo olhar do lobo.

O mundo, meu filho, afigura-se agora
a um imenso cadáver boiando no ar
e pingando pus, pingando pus...

5.

Mas a estrela do Oriente me diz
que vai dar certo. E haverá Ressurreição.

6.

Já fui terra ardendo
debaixo de labaredas.
Já fui solo abafado
pela lona das fumaças,
e verde se derretendo
em chamas.

Já fui a morte dos rios chorando
na caveira de teus peixes,
e cascalhos
debaixo de brasas.
E zoeiras estridentes de
cigarras no
abafadiço das tardes

sobre nós
os sobreviventes
do soçobro.

7.

Que me escute o
príncipe bem-te-vi,
cadê o renascimento
do astro-deus
da manjedoura?

O filho gerado pelas
entranhas da luz, cadê?

Ó lume de Ungido clarão,
salvai-nos dos ataques desta brutal
morbidez pandêmica!

Outro nome, a Covid não tem
senão carrapato das trevas.

Execrável embrião de vírus,
vil e morfético, escrófula
e letal.

Pego profundo
de caos danoso.

E comboio de mortes
oprimindo as orfandades
do século.

8.

O que tinha que vir, já veio?
Não. Isso é apenas o ecfático
do sinistro. Encaixotados os defuntos,
as urnas funerárias se amontoam umas
sobre as outras, em extensas valas abertas
pelas mãos coveiras, apressuradas.
Cenas do lúgubre, sem condolências

de velórios vertendo
lágrimas no “cibório de nossas dores.”

A natureza vestiu-se de luto
para chorar aos pés de Deus.

Sem razões adredes, (e a
suma ciência não explica),
as vítimas são precipitadamente
apagadas como vermes no porão
das carniças.

E ninguém as tem mais
no convívio carnal
de teus afetos.

Vidas “que se desfolha (m)
ao vento do sepulcro!”

Exalas-te daqui, ó tenebroso pesadelo!
O teu lugar é no orifício da China.

9.

Até quando, Coronavírus, abusarás
da nossa frágil paciência?

“Milhafre dos infernos!
(...) Dê palavras à dor!”

Nossos dias mastigados
pelos dentes da aflição.

10.

Eis aqui, meus amigos,
o “calafrio aquerôntico”:
deste poema negro
escrito
a fogo de flagícios,
obra do CORONAVÍRUS.

Espirro
satânico
da China.

11,

- Ora, aonde já se viu isso,
uma doença estrangular a humanidade,
com as dimensões de uma catástrofe?

É balela ou realismo
de ritual macabro?

Assim me aludo? Não.
Ditérios do demônio.

LXXIV

1.

Ouvi a bronca de
um deus colérico.

Meu coração
parou de pensar.

Eram nuvens
vomitando
asperidões de
tristezas.

Choveu de arrancar sofás
e paredes das invasões
ribeirinhas.

2.

Todos os dias, ao tocar-me
à luz do chão,
os pensamentos abrem
janelas para eu voar.

Eu respiro células de
pranto no peito.
Mas a boca amarga
gosto de limalha.

3.

Uma pomba fendeu
o balé das brisas.

Súbito, vi, confuso,
a ave,
riscando o céu
com seu traslado
de almas.

De epifania não era.
Voo alçado
em ritmos de epicédio:
a pomba,
de urna em urna,
como que, numa aparição
de gralhas ou de corvo, em
grulhar de soturnos arrulhos.

4.

Sob os tetos da quarentena

recomeça
o tiroteiro da discórdia.

Acabou-se o gás. Não tem arroz.
A luz está cortada. O sol não entra.
A conversa é curta e dinheiro não há.

Governo não é teta
planturosa de leite.

Nem caixa de banco que chove
milagres.

5.

– Eta menino malcriado!
Preste bem atenção, sou piolho de uma figa!
Tire o seu nariz da rua, e entre logo pra dentro,
antes que o demônio desta porqueira de vírus
te pegue. E depois vem tossir, na minha cara,
seu cachorrinho!

À margem leste da rua,
um campanês de máscara tocava
sua carroça de leiteiro.

6.

O desespero se exaspera, a pique.

Sinos se doeram na plangência
de seus bimbáhos. Senti que
nova turba de almas deste mundo
se exalara para os covos do infinito.
Enquanto nós - os confinados -
sobrevivemos, à risca, no encerro
de nossas prisões domésticas.

Ah, que mal não há! Ó
cautelas de salvaguarda!

Tempos de tédios
inspiram de demências
aos suicídios.

A solidão aperta os cintos.
E a dor amarra as nossas almas
aos parafusos de seus engonços.

7.

Vou buscar uma tigela de biscoitos,
uma garrafa de café e pães
para o bródio matinal dos varredores
de ruas.

A ficção perdeu seu pódio.

Que imagem tristíssima é esta
do mundo batendo às portas
de uma clínica psiquiátrica.

Estamos aqui,
mas não somos daqui.

E se somos homens
também somos hospícios,
no ciclo de nós mesmos.

8.

Mutirões de cientistas desintegram células
à procura do milagre imunogênico. E vazam
noites inteiras de olhos pregados em seus
microscópios, esquadrihando as bactérias
que alimentam a catástrofe universal.

E o que escutam, a humanidade espera:
o antídoto ou o deus exato da vacina,
à base de estreptomicina, e anticorpos
da gamaglobina, no combate à moléstia
viral?

A chaga coletiva é a presença do Anticristo
encarnado no Coronavírus, diria um
capelão
versado em assuntos escatológicos.

E tão logo (será) nos salvaremos
dos acicates deste martírio?

Acusarmos então
a esperança de traiçoeira,
faz sentido, é mister?

9.

O tempo gira nas esferas
de teu eixo invisível: cósmico.

O tempo é mais velho que a morte.

10.

Lembrei-me de viver
me esquecendo.

De repente,
um esvaziamento
abrupto.

A tristeza enterrou seus punhais
nos suspiros da humanidade.

E serei eu o arauto
das janelas enlutadas?

11.

Se Césas Vallejo aqui,
em minhas mãos estivesse,
escreveria que estamos numa caixa
imensurável de feridas,
e vendo a água descer dos fogos.

12.

Meu Deus, que nostalgia
pesada é esta, que me chega
pelos flúmens do tempo –
e por essas “gotas de chuva
tamborilando” sobre os
telhados da minha alma?

13.

Amanhecia ali adiante
das soleiras da insônia.
E já era maio na coroa
alaranjada do sol;

dia das mães.

Maternalmente este domingo
tem cara de abraços e de
presentes.

É o banquete
universal
dos beijos,
(onde os corações
se rejubilam, devotados,
em chuvas de gratidão).

A minha mãe menina
ficou viúva.
A minha mãe menina
foi merendeira
de Grupo Escolar.
A minha mãe menina
doou teu corpo
para gerar nove vidas.

A minha mãe menina
foi longeva no aniversário
de tuas primaveras:
95 chusmas de parabéns.

De repente,
um passarinho
levou-a
para morar
no infinito,
onde o céu é
o lamadário
de Deus.

Apenas isto, minha mãe:
tu tens cadeira cativa
nas varandas de minha alma.

LXXV

1.

Um pelotão de quimeras puxam
as minhas mãos
para o tentame das palavras.

E é dada a largada
do confronto com a poesia.

Respiro fundo. Dilato o fôlego.
E acendo os faróis da inspiração.

2.

Já que estamos nos desígnios
desta espagíria sentimental,
darei, em versos, o meu louvor
a este meu velho coadjuvante
de leais segredos, no altar
da criação: o dicionário.

3.

Um forte calafrio
irrompeu-se do infinito.

4.

Em contos de fadas,
fábulas de dragões.

Na vida real,
o delírio
pandêmico.
Todos enfiados
do mesmo enfado,
à espera de panacéias
que caíam do céu.

5.

Senhor, não me leves a mal,
mas milhares de mortos por dia é dose
pra cavalo. Nem o diabo aguenta.
Eu mesmo, cá da minha provinciana janela,
terei que me apelar, para o
punhal de Brutus. Tirá-lo
da bainha e, enterrá-lo até o cabo nas tripas
da
Covid-19.
Esta “semeadora terrível de defuntos.”

Que demônio é este que não retorna
às fornalhas da China?

6.

O bispo anda de saco cheio.
Chamou a polícia, e excomungou
o Coronavírus: “Diabo! O teu
lugar é no esgoto, entre
as tripas do matadouro”.
Foi tarde. O inimigo contaminou
até as hóstias do ostensório.

7.

Dito no enquanto
de um delírio, tive:
o de ver e sentir
uma tempestade de sal,
queimando as pupilas
da minha luz.

Santos e serafins também vi,
despojando-se de seus
paramentos de igrejas,
para se juntarem às tropas
de agentes da Medicina,
adjutorando-os no enfrentamento
às descargas letais da Covid.

Os dias, no entanto, se despencam
como mortes precoces, fora do tempo.

LXXVI

1.

O sol parou.
Paris parou.

Londres escondeu
seus metrô
no fundo do Tâmisia.

E a rainha pediu ajuda aos mordomos
para distribuir teu coração entre
os doentes da Covid.

2.

Ah,
Coronavírus,
se tu mostrares a cara,
racharemos o teu crânio
a pauladas.

As palavras são pérolas
incorpóreas que se
alam de mistérios,

insignificando o significado
daquilo que não somos.

3.

O espírito da vida é vácuo.
E nós somos a morada do vácuo.

Jhon Milton travou amizade com
o demônio. E o anjo de Blake
fez vigília na sepultura.

Mas o pássaro da manhã,
venturoso e mensageiro,
não permite que “a nossa
voz se quebre em lágrimas.”

A diva levou embora a florida
ternura de nossos abraços (na
poesia daqueles encontros),
pelas galerias de arte, shoppings,
ateliers, exposições e cafés...

Se me beijavas facialmente,
pingava mel das nuvens.
Por ti ausente, em íngreme silêncio,
atravessei insônias inteiras procurando
os rastros de teu sorriso, entre
os perfumes da noite. Ó minha
doce abelha vestida de amarelo amor!

4.

Tu, sombra sideral
de árdega presença
no pomar dos meus
sonhos.

E eu, gesto
de amargo cisco.

Ígnea flor da
minha loucura.

Meu coração irresponsável
estraga tudo. Um beijo.

5.

Caixões, no plástico, iam se
empilhando, uns nos outros,
às cavas das valas:

a pá de aço dos tratores entupia
de terra a coletiva cova.

Depois, noutras metrópoles
do orbe contaminado,
gavetários fúnebres subiam
pelas pratileiras de concreto.

6.

A pele torrada pelas
andanças na areia.
Léguas de sol
no rosto. Tua vida
em chamas, Rimbaud,
ruminando
sentenças de hastas:
“Esta é uma geração
que naufragou.”

7.

Os rios começaram a morrer
no dia em que arremessaram iodo
no reino de tuas guelras.

8.

De todos os fogos da vida
na correnteza de teus milagres,
aqui estou
a lavar os martírios
desta dor interminável entre
os homens.

Longo temporal de vinagre
em meus olhos.

Pelo rio ininterrupto das horas,
eu me debruço na artesanaria
destes sussurros elegíacos –
como se estivesse a esculpir
Os burgueses de Calais, de Rodin.
O sofrimento ganha as dimensões
das câmaras de gás do holocausto
alemão.

Tenho medo de espadas medievais.
Tenho medo dos espelhos
me engolindo pela dentadura
de teus fantasmas.

É tempo de Covid.

9.

Poesia, quero-a
produto comestível,
alimentando o povo
(e teus sonhos atracados
às asperezas dos embates).

Página por página,
vou soletrando
o abecedário

desta agonia:

ser poeta nos tempos
do *pão eletrônico*.
Que mal gosto fenomenal!

O meu rebanho
não é deste mundo.

Foi por engano
que eu nasci
nesta efígie
de barro.

10.

Acalmai, meus amigos.
Eu não pretendo dizer nada.

E o que sai da minha voz
são pássaros empapados
de óperas
povoando
as mansões
do empírio.

LXXVII

1.

Quando houver chegada a era
do pós-(devassa)-Coronavírus,
as trevas da ressaca se abrirão
em abundâncias de privações
sobre os homens.

A cirrose financeira atacará
o fígado da humanidade.

E haverá terríveis esgares,
de desesperos e fomes,
por falta de dinheiro
para empregos e pão.

2.

Tempos perversos chegarão
pedindo esmolas aos
miseráveis.

Abra os olhos, humanidade.
A Covid desparafusou os
eixos de tua rotina.

E que venha logo o novo normal
nos ensinar o ritmo do novo antigo.

Aí, sim: anunciaremos o nosso
reencontro com os mornos
abraços da vida nos esperando.

3.

E aos pés do santo Peregrino
ensanguentado,
cairemos, genefluxos,
a rogar-lhe uma clínica
psiquiátrica
à nevrose coletiva dos homens.

4.

O meu gabinete literário
é itinerante.

Suspirosos raios de amanhecer
acendem círios no meu lápis.

O que canto, descanto,
é amargo no meu pranto.

5.

A poesia peleja,
mas não é máquina.

A alma, sim: é o
motor do texto.

Uni-vos então, ó bardos do mundo,
para que a poesia não perca jamais
as ribaltas universais
de tua audiência.

6.

E tu sabes, poesia, qual é
o meu lado ruim? Entanto,
ouças: é flagrar-te
na invisível miragem
da minha pobre mântica.

Porque jamais alcansarei
onde estás, em teu
dilúvio de
purezas.

LXXVIII

1.

É por aqui.
Me dê a mão.
Anjo.

A sombra conhece
o caminho.
E nos conduz
ao cheiro bom das águas,
ao fogo das abelhas,
ao sono granítico das pedras,
às ordens transgressoras do pélago,
ao canto mítico dos galos,
ao paredão flutuante das nuvens
e à faísca alada dos relâmpagos.
A sombra. A sombra: reflexo itinerante
de nossos vultos até à morte.

2.

A linguagem costura frases.
O verbo é o trânsito da minha alma.
Mirífica luz me salva do fojo.

3.

Os espelhos odeiam
os podres de caráter.

A justiça recrudescer os nervos.

E este passar de horas miserandas
não passa. Eu “abro o livro e aprendo
a história do rancor.”

Cronos agora é deus de drone.
Tem olhos eletrônicos para enxergar
os delitos dentro do mundo.

Eu sou outro. Vamos. A sombra atravessa
o fogo. E a centelha mostra o destino.

O sonho é um truque de imagens
no palco de uma segunda vida.
Metamorfoses que transmutam nimbos
em voos de girafas. Os sonhos.

4.

Raios de ternura
em colapso. Acerbo.
Esta menina é a
loucura da minha luz.

LXXIX

1.

“Que fatalidade, meu Pai!”
a gênese patogênica deste
mal pandêmico,
gerador
de medos
patofóbicos.

Das narinas aos pulmões
o inferno desce. E mata.

2.

O celular tilinta sobre
o esparrame dos livros:
– Sim. Sim, sou eu, em
voz, alma e poesia,
desta solidão que vos fala.

LXXX

1.

Como sofrem os casais detrás
das portas das quarentenas.
Iracundos à toa (e rusguentos)
sob os castiçais do mesmo teto.
Vão aos extremos dos tendepás
por reles motivos. Os pombinhos
dos entreveros conjugais.

Ó terapeutas e psicacanalistas!
Ó líderes espirituais e palestrantes
de auto-ajuda! Ó capelões e médicos do
espírito! Abram, por favor, as páginas
da psicologia do amor, e apaguem depressa
a cizânia dessas almas infelizes.

2.

Tão inscientes viemos
das entranhas do nascimento.
E o destino nos entregou
um bilhete de entrada
às tramas da vida.

E confuso e ambíguo
é irmos, sob sinas
de sol e de noites.

E nada esclarece o bilhete
sobre as emboscadas do acaso.
E tudo é tão obscuro:
“enterro após enterro”.

Contudo, do coito carnal
de nossas origens, trouxemos
esta faísca de luz, que vai
de pé, na proa, singrando
a loucura de sermos cúmplices
do destino.

Dos lençóis do amor,
à obscura sorte: nascemos.

3.

O oco das incertezas é
tão assustador que dá vontade de sair
por aí mastigando pedras de meio-fio,

pois vem próximo o dia em que
“espremeremos a rocha ao sentir sede,
e morderemos o pó ao sentir fome.”

LXXXI

1.

O céu foi traído.

Os correios entraram em depressão.

Ó curumins da minha aldeia,
venham comigo.

A virulência é pérfida.

E não há cursor que nos
impeça da obscuridade
desta peste.

2.

Agouros anunciaram
o advento do pânico. Corri.

O perigo é amanhecemos
numa cápsula de vidro.

3.

Erma tarde perambula
esmulambada pela rua.
Eu vou junto.

Dois de maio. Sábado.
A minha mão tem olhos
e lê o colapso das
nuvens.

A merda do mundo entope
o meu nariz.

Vem, musa de bordel,
banhar o teu corpo nas
impurezas do meu pranto.

4.

Meu coração é um dínamo aflito.
E funciona como um sineiro.

Sombra. Sombra. Sombra.
A sombra não anda, mas bubuia
(invisível) como o reflexo
de uma nave.

5.

Os meninos. Os meninos:
pandegar.

Os meninos. Os meninos
pandegar já não podem.

O capim cresce. A morte aumenta.
Drásticas restringências
(de limitações proibitivas)
se impuseram como negras fechaduras
no coração da infância, expluindo
frustrações e tristezas nos olhares
de brandura, da buliçosa pequenada.

“Todo mundo, já, pra dentro de casa!”

Pois correr, rir, rolar na areia,
foliar, jogar futebol, gritar, gandaiar,
comer pipocas, soltar papagaios, passear
em parques de brinquedos, tomar sorvetes,
ir às matinês de cinemas, e cochichar
entre amiguinhos de escolas,

estão vedadamente

impedidos
de se desfrutarem
desses entretenimentos
de diversões e lazer,
durante a jubilação de
seus recreios.

6.

O perigo está de pé:
é roedor, letal,

e assola o ar no
imo peito.

7.

Arrancaram as rodas do mundo.
Salvecredo, socorro! A humanidade
encravou-se na travas do abismo.

As ruas saíram correndo
da negra inércia de teus
leitos.

As casas se recolheram ao
murmúrio de tuas preces,
ao pé dos oratórios.

E de tudo, desde o
embrião das moléculas,
até à gênese das almas,
a luz é o farfalhar do espírito
no sangue de todas as cooisas.

E a grande árvore da vida
na “conjução do homem
com a natureza.”

Senhor, Senhor,
“que a tua bênção
nos escolte!”

É (e são) o quadro
avassalador da Covid,
que trouxe à crista da realidade,
tropas internacionais de médicos
comprometidos, com a frágua de teus
embates, dias e noites, salvando vidas
(e se salvando) desta moléstia,
filha do Averno,
cuja dor
se expande
com o triunfo
universal das mortes.

As viaturas não
interrope o grito de teus
gemidos. E apavoram os anjos
da madrugada.

Temos medo. O dia é longo
com a tragédia de teus enterros.

LXXXII

1.

É de Guillén
este açúcar de poema:
“Tu engraxas as rodas dos ventos
para assustar as palmeiras.”

E com anuências de Cuba,
o menino de Guillén vem abrir
a torneira dos meus sonhos.

2.

E há esfalfados anos subsistimos
às janeiradas de trovões em nosso
ombros. E carregamos
o prodígio generoso de nossas alegrias,
ludibriadas por de falsas eternidades.

Cada instante era uma faísca de efêmero
que se desmanchava em bolhas de sabão.

Eu injetava a rebeldia dos meus sonhos
na engrenagem das coisas.

Depois,
descobri que a minha mãe derramava
banha quente de porco nos meus ouvidos
pra não padecerem de surdez, na velhice.

3.

Mulher-máquina, atroz,
de estilo a mil por hora.
Resistência de búfalo, beliciosa.
Caráter de pedra. Franciscana.
Doar é o verbo de dádivas
de teu vasto coração.

De tenros cognomes:
de **Nininha** ou **Branca**.

Mulher-torpedo.
Mulher-doação.
Siso de raça:
máquina. Ternura
e pão de afeto.

Tu, gatilho de farpas
da verdade que dói,
mas conserta.

Tu, mulher turbina,
voa: mais ligeira

que a seta de Ártemis;
pois dos brasumes de
tua terrível desinquietude,
o futuro já passou, envelheceu. Ó
precipitosa precipitação
de teu acelerado viver (o tudo)
na fragmentação eterna dos minutos,
como se partos e óbitos fossem
os últimos. Tu, turbina da pressa:

Ah, o nosso prélio
de mãos dadas,
cantar para existir.

Mulher-piloto minha cônjuge,
de prestezas e labor das madrugadas.
Nunca deste à luz a um varão
da minha gênese, mas és guerreiramente
solícita comigo.
Companheira. Do sorriso
à lágrima.

Que otimismo alvissareiro
nas veias de fogo do teu viver!
E és hiante a todos
os duelos da porfia.

Nada te encurralas ao medo,
ó criatura de atributos enormes!
Verbo que fulmina a contumácia

desvairada dos meus erros.

Entardecia na fazanda do cartoreiro.
E “um berro de bezerro foi dado”, lá do
fundo das garrancheiras
do brejo. E eu te vi, mulher, pulando
a espinhosa sebe, até o paul, onde,
sozinha, salvaste a novilha.

E tu bem sabes
que escrever, para mim,
é “respiração de flautas”.

E ser poeta é o meu passaporte
para o existir.

Atravessaste, calada, as vascas
das minhas loucas carraspanas.
Tu, de pé,
jacarandá.

Severa e solícita,
amarras e redemoinho
aos pés da mesa
e tens a resposta.

Assim, dessa nímia contundência
me arrancaste da cavernosa
temporada etílica.

4.

Juro e me esconjuro. E juro
de novo ao santíssimo gênio
dos meus oráculos, que não mais
serei espectador (deste mórbido
noticiário) que aporrinha
a rede dos meus nervos.

O escândalo funerário
das manchetes
estrafega até os portões
dos cemitérios.

5.

Ave-cruz,
a tristeza
me engole.

E Cristo dói, vivíssimo,
nas chagas do meu pranto.

6.

Meu Deus,
remendar sonhos
é melhor
que perdê-los.

7.

Sim, tens razão,
ó Píndaro!” Distingue-nos, contudo,
o desigual poder: o homem é nada.”

8.

Eis o avesso de meu canto,
choramingando
pelos tambores da melancolia.

Somente isto:
eu não pretendo
dizer nada.

LXXXIII

1

Não mais me hospedarei
nos albergues do meu íntimo:
a Covid-19 inundou de traumas
as estradas do coração.

Bafio fétido de crótalo,
gosma de cascavel, veneno.

E eu me esguelo em
berros de revolta:

que pagues a conta,
ó vagina de
lábios asiáticos!

2.

Isto que se vê
é anômalo.
Terrífico.
Inaceitável,
abjeto, torpe.

E mortificante
como o sacrifício de
milhões de Cristos
numa só cruz.

3.

Ninguém vai a lugar nenhum.
Fique em casa. Se saíres,
o alçapão
do vírus
te pega.

4.

Ó tétrico suceder de
corpos nos necrotérios!

Teratologia nenhuma explica
a monstruosidade deste bacilo,
que estraçoou o planeta.

5.

O medo é um aracnídeo asqueroso
desovando os teus ácaros
entre as teias da mente humana.

“Caio de joelhos, trêmulo...”
O verme não passa: é corrutivo.

O surto não passa,
é sinônimo de horror.
Escalada de martírios
dos moribundos, acamados.
As janelas chuveiam gotas
de ar no peito dos empalamados.

Do lado inverso, é controverso.
A natureza bate às portas dos hospitais,
implorando o fim do pesadelo.
E à procura de
 bonanças.

Enquanto sinistrar a pandemia,
e eu nascer chuva.

6.

Tudo é inexorável
no reino do rotineiro:
crises claustrofóbicas,
asgos, delírios, facas,
cordas e gatilhos
à guisa de suicídios.

A verdade jaz, inconsútil,
no fundo do poço. Quem há de?
Se o caldeirão de dúvidas
fervilha em nossas mentes?

7.

E o que nos resta, doravante,
senão lembrarmos que “os homens
que fazem rir valem mais do que
os homens que fazem chorar”?

Senão entregarmos os nossos
destinos a Mefistófoles?

8.

De um a um,
aglomerados,
o vírus se inocula e a
morte estrangula.

E solenemente alheio às filas
de carros das funerárias, o sol
se esplende como um borrão de
laranja, no umbigo do céu.

Sinal que a luz é inequívoca
e retorna ao cristal de tua missão.

9.

E vós, Coronavírus,
quem sois?

LXXXIV

1.

Súplicas se proliferam
pelas filas do governo:
queremos remédios, pão
e empregos...

Longos percursos
teremos que engolir
para apagarmos da memória
o caudaloso escândalo dessas
mortes, pela catástrofe biológica.

2.

Agora é sem agora.

E o mal pelo mal
só trabalha pelo mal.

O bem é um copo d'água
que se dá a um cego
no meio da rua.

3.

Eu já estive no futuro
e vi:
a realidade dos fatos
voltará paraplégica.

4.

Às vezes eu me recorro
ao zagal das montanhas,
para evitar a morte dos tamanduás
atravessando as rodovias
à procura de comida.

Lá fora
“o sol costura com
agulhas de ouro”,
a farroupilha
da esperança.

Não faço versos de
homogêneas rimas.

5.

Não serei eu, cáspite!
O exegeta desta maldição
que ensombra
as criaturas do mundo.

Corticóide, cura?

Vísceras de cascavel
em ferventes bacias
de soda, cura?

Achatar a curva do contágio
com cilindros de oxigênio,
cura?

Se não cura, é merda!

6.

Esta noite eu
(des)sonhei um sonho.
Deus mandou pregar uma placa
no frontispício do céu,
avisando: “Vocês se esqueceram
de mim. Agora é tarde...”

7.

Tu, meu lente aquariano
Domingos Félix,
a um só tempo,
me abriste a iluminada
selva das palavras,

pelas quais eu descobri
a sabedoria do simples e o sumo
enfeitiçante
da poesia.

Tua presença, no front
dos meus sonhos literários,
foi-me de fecunda excelsitude.

8.

Ó Felício de felícias
tantas, no nome: me ouças.
Sucedo que, neste explícito
momento de viagens às névoas
da memória, eu me re-
nasço contigo, ó viperino vate
do **martírio das horas**, no
hotel do tempo, daquelas barulhentas
tardes de nossas
odisseias etílicas.

As ninfetazinhas, de ofegantes
pecados pela lascívia dos seios,
também libavam dos goles da
nossa santa ebríez.

O grande Fofó gritava
das escumas de teu porre:

- Silêncio nesta assembléia
de copos, ó tropa de cervejeiros!
Liberdade, liberdade, suba logo
à tribuna da poesia.
O Gabé vai declamar.
Mas agora, Fofó, hoje,
somos apenas o suspiro
da poeira/ na alma
dessas recordações.

Já esfriou-se o tempo
das arduras boêmias na
pauta de nossos sonhos.
Quiçá, não havia Coronavírus
que metesse focinheiras na
flama verbal de nossos encontros
cervejais .

Teus versos de antanho
eram cóleras de soda,
porradas de Anticristo.

Eras o punhal da liberdade
na garupa do relâmpago.

E quantas vezes, ó menestrel
dos **Monólogos da Angústia!**
Tu e eu galopamos, montados,
ao dorso de um rocinante à gasolina.

E fogueados pelo conhaque, íamos
rasgando a brisa dos gerais,
à procura de musas
e do fogo molhado
de teus beijos.

Mas quis o destino que fôssemos
acampar sobre o veludo literário
da imortalidade goiana.

Eras, da juventude, a flama
e o canto do poeta (meu irmão),
entregue às mãos do vento.

9.

Cada homem construirá
a mansão do “seu próprio nada”.
Daí, ao advento das trevas,
toda voz será congelada
no fundo do chão.

É verdade, Gorotiza, que
tu pegas a inspiração
pelo topete? Ai,
negro oráculo
que trovoa!

LXXXV

1.

Do lado de dentro das janelas,
a discórdia se engalfinha, com
palavrões/ que aniquilam
alicerces de himineus.

Do lado de dentro das janelas,
eu vi a lua luzindo sua esfera
fulva, no fundo do mármore.

Nódoas explícitos de lassidões
e tédios, entre paredes. Ou
vergasta do eminente
senhor do Hades?

Nossas vidas arrastadas pela
onda epidêmica do caos.

2.

Árdegos de frio, junho
e julho adentraram o cataclismo.

Acaso Deus dará indulto
ao demônio dessas mortes?
Teria sido a Caixa de Pandora
a soltar o bafo de tanta desgraça,
com o trágico feitiço
das mandigueiras de Maceth?

E Calígula, Nero, Hitler e
Mussolini também são cúmplices
desta catástrofe coletiva?

3.

Rua da Saudade, domingo, seis
e trinta da manhã. E inda era quando,
pelas abas da cidade, obscuras névoas
de verão (pandêmico de Covid)
embaçavam
o advento dos primeiros raios da aurora,

mergulhado-se de ponta
sobre os suspiros terrestres
de mais um dia longamente deserto,
destarte azucrinado pelos ladridos
de fome dos cães de rua.

Da ponte, sobre o ribeirão
do deputado, à Igreja,

a paisagem era defunta
em seus mistérios de pedra.
Rua 1, Vila Lobo, Inhumas.
Nove e meia da manhã. Estralos
de ardentes chicotadas ouvi.
Três brutamontes de marmanjos,
asselvajados de ira, vergastavam
a pobre égua, flagelando-a sem dó.
Interrompi o poema, e soltei
as raivas da minha dinamite:
“Demônios, por que não ficam
no lugar da coitadinha?”

4.

Ainda não me moldo
à esfogueada estrela
desses amanheceres
no peitoril das janelas.

Luz que esvaza a
bacia das nuvens,
e me chega como
um beijo de pérolas

5.

Tudo sei de mim
que nada sei. Exceto

este meu desassossego
de folosofar acerca da
gruta de fogo
de minhas lágrimas.

Ser descritivo é o pior
de mim, durante as matanças
da carniceira pandemia.

A dor se estatela.

E nossas almas se afugentam
na escuridão de suas origens.

6.

Este tudo era das coisas
dói demasiado.
Sol-posto, treva à vista.

Lembranças são pedras
que a alma carrega.

LXXXVI

1.

Julho amanheceu a bordo das ambulâncias
gemendo a desesperação de suas buzinas.

– *Ali vai mais um no balão de oxigênio.*

Assevera alguém de
teu ergástulo doméstico.

Os dedos do vento batem em minha janela.

Querem me dizer que gotas de nácar
ainda jazem no focinho das trevas,
antes que o sol arrebente este cenário.

E que eu me mude para o comboio daquelas nuvens
com aparências de estopas queimadas.

Os dias passam sem passar.

E Maria D’Lourdes recita
loas a Maomé.

2.

O povo sonha, feroz e solícito.
O inferno é real (o povo sabe),
o vírus e a fome – o povo sofre.

E pelos vizinhos, a solidariedade
abre a mão: um empresta o sal ao outro.
O povo come.

3.

O Coronavírus é um tremendo
de um mau caráter:
faz compras, vai às feiras, trepa,
circula pelos aeroportos, viaja de
trens, espirra em pontos de ônibus,
tosse na cara de passageiros, dirige,
masturba. E depois – clinicamente –
estica as canelas do freguês
sobre um leito de ambulância,
interna-o. Dia seguinte é devolvido
aos seus familiares num latão do IML.

Assim é a Covid-19, a defunteira
pandêmica, sem tréguas.

4.

Empestados, vitimados, azarados,
infectados – de um para todos –
num só fervilhar de infecções:
ali vem eles, um a um,
à procura dos anjos de jalecos
brancos, listrados de azul, (os

enfermeiros do *front*
pelo milagre da cura).

Ó lacrimar de sofrimentos,
a perspectiva de medicamentos para
o mal da Covid, é frustrante.

Os laboratórios do mundo não dormem,
com seus ensaios científicos
à procura de novas eficácias
de imunizantes.

E falarmos adeus agora
às letalidades hospitalares,
é baba de boi no pasto.

As urnas sepulcrais
que o digam.

5.

A juventude atola-se na delinquência
de suas esbórnias suicidas.

A juventude e o hospício de
seus vícios, na droga.

A juventude inimiga dos livros.
E armada de fuzis (na mira

da própria morte) – aos enfrentamentos
com a polícia e tiroteios.

A juventude e tua idolatria
nos deuses da música sertaneja,
enquanto queimam as labaredas
do existir, na embriaguez de tuas
ilusões.

6.

Tempos de
inconsoláveis
expressões faciais.

Epopéia de dias atros.

Desolação e medo
de sorrisos doentes.

Cientistas e bioquímicos consomem seus
conhecimentos farmacológicos na briga
contra a Covid-19.

Às vezes devolvem sorrisos
aos lábios da esperança.
Às vezes não. A medicina blefa.

7.

A aragem sussurra devagarinho
na inocência das coisas.

As paredes dormem.

E eu prego fita adesiva na lombada dos livros
para salvar a humanidade.

“O tempo é um covil de ladrões”.

E neste universo de páginas
viceja a raiz dos sonhos.

8.

Enquanto não passou
o bonde do meu viver,

cantar o passado é
arte de amar fantasmas.

Essas sombras taciturnas
não morrem: feito
ringir de dentes
nos porões da memória.

LXXXVII

1.

Repito, apito e me aflito
neste ofício de

garimpar a alma à cata de poesia ,
com paciência de louco – obstinado?

Nem épico nem tolo, meus amigos.
O alvo é o voo do eco.
Ou das batidas da minha insônia
na montanha dos minutos.

2.

O dicionário é a árvore
das palavras.
Maduras e cozidas, lá estão
elas drummondianamente prontas
para serem colhidas.

3.

– E você sabe
com quantas toneladas de tristezas
se faz uma ausência?

– Já sentiu ebulições no gânglio dos nervos?

Então é simples. Desabotoas a
coleira de teu coração.
Daí,
quem sabe? – tu percebas
a desgraça da humanidade destrozada
pelo pandemônio do Coronavírus.

A panela estourou.

4.

Ruas obstadas, o chão parou.
E os transeuntes transgridem
as regras sanitárias
e soltam os seus demônios.

Nada posso (estar de mim não
sou) – apenas evoco as bucólicas
de Virgílio. E adoro ouvir galos
acordando as pedras do amanhecer.

As lágrimas do povo é comer.
Sedição enerva almas, se preciso for.
E sorrir é dinheiro no bolso,
esperança que engorda sonhos.
Na república da Lava Jato
os cachorros comem lixo.

5.

O que passou faz o futuro,
a hora que soergue: tonta.

Degraus de osso moído,
eu subo.

E o dia é chão que
vou arando.

Garganta de galo,
alba de luz, boi.

Tudo que funciona
entre garfos e colheres...
inclusive a árvore do pão que
a terra oferta à mesa dos homens.

6.

Não se trata de ser bonito
debaixo do chapéu. Mas de ser
possível (no vaporoso reino
das metamorfoses psíquicas).
E coser frases é imprimir sonhos.

Uma rã, por exemplo, pode
vestir sutiã, e embebedar-se
de óperas.

Tudo é possível nas
espumas do onírico:

uma canoa que carrega
o oceano Atlântico,
um eu que me prega às
paisagens do efêmero,
um “ponteiro que sofre
a prisão de sua marcha”,
uma estrela que planta
cajus em glebas de areias,
uma gloxínia que se traja
de enfermeira,
um príncipe que solta os seus
cavalos para a chuva passar,
e um submarino que distribui
sorvetes aos filhotes de baleias.

7.

O que scandaliza a minha consciência
não é a morte: é o tempo.

O tempo é a obra do susto.

8.

Consertam-se almas, coisas
e sisos, talvez...

Céus, rios e prados
eu só os encontrei nas
páginas da geografia ginasiana.

Por isso, não me conserto.

A minha cabeça é um museu
de sonhos quebrados.

E meu pai pescava o luar
no olho do peixe.

Agora é tarde. Não há
remédio ecológico que repare
este sinistro.

A poesia é a táboa de socorro.

LXXXVIII

1.

De bar em bar, com a minha
boca cheia de quimeras, eu
magnetizava homens e mulheres.
Fui poeta itinerante das madrugadas
pingando garoa no meu bigode.

E me diz aí, ó mestre Lavareda,
o que é a Justiça nesta colmeia
de infelizes?

– Sim, eu lhe digo.

A Justiça tem um milhão de portas
para inocentar bandidos. Infelizmente
esta é a mais sórdida de todas as
verdades.

E ia-me, eu poeta mascate, de bar em bar,
com a minha sacola de Orfeu, às costas,
sulcando o nevoeiro das noites paulistanas.

2.

Que mente é esta que acende
o farol das lembranças?

À baila, brotarão agouros
de infaustos vaticínios?

Haverá mudanças bruscas no
jeito antigo de amarmos a vida?

Os milionários afrouxarão
a dinheirama de tuas fortunas?

Os poderosos amansarão o
pélogo de tuas ambições?

E haverá mais espaços para
o avanço das loucuras tecnológicas?

Não sei. Não sei. Mas
“vem de Deus a verdade”,
sentenciava Tibulus.

3.

Danger! Danger! Perigo à vista.
O petróleo ficará escasso.
As águas fugirão das torneiras.

O metal, os dejetos, o óleo
e o plástico devorarão a fauna aquática.
E o espírito das águas fará
exéquias ao funeral dos peixes.

Danger! Danger! Perigo à vista.
O lixo industrial vai engolir o mar.

E os marujos se nutrirão
de lamas de petróleo.

As consciências predatórias terão
que sofrer lavagens de iodofórmios
anti-sépticos,
para depois buscarem suas
punições no martelo dos juizes.

4.

O monstro está
no ar, mortificante.

E cada qual
no seu cada qual,
debaixo
de seus
escudos.

5.

O cérebro do universo se aproxima
de um terrível apagão. E na mira
deste blecaute estão os satélites,
esses futuros esqueletos
sem cabeças, no espaço.

Desconectados? Desconectados,
por curtos-circuitos fulminantes
em suas parafernálias de irradiações
magnéticas.

Conjecturas sombrias
do Apocalipse eletrônico?
Não. Nenhum império tem
raízes na eternidade.

“Somos eixos e flechas
de toda a evolução cósmica.”
Ó romantismo de Teilhad de Chardin,
a Igreja é antípoda da ciência?

6.

A internet fragmentou o infinito.

A internet está afundando
a humanidade num hospício.

A internet é o intestino
eletrônico do mundo. Covil
de escorpiões magnéticos.

A internet está fabricando
a geração dos não-pensantes.

Mas poderá ser reduzida
a cemitérios de plásticos
retorcidos.

Nenhum conventilho do universo
escapará ao sono das cinzas.

E talheres de ouro não encham barrigas.

Misturar nossos suores
às vindimas da terra
é preciso,

e viva a seara
do nosso pão!

7.

O que fizeram de ti, meu velho
planeta, com esta gigantesca máscara de
cirurgião dentista na cara? O que é isto?
Não é tempo de carnaval. Joga fora

esta fantasia de tiras de sarcófago.

Estás doente? Conta pra mim.
Andas com falta de ar, tens febre,
respirando trôpego, com ajuda de
tubos de oxigênio? Pois então,

o homem o transforma
num só lixão de
carniças a céu aberto.

Agora é tarde para
replantarmos a esperança de teu verde.

O homem é um bicho miserável,
disputando forças com Deus.

O que fizeram de ti, meu velho
planeta?
Dinamitaram o manancial de teus rios?
Vomitaram pus industrial(negro)
ao ventre de escamas de teus oceanos?

Ó minha fraternosa casa cheia de sol,
os homens não sabem o que fazem,

certamente poderão aprender a
cozinhar plásticos para comer,
misturados a tortas

de cáctus e cinzas.

8.

Vem segunda, entra terça,
correm semanas... e o cadaveroso
Coronavírus avança,
cada vez mais impiedoso; engrossando
a estatística necrológica das vítimas.

Na Bolívia, os defuntos vão
se espalhando pelas ruas,
expostos à voracidade das moscas.
Na Bolívia, os mortos são recolhidos
em sacos plásticos, e jogados nas
carrocerias dos caminhões, na Bolívia,
na Bolívia...

9.

Os transeuntes saem às ruas
como se cada qual levasse,
aos ombros, um pedaço do seu
próprio cemitério. O quadro
é simplesmente horripilante,
e quando se olha para dentro
das lojas (semi-abertas) tem-se

a sensação de que espéctros
transitam por ali, a comprar
alfinetes, sabão e venenos.

O vírus é mais fatal
que bala de revólver.

10.

Aguentem firmes aí, ó sobreviventes
da tormenta apocalíptica!
Em breve retomaremos
o mancho da frota
extraviada.

A embarcação sacoleja lotada
de morituros a bordo. Vamos.

É o translado do pânico
atravessando o tristíssimo
fadário do viver.

Aguentem firmes aí, ó sobreviventes
da tormenta apocalíptica!
Na outra margem do tempo, uma criança nos
espera com um pedaço de queijo na
mão.

11.

Se for do portento dos cientistas
irradiarem de milagres o caminho da
cura,
em breve engrossaremos as
quilométricas
filas da imunização.

12.

E na terra o
meu espírito desolado
roga por Remissão.

13.

Nunca dantes, em tempos assim,
a máquina da vida enguiçou-se tanto,
a ponto de frear bruscamente todos
os eixos de rotações do mundo.

Ou fecham-se as portas, ou
seremos gado de abate.
(O vírus é a faca do algoz).

Quem quiser que se exponha.

14.

A poesia multiplica
o ser do mundo,
pela correnteza
das palavras.

E mesmo eu, de mim ausente,
a poesia é cosmológica,
e se expande como um punhado de
heliantos, arremessando suas
pétalas de fogo aos embates
do homem, em nome
de pão e de amor.

A luz é vertival,
lambendo a doçura
dos riachos.

15.

Se eu pensar para escrever,
meu coração enfeza. E a palavra
empaca: nenhuma faísca de devaneio
decola.

16.

Ó prelúdios de otimismo!
Ó agouros de boas aventuras!
Ó borbulhar de recordações e
nostalgias!

Os músculos do mundo
voltarão a funcionar?

Ciscos de cinza, quem sou eu?

LXXXIV

1.

Do leito de cobre
dos horizontes,
sol de invernia,
vinha. E súbito subia
espessa neblina de queimante
frio. E já então, cá embaixo,
o dia penúltimo de maio, jazia.

Data fiat-lux
do douto confrade Ney
soprar bolo de aniversário.

Garoto setentão de azuladas
madeixas. E jucundo, ele, de
alegrar plural, aonde quer que
vosso rosto se ilumine de
brincalhão sorriso: amigos,
acólitos e magistrados o
reverenciam no espumar de júbilos
desta lauta primavera (avessa
à flagelante epidemia).

Salve, pois, o togado poeta,
de ascensão condoreira, a
topos de orações, parabéns.
Conquanto, a hora é tua,
e chove salvas de afeto.

2.

Rumando-me, sigo, com
todos os eus de mim,
nesta jornada abstrata,
de pensamentos em voo.
Favônicos leves me levam,
propícios, à vivenda
do Lago das Brisas.
Lá onde o cavalheiro das
piracanjubas de Goiás,
soleniza seus recreios de
leituras, com balanços de
rede, e pólen de orquídeas.

Indo-me fui, aos
sopros de avenas.

Abraçá-lo não pude.
Ouvi-lo, fiz. O som
do lago, na sua voz.

3.

E faiscavam longe as
fagulhas da primeira estrela,
daquele 30 de maio, ferido de Covid.
O geminiano, no entanto, de “poderosos
mananciais de ternura”, estava lá
aniversariando o cumulado de tuas
primaveras, todo arrebatado do que foste
na verve do que és: menino comedor
de livros, redator de rádio, resenhista
literário, Rosa-Cruz, espiritualista,
zen, repórter de microfone, aprendiz
de farmacêutico; e maestro fictício /
orquestrando a música das cachoeiras,
com o teu candão de juiz e de poeta,
úmido de verde e fragrâncias de resinas
tropicais. De dactilógrafo palaciano, aos
píncaros de número Um do egrégio
Judiciário. O homem Ney Teles
desembarcado nas galáxias do
trono presidencial.

4.

Por mim
os relógios podem conversar
a noite inteira (desde que não
destarrachem os parafusos do tempo).

E eu me afundo
num minadouro de sonhos,
cartografando o mapa da
minha alma.

5.

As pedras também são audíveis.
Eu sonho relumbranças de vaga-lumes.
Ai de mim na imensidão noturna dos
horizontes!

E amo a água crescendo
como um rebanho de nuvens
no meu caderno.

6.

A bronca das tempestades,
hui, que espanto!

7.

“Sou do clã do boi”,
mas sem sacolas de cifrões
para adubar pastos.

Sou poeta infabricado.

Não uso anel com olhos de
coruja filosofal no dedo.

Eu venho do tamburete artesanal
que me deu altura para moer café.

O bairro Popular foi
a primeira página das minhas
estroinices,
no vendaval do mundo.

8.

Por todas as quinas
e esquinas do planeta,
o sol explode
sua granada
de raios.

Nem ficção de cinema
se coaduna, compatível,
aos vazios de luto que
esbandalharam a alma
universal dos povos.

Ó “acre fedor das carnes mortas!”
Ó trágica monotonia de comboios
funerários! Ó defuntaria que
inflacionou a briga por falta
de sepultureiros!

Eu não faço antinomia ao
Cetismo, nem ao **Kantismo**.
Rezo. Pois, após a calma,
vem a lascidão, e nos
relembra o tenebroso mal.

Que murche o sol
nas tintas
de teu crepúsculo!

9.

Poesia,
eu “nunca saio de
ti quando me afasto.”
És o algodão do
meu chumaço, bico
de passarinho
na chuva. Pipiu,
pipiu,
não fustiguem
a primavera.

10.

Ei, cidadão, o senhor sabe
o que a Covid fez com o mundo?

Não. Então me escute.
Imagine você deparar-se com
o cadáver gigante de uma égua
suspensa no ar, e de cujas vísceras
pingam restos de pus e de carnes
podres, exalando fedor de carniça
pelos ventos de todo o universo.
É este, meu bom amigo, o quadro
assustador e horripilante
da tragédia pandêmica.

E olhe que eu não tenho a
maturidade intelectual e dramática
de um Bertolt Brecht, de um Buchner,
ou de um Ionesco, para teatralizar
a monstruosidade deste impacto
na história da humanidade.

Sabe-se lá que morcego é este,
que vive desgraçadamente faminto
na escuridão de um vírus?

XC

1.

Manda luz, poesia!
Preciso desamarrar
o canto, ir adiante
e ouvir o tambor das
auroras, no peito.

Os prantos de fins de maio
no grasnido dos automóveis.
A Covid e seus abismos de
letalidade, girando, procriando,
matando,
por estes tempos de cidades acoradas
à inércia de seus fantasmas,
andando sem braços pelas esquinas
da angústia: mar absoluto de incertezas.

2.

Covid urubuzenta
que vais comendo,
aos bocados, um a um,
milhares – senão quando

és monstro insciável,
lâmia antropofágica.

3.

Quem guia minha caneta
são galáxias de outras
estratosferas.

Sou
grão de poeira:
liliputiano
deste mundo.

4.

Ó deuses, quem, dentre vós
curvar-se-á às dores deste mundo?
Quem? Quem?

Jurai, ó platô de infectados,
“que a mais ninguém haveis de ceifar!”

5.

Se Lispector trocava revistas
de erotismo com Drummond,
nada direi, bulhufas!

Pois que fique comigo,
segredo meu, *in pette*.

6.

Do outro lado da ponte
está o sol do Oriente.

Ainda perto. Ainda longe
a hora branca
do renascer.

A humanidade
terá que render-se à
reconstrução de novos sentimentos
no lume central de tuas almas,

porque dói
a dor do viver doendo.

7.

A juventude se arrebenta
com baforadas de maconha,

para morrer,
para morrer...
(e morre)

em seus automóveis
de luxo,
ou a bordo das boates,
esfaqueando suas próprias
vidas, nas vidas de seus rivais.

A juventude e sua parvoíce
de exhibir troféus,
na morte.

8.

Mãe-Guilé, poeta
da pedra e Nossa
Senhora do chão,
(a escultora do
relâmpago, entre
as árvores e o brejo).

No meio da tarde, o bródio.
E no meio da mesa, o queijo:
manjar da litúrgica fraternidade.
Da sacra ceia, um dos epulários
“filão de bóia” - era eu.
O menestrel das águas lauras,
naquele ateliê assoalhado
de jatobás.

2.

Eu vim gerado pela
mão do acaso.
Meu umbigo é
uníssono à terra.
E a pátria é
o meu sapato.

Se sou real, meus
olhos chovem.

O Brasil é uma ninhada de
ratos, roendo o bolo do dinheiro
público.

Sobe lama. Desce lama
pelos degraus da política.

O povo não tem pão.
O futuro não tem chão.

3.

E morrem-se matados os brasileiros
(aos montões de centenas por hora)
feito porcos sangrados à faca;
ou a balas perdidas
de traficantes e policiais,
na miséria deste mundo filho da puta.

Não foi esta a geografia cenográfica
reportada por nossos avós.

Ninguém de livros à mão. Ninguém.

Deus me livre do psiquismo dos robôs
fabricando médicos e advogados
por computadores, em aulas *online*.

Deus me livre da tempestade da internet
na indústria do livro. E da angústia
do pós-desastre nuclear
em nossas mentes.

Deus me livre da civilização
do irrespirável Mundo Novo,
prepotente e arrogante
com seus desastres tecnológicos,
transmutando a humanidade
em boiadas de chips.

Tudo podre, carcomido, propinado.

4.

Demagogia paternalista de governo
é pão de esmoler: não salva barriga
de ninguém.

É, à luz escancarada dos holofotes,
a devassidão circense do banquete
eleitoreiro. Rotina purulenta
dos engravatados da política.

O desemprego é a gangrena do país.
O proletariado enfia a cara na cachaça,
embebeda-se de droga; e depois vai
pra rua cometer latrocínios.

5.

Os ventos de agosto arrancam
as nuvens do lugar.

Desmontemos depressa as nossas
tendas, ó ícolas do universo!
A infecção nos ronda com a
tempestade de teus ferrões invisíveis .

O mal que beneficia o mal, é mal de
Covid, grassando o mal pelo mal.

“Viemos aqui para rir ou para chorar?
Estamos morrendo ou nascendo?”

6.

Que buraco de trevas somos nós
neste buraco de incertezas?
Não falamos. Não temos vozes.
Nossos silêncios são
de cadáveres andando.
E aonde quer que estejamos
já somos robôs vestidos
de carne, monitorados
pelo cérebro dos satélites.

7.

À deriva! À deriva!
A embarcação se empina
sem bóias salva-vidas.

Lá fora, a Covid
esparrama a farinha
de teu vírus.

8.

E há penalidades para
punir o Coronavírus?
Em extremos de
carniça coletiva,
o Deus de Abraão
funciona?

Réu, quem há de?

Intelectuais, artistas,
músicos e poetas,
conjuguemos
nossas armas
para exorcizar os exícios
deste flagício.

9.

Maior que minha pátria,
foi minha mãe, de cujo
carinho d'alma, guardo
este mimo instrumental:
uma faca de dentes
para cortar pão.

A verdade deste gesto
vinha da paina de teu
sorriso.

10.

Afogado me vejo
na gritaria
deste pânico pandêmico.
(As superlotações das

UTIs já estão funcionando
como fábricas de defuntos);
e, por isso, não sou eu
a mão que escreve as
páginas deste sinistro,
e sim o próprio livro
me escrevendo por
dentro de mim.

A elegia do adeus
sem fim.

11.

O horror já se tornou
tão evidente e ululante
(nos extremos do óbvio),
que até mesmo os mortos
ajudam médicos e coveiros
a decidirem logo o destino
funerário de seus corpos,
dali, para vizinhos
de outros corpos,
descendo à subterrânea
escuridão do Hades,
onde jaz o sono
da eternidade.

XCII

1.

Por detrás das
grades da enxovia,
as mentes se ocupam
em criar fantasmas.

Síndrome de trevas:
o ar atravanca
o fôlego.

2.

Desde a premiére da minha alma
nas letras, o meu oxigênio
é queimado pelas tintas das palavras.

3.

Tenho medo da poesia morrer
antes de mim.

Aí será o meu último dilúvio.

4.

A luz é o caminho
de volta para o sol.

5.

– O que desejas, amigo,
para o ano de 2021?
– Eu? Que infinitos
Jesus Cristos renasçam
dentro dos homens.

6.

Acordo
atarantado
com os tremores
de guerras
do fim do mundo,

com seus mísseis
de Covid
bombardeando
a humanidade.

7.

Temos que
nos adequar
aos negrumes
da incerteza,

nem mesmo
os espíritos
sabem para
onde vão.

É a treva
do morbo
ceifando
vidas,
penhascos
de covas
abaixo.

8.

O crebro
repisar
da palavra
COVID,
enfia pontas
de pregos

nas membranas
de nossos
ouvidos.

9.

Recrudescer
os freios.
Álcool.
Sabão.
Deus.
Indulgência
e rezas?

Quantos demônios
estão a mofar
de nós,
asfixiados
no garrafão
deste vírus?

XCI

1.

Deixem comigo, senhores Juízes!
Eu mesmo estrangulei as tripas
do ano de dois mil e vinte.

Depois
ficarei ocluso dentro
de uma metáfora,
e dali trovejarei
uma platéia de aplausos
à magnânima dignidade
da formiga,
(carregando ciscalhos na cacunda
como se fossem um pedaço de Deus.)

2.

Psiu!Psiu! Ô, amigo,
trave uma conversa com a pedra,
a água e o passarinho. Quem sabe
se daí você pode colher uma fagulha

de inspiração
para estraçalhar esta
morféia que come o
dentro de nossas vidas.
Mas que, primeiro,
empesta os mortais.

3.

Trazei-me depressa, senhores
poetas, o aviso amoroso dos
pássaros,
e o grito azul das cachoeiras.

4.

Céu lambuzado de laranja fúnebre.
O sol morreu.

5.

Reescrever um poema é
ofício de angústia, lapidário.
Ou loucura infrene, que não cessa.
Se não o faço, meus olhos se molham
de queixumes.
E as córneas
da luz se tornam exangues da paisagem.

A poesia
respinga suas dores
na bacia amarga do meu pranto,
e das almas deste ofício
eu não me esquivo.

Salgada é
a concha do lacrimar.

6.

Os sinos desenterram
lembranças de teus metais.
E repicam dolorosos diante
da procissão dos mortos,
enchendo de esqueletos
o ventre da terra.

A solidão esculpida pelo vazio
do morticínio,
é dor de se
doendo.

Óperas do vento. Lápides,
levem embora o cipreste
dessas memórias.

XCIV

1.

Normalidade nunca mais.

A China aleijou a humanidade.

Desconserto que ninguém conserta.

2.

A China genetriz do dilúvio epidemológico.

A ferida vai comendo o ar.

Covid,

Covid,

Covid,

és a

cabeça

da Medusa,

e cada serpente

é uma saliva:

a ciência
decepará
teu pescoço.

3.

China Zen, taoísta,
anosa, vetusta,
e das muralhas guardiãs
da ordem cósmica.

A China e sua grande Árvore
de *anix ins* orientais.

A China de Li Pu e de Tu Fu.
A China do arroz e do levedo, que
“tiveram tempo de fermentar na cuba...”

A China de Lao Tsé: “casca
que a essência oculta.” E do
poder encantatório dos mantras.

A China das chaminés petrolíferas,
onipotência industrial
da Ásia, para o mercado do mundo.

4.

Século dez antes de Cristo.
A China de Zhou, dinastia da

quintessência artística. Gênese
da harmonia simétrica e cosmológica,
dos rituais, dos cabelos do pincel,
da caligrafia, da cerâmica e das
esculturas em jade.

A China dos vasos trípodes
e das torres funerárias (de cerâmica)
em Terracota envernizada. A alma da China,
cintilante, em seus pratos de porcelana,
com desenhados narcisos da felicidade.
A rosa do bom augúrio e os cogumelos
da longevidade.

A China. A China das “nascentes do rio
Sankan, das estradas de T’sung-he,
do lago Chiao-chi e das neves das montanhas
de T’in.”

A China que importamos para
o verniz de nossas inústrias.

A China da Coca-Cola vermelha.

5.

Sabeis, ó bons cavalheiros do Oriente, que também
somos herdeiros da mãe-cósmica, frutos
do extremo acaso.

Somos destinos de ciscos transitando
soltos por debaixo da abóbora celeste.

6.

Deu Covid-19.
Deu sinistro.
Deu genocídio em
escalas hediondas.

Agora é ver o luto chorando
pelas ruas, com um cruz de Cristo
nas mãos.

E mulheres em pontos de ônibus,
rezando.

Avernal. Avernal.
A realidade mais crua
que o sol.

7.

O povo matando o povo,
(e se matando) – espremido
em massas, no bojo de latas
dos coletivos.

O poema não pode.
A bomba é biológica.

A juventude rasga as máscaras
e execra a prevenção.

E Deus não chora pelos
olhos das estátuas.

O vírus é a metralha
da chacina covidiana.

8.

Tu és a minha enchente, poesia.
Arca que velejo, velívola.
Alvéolo do meu astro mel.

9.

Sacudindo as saias de
chumbo da tarrafa, sobre
as pedreiras do rio dos Bois,
meu pai gritava:
– Traz a lanterna, Bié,
que a noite é das tubaranas!

XCV

1.

Os ouvidos da cidade vergastados
pelo afligir das ambulâncias uivando
seus gemidos vermelhos de urgências.

Tumulto de enfermos buscando
socorros a bordo das viaturas
pré- hospitalares.

Pandorga triste dos
apitos pandêmicos

atravessando o anátema do trânsito
até endurecer o sangue do crepúsculo.

2.

Ó rubra taça
do brinde companheiro.

Tu és o licor que derramou
elixir na boca de Odisseus.

3.

O verbo da vida depredado.

E nossas mãos banidas
da vindima do amor,

quando sofrer é o (des)limite.

E deperece o fogo da tarde
no longe dos horizontes.

Que pena.

A luz foi deportada.

4.

Tudo, na bacia
destes versos,
é o álbum do
meu pranto
(que chora por
todos os prantos).

Ó solidão do violino
na cabeceira do túmulo!

A mãe sucumbida pela Covid
e o filho gemendo sua última
despedida, pranteada pelas

cordas do cordófono.
Aí é quando se dilacera a
última túnica do pranto,
e a solidão trespassa o peito.
E novas lágrimas escarvam
a lâmpada dos olhos.

5.

Ah, que venha alígero o tempo velho esfarpelar
os trapos de sua indumentária
no corpo do tempo novo!

6.

Já não sei. Já não sei
a quem eu disparo os dardos
do meu ódio. Salvem, pelo amor
de Deus, os **coronafinados** do mundo!

Já estão ouvindo a
ópera que caiu do céu?

E nós viventes
nos salvaremos
sobreviventes?
Ó hálito de menta vaporado

dos brotos da terra,
refrigere os nossos nervos!

O sol
conduz os homens
à faina terráquea.

7.

Poesia,
eu invento sentimentos
para evitar a morte da palavra,
em direção ao cabaré
da internet.
Os dicionários estão de luto.

O voo das águas na terra
me ensina a remar.

8.

Abolir o acaso, oh Mallarmé, é coisa tua,
quando ergues um brinde fúnebre
ao “lúcido horror de uma lágrima”.

Tu, habitante da palavra vazia, a vida
é feita de matéria enganosa. E o destino
nos enrosca como moscas
à teia das ilusões. Lotus de dados.

XCVI

1.

A Era Virtual explodiu
na Redação dos jornais.
E criou os monstros do
hospício tecnológico.
Rebanho de bodes robóticos
do século da Covid.

Sequestrou os nossos cérebros,
com clocs de teclas
teclando a máquina que pôs fim
à idéia do infinito.

Da popa à proa, a internet
engoliu as nossas almas.
Ô grande rapariga do universo!

2.

Espumas de isopor.
Relva de grilos.

A luz não carece de

nitrogênio para voar.
Ela vem de pé,
guiando o rumo.

Deus é palinuro, o piloto.

3.

Para onde vamos,
ó internautas do abismo infernético!
Vândalos da linguagem, de plantão.
E adredes em tudo que fazem.

Bombardeiam o acadêmico
e ovacionam o chulo.
Poço cibernético do não-intelecto.
Ócio mental que desconstroí o homem,
e seu estoque de gnosés dos milênios.

Desde a esconsa idade dos tempos,
vem a poesia acumulando auroras
no plinto da eternidade.
É o canto das águas
no rio de algodão das nuvens.
Onde há Camões, há Drummond.
Onde há escamas, o sol submerge.

Onde há fuzil (ou campânula
de pólvoras), a palavra resiste.

4.

E para onde vamos
o orbe está podre,
a mente está podre.

O Whatsapp é o velório
dos telegramas.

Boca de latrina. Dejetório.

Coitado de vós aí sugado
pelos dédalos deste algar.

Não tem volta.

O manual é perpétuo
no sangue das coisas
e nos órgãos da vida.

Satélite nenhum
fabrica estrelas.

5.

Sábado de agosto, pandêmico.

É de manhã e o sol se infiltra,
crespo, na camada de detritos
do noteiro.

Das platibandas da minha
ínsula de barro (geograficamente
eu sou uma estátua de areia
exposta aos bramidos do mar),
mas o mar é uma mentira nas
alfaias de pedra da Serradourada,
onde ouço, ficticiamente, o
murmúrio das algas, na nudez
dos meus pés:

Copacabana é um pomar de seios
na praia. Gaivota universal da boemia.
Ali, eu amarrei espumas nos lábios
de um beijo.

Hereditariamente o assovio
da tupia me acorda.
Sou filho da enxó.

6.

Tamarindo da infância,
eu te mastigo, ácido, com
os dentes da lembrança.

7.

Plácida grama verdeja
o seco da paisagem.

8.

Que bicho és tu, Covid,
picada de bilhões de agulhas,
geena de trilhões de gumes?
Carrasca invisível à
lente do microscópio?

O demônio, à mesa de seus
comparsas, decretou:
– Faça-te trevas
e doença atroz para
os homens!

E o vírus se fez pânico,
caos mortífero
devastador
da jornada
humana.

9.

É o resto que nos resta
vivermos como ruminantes
do asfalto.
A essência de sermos humanos
bestificou-se na usura.

Sumiram-se dos malotes postais
as cartas de amor, as cartas de
amor.

E a invasão do estrangeirismo pedante
vai corrompendo o idioma pátrio (nosso)
de analfabetos e catedráticos.

A caligrafia fugiu
das mãos do ensino.

A pedra rosna.
E o celular fabrica
loucos.

A rosa é de isopor
e tudo fede a cifrões.

10.

É doloroso, meu saudoso
teatrólogo Eduardo Jordão,
garimpar palavras para este
“adeus que não se despede”.

Ser romântico é coisa de
coração afogado na quinquilharia
dos sonhos - porque somos o
fôlego do barro, inflados pelos
ventos do efêmero.

É fatídico, companheiro,
mas o meu pranto entrou
em colapso.

Odiavas o áspero sorriso
da velhice, cuspendo bÍlis
nos dias amarelos de outono.

Desde tua eremitária juventude
(de morador daqueles de fundos
de barracão), eras o intérprete
da selva urbana.

Ó grande colecionador de frustrações!
Oscar Wild do cerrado.

Era no fumo do diabo, no sexo,
no álcool, na poesia, no palco,
na literatura e no jornalismo -
que encontravas refúgio para
os êxtases carnis de tua utopia.
Tu, do teatro, aos **Contos para Ler
de Pé**, foste o delÍrio das massas
gritando verdades para o destino
dos homens.

Louco histrião da música Pop,
e bailarino de eventos prostitutas.

Jordão, uivei minhas lágrimas
pelas estepes da lua.

Levei quinhentos mil anos para
dizer não à dor desta elegia.
Não resisti, e separei palavras
para chorarem em meu lugar.

Infâmia! O sangue do poeta
ensombrou as estrelas,
naquela noite de barbárie.

11.

Eras ator de ti mesmo.
Meninão solitário e Sátiro,
de língua viperina. E lírico
rimbaudiano perdido entre
os icebergs do tempo.

Ambientalista e porra-louca.
Cervejeiro e camarada: o repórter,
agitado e inconformista. Vítima
de perigosas esparrelas, foste
esfaqueado, em nome do sexo e
do ópio.

Na pátria do pequi, reinventaste

a capital da Sumilândia: Goiânia.

Artista lunático, imitavas Lorca
instalando shows pelos sertões
das glebas rurais; arrancando
abscuros aplausos de bois
e de galinhas.

“Água Viva”, Jordão,
o teu último espetáculo
pelos ermos do Cerrado.

Escapaste da Covid, mas
morreste como animal numa
noite esdrúxula, a pauladas.

12.

Está faltando Cruz e Souza,
com tua alma “coalhada de sonhos.”
Está faltando Augusto dos Anjos
visitando a casa do Agra, o
fabricante de caixões.
Está faltando Charles Baudelaire,
olhando para o deus sinistro
de teu relógio.
Está faltando Nicolás Guillén
com teu “punhal de melancolias.”

Está faltando,
faltando,
faltando

aquele que faz
despenhar
o ritmo
fatídico

desta

ANGÚSTIA

do noticiário
que é cruel
e reprise
a fúria
do veneno

naquilo que espanca
a consciência
e nos deixa temulentos
de horror.

A peste não recua.

É verme, caroço

de inferno

que se procria,

tal fome de zirro

na carniça: a Covid.

XCVII

1.

Porto Alegre era um desenho de
brumas, na gelidez da névoa.
E eu ali me aportei viajado
pelos pampas argentinos
de gelo carbonizados.

Inda pingava outono
no focinho da jardineira,
e eu ali me aportei
já dia claro,
de queimantes raios
de frio, na cara.

Tiritei-me sobre o chão gaúcho
e fui alígero às páginas da onusta
lista telefônica, a escutar miríades
de agnomes dos Nejar(es) ali impressos,
onde, abstruso e expectável, arrisquei
um número: deu certo, o milagre
acertou a mira, e fisgou a voz do bardo
pampiano, ao fone.

E ao término de um
faiscar de interregno,
o vento rodopiou e rugiu,
trazendo-me o poeta e sua
coifa, saudando-me assim:

– Vim buscar-te, irmão,
de estarmos no âmago
desta mesma luz.

2.

O ar tremulava, álgido.
E queimavam meus lábios
uns grãos de neve.
Mas o cancionero de **Casa dos
arreios** abriu-me as portas
de teu nímio afeto, assim
todo lhano, benevolente.
Deu-me hotel, pão,
teatro e cerveja.

O capeta dentro do copo
exorcizava o frio.

Ano de setenta e cinco, Thê!
A cerveja queimou os meus lábios.

XCVIII

1.

Bem-te-vi desata
os nós da aurora.
O gás acende.
Ruídos de palavras
estralam nas cozinhas.
Odor caipira de café.
E inda já, nas garagens,
os ônibus cospem fumaças
quentes de seus motores.

A vida vai sair para
o tráfego das vidas.

O céu amanhece.
O vento arfa.
E o tempo zarpa.

O outono se espreguiça, lúgubre,
embrulhado ao ócio dos cobertores.

Eu enfundo o peito com
as primeiras rajadas do sol.

2.

O crepúsculo chegou mais cedo,
demolindo o paredão das nuvens.

E a noite deu ordens aos anjos
para treazerem de volta o luzir
das estrelas, pela púrpura
de fogo de seus mistérios.

3.

Eu vi a ditadura com
os seus blindados, na rua,
apontados contra o peito
da liberdade. (Era o Golpe
Militar da Revolução fedorenta).
O povo era proibido de
vestir a “blusa do vento.”

As multidões entoavam
os seus hinos de pedra,
quebrando a corrente
das canções algemadas.

Eu vi Buenos Aires debaixo
das baionetas e da pólvora.
Eu vi os montevidéanos carregando
sacolas de dinheiro para irem

aos supermercados.
Mas eu nunca vi uma epidemia
brecar o “motor do mundo.”

4.

Eu sou meu pai em mim,
roendo a noite de ferro
de tua ausência. O azul de
teus olhos me ensinava
o nascimento das estrelas.

5.

O pó é a nobreza do fim.
E este é o meu buquê de lágrimas
estendio à memória dos
que tombaram pela barbárie
da COVID.

6.

A cruz de Cristo voou
para dentro do poema,
e se sangra
eternamente.

XCIX

1.

A tecnologia não tem coração.
É máquina pronta para o massacre.

A tecnologia é a morte dos
rios pelos dentes das dragas.

A tecnologia não tem alma,
mas disputa prodígios com a
natureza.

Não lacrimeja.

Armazena montanhas de códigos e de senhas
na memória de um só chips, mas não tem o
sabor da água fresca, nem a serenidade das
planícies em confidências com a fagulha
dos relâmpagos.

Eis a questão.

A máquina não chora.

2.

Ofereci meus remos a Netuno
para desafogar a humanidade
das inundações deste tantálico
sofrimento.

O vazio é
o albergue da luz.

Cientista nenhum escrutou
o sentimento de uma lágrima.

3.

Falo. Falo. Falo.
E não digo nada.
Tautológico e
pleonástico,
vou privando-me
da razão, sem
decifrar a
escuridão desta
lama pandêmica,
venosa, viral,
genocídio.

C

1.

Para destravar as rodas
da economia,
o mundo flexibilizou-se.
Foi tarde. (Fatidicamente
um fiasco).

O Coronavírus enforcou
o pulmão da Wall Street.

E doravante
será de quando em quando,
(como se fosse um
pão de esperança,
em mísera fatia
de cada vez.)

A reconstrução do velho
sobre os andaimes do novo
vai durar monotonias
de infernos e pesadelos.

2.

Para
o meu país
político,
eu encho
o vaso

e dou
descarga
nele,
ora, que
óbvio!

3.

Eis a dolência
do meu pranto:
há mil anos
defluindo das
cascas da
minha infância.

4.

Minhas mãos
esmigalham trevas.

E se não há tédio,
nada existe.

CI

1.

A monstruosidade desta hipóbole
come o meu espírito.
E se real não for,
o é – sendo está:
pião de pesadelo.

Mortes que congelam a
raiz de meus cabelos.

Vamos indo.
A chaga engole
a montanha.

A escalada é declivosa
e árdua. Vamos. De algar
em algar, pulando fendas.

O que mortifica, sofre:
é o suor dos hospitais no
caldeirão de suas insônias.

2.

Sol de julho
rebocado.

Agosto vem vindo,
rúbido. Abrindo
caixões e labaredas.

3.

É depois de amanhã.
Sim. Mas no anverso
da moeda, uma
notícia me esmaga:
Antônio da Kelps
é morto: o oleiro dos livros
(infectado pela infanda Covid).

Tua gráfica
de mecenas
franciscano,
era o forno
editorial
dos confeitores
das palavras:

oficina de
poetas,
escritório
de sonhos.

Agora,
entre graxas
e papéis,
entre tintas
e estopas,
sua alma imprime
resmas de devaneios,
lá de cima, da tipografia
das nuvens.

O Antonio que louvamos
em sua cadeira de editor.

4.

O elmo da noite são as estrelas.
O céu não dorme.

E a terra chora,
fumegante.

É a crucificação da luz
abrindo teus braços,
entre os exícios
da natureza em chamas.

5.

Ó lúcidos historiadores da humanidade,
quantos bárbaros, tiranos e algozes
ainda “falam com a boca das
metralhadoras?”

A Covid, não:
é o verme grudado
no ar,

infinitamente
sem fim.

6.

Pelo nostálgico descortinar do passado,
a vida enterra a sua cabeça no redemoinho
das lembranças (onde fomos felizes no
apogeu de nossas ilusões).

A velha Vila Boa de Goiás
chovia dentro de mim.
E eu respirava o cheiro
gostoso do forno à lenha
de dona Rola assando
empadinhas de frango, azeitonas e palmito,
nas madrugadas. Depois, era a vez
das baciadas de bolo de arroz.
Ai que delícia daquele
nunca mais ...

CII

1.

Meu pequeno Exupéry
aviador de brinquedos,
e aeromodelista de
miniaturas de voar.
O Glênior. O Glênior,
todo mocassim de fivelas
e verniz de incitar ciúmes.
O mocinho de nariz empinado,
com bálsamos de Pinho
nos pulsos, nas orelhas
e nas golas das camisas.

O Glênior meu irmão,
o primogênito do
clã de Seu Tunico.

De requintado garbo
nas vestes de teu vestir.
Amorável de presença e
álacre de se rir à toa,
folgazão.

Eras o pico da canoa
da ninhada dos Nascente.
Piloto de aeronaves não eras,
mas fabricavas aviõezinhos,
com cola, elástico, éter
e ripas de balsa, magérrimas.

Agora tu és somente
osso de pó subterrâneo,
sussurro que dói
entre as paredes da minha
alma.

E se estivesses por aqui,
certamente se cruciavas de medo
da Covid,
ó meu dançarino
joqueano.

2.

Eu sei. Eu vi
teus olhos doados
como dois fragmentos de sol,
tua mão entrelaçada a outra mão
segurando a imagem de Cristo
sob um cendal de flores.

Um dia, eu visitei-te, na Clínica.
E eras um doidinho enjoado, impositivo.
Querias comprar dez mil garrafas

de coca-cola, e mais uma chusma
de sanduíches. Tua memória andava
escurtada. Fruto – quem sabe –
de teu soçobro nupcial, culminado com
um torvelinho de angústias no peito.
Daí, sangrou os pulsos.
Deu errado. E voltaste para
o catre psiquiátrico, ouvindo Élviz
Presley em teu radinho a pilha.

3.

Isto de Covid não é
bactéria biológica. Conjecturo eu:
é farinha de bomba atômica?

Surtos de sustos
convulsionam
a humanidade.

Como tens sobrevividos, ó
coetâneos do pesadelo epidêmico?
Como tens aguentado a imprensa
do velório, bombardeando suas
pobres cachimônias?
E as quarentenas de centenas
pelos escambaus da Covid,
da primeira, da segunda e da terceira onda?

E até quando o confinamento
das pessoas em seus calabouços
domésticos?

Solidões de
beijar paredes?

4.

Fui buscar a minha tristeza de volta
como quem busca um pedaço de
clareza,
um par de sapatos, um beijo, ou coisa
que o valha para lucilar na soturnidade
da minha alma.

5.

Covid
do corona-bala
do corona-merda
do corona-mortes...
evento
assombroso
que dizima
que fulmina,
de onda
em onda,
alarmas

a buzina
do alarme!

Pó
biológico,
ácido, corrosivo,
carrasco?

Vírus de
morçegosa
doença,

faltando-lhe
apenas
condenar a lua
a usar máscara?

6.

Pavorosamente o horror
não pára de crescer no
âmago das interpelações.

Ó horripilante apogeu de
três mil mortes por dia!

Sobejos de paroxismos
necrológicos.

7.

Neste labirinto de traumas,
eu perdi a identidade do meu
destino, tragado pela soturna
noite da INCERTEZA.

E é mais fundo o precipício,
quando acordamos no dia seguinte,
e vemos que o tornado epidêmico
persiste raivoso e colérico,

e monstruosamente letal na
voracidade de sua virulência.

8.

Ó pernóstica lufada de boatarias!
A verdade se abrolha pela voz de quem,
da imprensa ou da ciência?

Acaso será a vacina apenas
uma picada de água no braço?
Que estúrdio científico é este,
onde somos rebanhos de cobaias
da indústria sorológica - de
imunizantes?

Pela voz de quem? Pela voz de quem,
a verdade trafega à procura da verdade?
Mas que verdade: a do infectologista
ou dos políticos, disputando
a empáfia de seus exibicionismos
eleitoreiros?

Ah,
se eu me aprofundo
pelas trevas deste
imbróglio!

“Palavras demais
me fazem delirar!”

CIII

1.

O meu convívio com a poesia
é amor de se amar pelos
credos da palavra. Esposório
de plantão.

Porque viver, meus amigos,
não é uma dívida
de prantos,
é dádiva da luz-me-ama.

O retrovisor não
perlustra o passado.

Os ponteiros não devolvem o tempo,
nem o tempo precisa de tempo
para ser tempo: é tempo.

2.

A palavra pesca sonhos.
E sonhar não paga tributos.
Eu me transbordo.

3.

A Eva de Giuseppe Ungaretti,
teceu em teus olhos
“uma teia de paraísos perdidos”.

4.

Montado sobre a cacunda
do poema, sigo as pegadas do
rapsodo da Guerra de Tróia,
narrando os absurdos
do inacreditável.

Com recordes de tristeza
por todas as partes.

Pois já deste mundo,
Deus pediu demissão,

porque não há homens capazes
de repetirem Mahatma Gandhi,
Cristo, Chê Guevara, Moisés
e Noé.

Triste e descrido sigo
enterrando cruzes
no meu pranto.

CIV

1.

A desdita quebrou
o lume do viver.

As portas se reabriram
mas a vida não anda,

travada ficou às fechaduras

do medo, por
falta de dinheiro,
fome.

É ver o sol da soleira
e o raiar da desilusão.

2.

Nossas presenças no depois.
Quem? Será? Quando?

Ainda bem que escapei-me
do “perigo de ser um deus”.

3.

E não há (ou há?)
coquetel de antibióticos
que aguenta uma Covid
em sua bula farmacológica?

Isto de Covid-19 é químico:
são sobras de catarro nuclear
de Hiroshima e Nagasaki?

Purgatório de moléculas atômicas
ressuscitadas pelo Novo Coronavírus
para o genocídio global dos homens?

“Ó apóstolo da clemência!
aturdido pela calamidade,”
cadê o cérebro da medicina,
o remédio contra o maligno?

4.

Morrer, morremos, morreremos,
mas não seremos a “descontinuidade
do contínuo.”

5.

A poesia não precisa
de intelecto para nascer.
É rio que brota, incognoscente.

6.

Vento frio de finados.
No céu chovia pombos.

Os mortos se reinventam
na túnica de teus ossos.

E se de angústias padecem os mortos,
naquele submundo, toda a esperança
não será mais que um “soar de
campainhas”, nas trevas.

Céu coalhado de estrelas.
Chão coalhado de vermes.

Os mortos precisam de água
para escrever
a gramática de teus prantos.

CV

1.

Ergas-te, Beirute, da
montoeira de teus destroços.

Tu, sarrafusca de conflitos
bélicos-políticos-étinos-religiosos,
bombardeada, massacrada, metralhada.
Da baía do mediterrâneo, portuária.
Milenar e brônzea, relumbrança de
reliquias museológicas.
E pólis libanesa dos armênios e dos xiitas,
dos muçulmanos e dos gregos ortodoxos, dos
sunitas e dos drusos. E o diabo na pele
das milícias.

Chorar. Longamente chorar
o depósito explodido, semelhante
a bomba de Hiroshima (de grossa
montanha de fumaça subida
em feições de cogumelo atômico.)
Era agosto, rubente clareado de agosto,
quando os ventos amarraram o inverno
em meus cabelos.
Agruras demais, cobiçada urbe,

para os olhos do Ocidente.
De brasas e de corpos ardendo
nos escombros: a tragédia do nitrato,
em toneladas de amônios. Beirute chora.

E eu me calo, amurado.

Por que os homens armazenam cargas
de tanta pólvora, nesses arsenais
de ódio,
onde Deus é contra Deus?
Não! Isto é troça
de raiva iracunda.

Para matar, para matar, para matar,
matar, matar, matar, matar?

Não por amor, nem pela partilha do pão,
nem pelo cálice da paz, nem pela pomba de
Noé.

Eu fechei os olhos do poema, submetido
ao calabouço da minha quarentena,
prorrogada às exaustões de
outras infinitas trezentenas?

2.

O estrondo fendeu os ouvidos do mar.

Beirute, recebas da benevolência
de nossos pescadores, peles de tilápias
como cremes anestésicos contra
a latejante dor de tuas queimaduras.

Do peixe e do povo, eis
o milagre da medicina.

3.

O ano de dois mil e vinte fedeu
como um caminhão de carniças, despejado
no alpendre de nossas vidas.

Cruel e caníface.

Atropelou agendas, jardins e sonhos.

O ano de dois mil e vinte
fez o estrago secular na
máquina do tempo.

4.

A fadiga já oblitera a
vidraça dos meus olhos.
Quero dormir nas luzes
que amam a poesia.

Sem pedir licença
às sentinelas do céu,
eu vou inventando alegorias
para subtrair os cansaços
de Deus.

A profecia dos milênios deu
de cara
com o dilúvio da epidemia.

E o micróbio do demônio
empalamos a humanidade.

5.

Pudesse eu me despedir de 2020,
enfando o teu pescoço num mictório,
assim todo mórbido de morbo,
e infectado de fedor.

Pudesse eu me despedir de 2020,
mandando à puta que pariu a
borra letal desta praga
semeadora de defuntos. E como paga,
por teu infando serviço de catástrofe,
dar-te-ei algumas
toneladas de fezes humanas misturadas
a restos de lixos podres hospitalares,
cadáveres de ratos, cabeças de aranhas,

venenos, pólvoras e pontas de arames
farpados
para desinfecar-te - Ó Covid -
deste vômito de infecções, azedo.

“Um temporal varreu o céu.”

O que fizeste Covid,
é maior que a própria
MORTE.

6.

A poesia dos tempos da Covid,
gela, caustica e queima.

Quiça não seja assim:
vivermos os horrores
deste incognoscível.

À cada esquina,
uma assombração
faz vigília,
com suas foices
de Covid.

É a portaria
da morte.

7.

O amanhã,
sempre o amanhã.
Dito que algo dentro de mim,
no imo peito, está malhando;
- Você está escrevendo
para uma platéia de mortos.

Ou a dor frugal
do amanhecer
no “desespero
das lápides.”

Enquanto
eu lacremejo
estes versos
ao ritmo de uma
música chorando.’

CVI

1.

Os olhos se alimentam do
planeta de outros olhos.
Irmãos de todos os olhos
choram comigo, na
ópera deste adeus
nas asas do pranto.

2.

Doravante
viver é dessonhar.

Milhões de órfãos já
escoaram suas lágrimas
pela gárgula da saudade.
Milhões de órfãos costuraram
luto na órbita dos olhos.
Milhões de órfãos efundiram
suas almas no polipétalo
das lembranças que não dormem.

3.

Os “pancadões” da maconha e do álcool
mandam à merda as barreiras sanitárias.
Infectologistas, polícia e governos
não dão conta de meter a borracha
no lombo desses sodomitas da
esbórnica suicida.

4.

É o Brasil
dos lupanares-funk,
drogando as multidões com
a pornéia das baladas.

É o Brasil
da juventude turbinada
pela imundice de teus êxtases.

É Brasil de costas
para o porvir,

Doravante viver será
de “temor e tremor”.

O Coronavírus engoliu
as planícies do sonho.

E nossas pernas caminham
como muletas sonâmbulas.

Ah Lautréamont, o monarca dos
pântanos:”O sapo sentou-se sobre as
coxas de teu traseiro.”

Eis a Covid do
viródico-hospício.

5.

Hoje é Dia de Finados
e de nós confinados!
A cidade defunta no dia dos defuntos.

As folhas gigantes da Sete Copas
me convidam para um café,
de solitário mergulho no olho
da tarde.

Minha boca tem gosto
de lesmas.

O sonho é servido numa xícara
de alumínio.

A vida me bebe.
E sem dizer nada,
eu arranco poesia do
perolado ventre

das palavras.

Exemplos.

Uma avenida que termina
no túmulo do meu pai.
E uma memória que voa
de guarda-chuva para o céu.

A paisagem descreve a soturna indulgência
desta tarde; que,
de igual destino,
chegamos ao zênite
dos eventos nefastos...

o tope do flagelo.

Desesperadamente à espera
de um festejamento
de reencontros sentimentais.

6.

Cenas que abalaram
a biografia do mundo.

E estarão para sempre inscritas
na memória das gerações vindouras
como um abominável altar de sacrifícios.

O aras universal
da Covid.

Desta pauta eu colhi
a crônica do nefasto:

sinal vermelho para o mapa-múndi.
Não podemos transgredir.
A roda da morte gira no
afã implacável de teu mister.
A quitandeira de rua desafia o
colapso, fritando pastéis para
o povo.
A neblina de março oblitera
as nuvens do amanhecer.
E queima de frio o focinho
dos cachorros, a neblina de
março.

As ferramentas dos coveiros
trabalham duro cavucando
fileiras de covas (nunca dantes
igual acontecera no ofício
fúnebre de tuas mãos).

7.

Consoante aos sofrimentos
desta jornada,

CVII

1.

Se destinos jogo,
ai de mim.

A luz é indemolível.

2.

O pranto é o recado
da divina condolência.

“O que eu vejo, acontecerá
e não acontecerá”. Oremos.

Eu vi um deus
passeando
no meu sangue.

3.

Que diferença faz
uns chegando e outros saindo?

Quando voltarmos
já não seremos.

O anjo deu as costas.
Pedi uma máscara
e foi chorar.

4.

Ó cantarina luz da minha terra,
trazei-me de volta a ópera das águas
empoçadas na portaria das nuvens.

Ó cantarina luz da minha terra,
trazei-me de volta as cataratas do céu
para chover sobre os
prescípios da descrença
humana.

De sol a sol, o cenário é aterrador.
Oceano de enfermidades.

Ó doença sem concerto,
da calamidade global!

E não há mais nada a se fazer.
Nem um grão de farinha
a ser sacrificado.

A esperança adoeceu,
pegou Covid?
Que horas são?
A ambulância
já veio buscá-la?

5.

Eu precisei
da escuridão
da luz,
para singrar
a escuridão
deste evento,

o azorrague
do século 21.

6.

Breve é a eternidade
do sol ardendo
em nossos olhos.

CVIII

1.

Uma vez subido as ladeiras
dos setent'anos, é
flagrante que a eternidade
se destarracha, afrouxando
os joelhos,
como prova o ódio dos deuses
à velhice.

E que a verdade que amamos
é provisória, ignóbil.
(Amante macumbeira da mentira).

Tudo somado é nada
perante ao sol do acaso.

A vida do par (plural) que se
culmina à solidão do ímpar.

Alegrias do amanhecer
amanhecem para sempre.
Daí eu me embarquei
nesta viagem
de embates
pela vida.

2.

Ainda jorrava
brancor de virgindade
na lua. Limiar de 50.
Ah, somatória
de janeiros
esfolados
pelo sol!

O mundo cabia inteiro na
inocência dos abraços.
Agora somos distantes dos
semblantes de nós mesmos.
Se titubearmos seremos
boiadas de frigoríficos.

E onde há que hajam homens,
o homem é inimigo do homem.

3.

Atravessei o portal do ventre
e um anjo me disse:

– Psiu! Psiu!

Aqui está o seu bilhete.
Entre. E ali estão as ferramentas

para construïres o teu fadário.

Sem mais dizer, murmurou-me:
“E aguentes o rojão, amigo!”

E até chegares à estação
das rugas, a chama inquieta de teu
estro atizará o renascimento
das palavras.

Piei...

4.

A corda do arco zuniu.

Naias, epigãs e semideias
entregaram-me o plectro.

Se errei, fui choroso.
Mas cantei os meus cavacos.

O ar escondia
segredos
da minha voz.

A eletricidade do espírito
me queimou o cérebro.

E já não tenho mais
o que sonhar.

5.

Às 18 horas e 33 minutos,
a poesia me pediu consentimento
para noivar-se com o devaneio
“atepetado de estrelas”.

Anuência concedida, espero
que tudo (absolutamente tudo)
voltará a reabrir as pétalas
da “luz mais antiga”.

E eu beberei o cristal da
água fresca, nos
olhos da terra.

Porque negros são os
cinturões da angústia.

6.

Nossas vidas, depois de nós,
serão esparramentos de pó.
“Cemitério de gritos.”

CIX

1.

Viver é
chutar sombras.

A água rema.

Sonhar é pãina.

Sou pedreiro das palavras.

O musgo é a crosta do silêncio.

O hálito das minhas mãos
espalha frases sobre a mesa.

Amanhecer é pingar
passarinhos na janela,

e pescar o vento assoviando
nos seios das areias.

O crepúsculo de ontem era
tônus de ouro depauperado.

Para nascer, a luz me empurrou.

A palavra é o revólver
das emoções.

Anjo erroso da ágora,
me respondas: ali germina a
eternidade naquele pedaço de
parede?

A palavra sou eu
soprando feridas?

E remexer cinzas
é doer o presente?

2.

O perigo é amanhecemos
numa cápsula de vidro.

Deus. Árvores de aloés.
“Chupar mel do penhasco.”

Fel de répteis. Fel de répteis.
“Até a última sílaba do tempo.”

Quem ama partilha
“cuspidelas de pérolas.”

É comigo mesmo desaprumar
as setas do temporal.
E me disparar
pelo arco de zéfiro.

3.

Quantos séculos
tem um minuto?
E a eternidade
tem olhos
para nascer?

4.

“O estandarte da palavra”
é mais poderoso que o fuzil.

A palavra move o mundo:
contemplação do intelecto.

5.

O eu estraga tudo.

O sinistro é adrede.

Rilke era um “soluço obscuro”
no meio das lágrimas.

Abro o olho do dicionário
e fisgo a tristeza dos adjetivos.
A morte dos vergéis começa
num tapete de brasas.

6.

Ai que alegria no coração.

Escutei foguetes.

E vi homens enterrando a
pandemia num caixão de aço.

7.

O amor escapole, eu sei.
Ignição do mundo.

Os operários já estão descarregando
os tijolos, para reconstruirmos
o velho dentro do novo, sem
de novo (nada de novo) na malha
dos dias.

Até ontem não era dizível o indizível.

Agora, será o “grito do futuro possível,
se o quisermos. Uma luz.”

8.

As dores
do existir,
do existir,
do existir...

A metafísica de Deus é
a divina escolta da
nossa luz.

9.

Que massacre de almas, meu Deus,
um galo sozinho na imensidão
daquela cortina de pólvoras,
cantando,
sozinho,
sob a tempestade
dos bombardeios,
em tempos
de Covid.

CX

1.

Irmãos. Irmãos.
Eu sou amigo do mundo.
Filhos da terra, acostumai à
procelosa onda desses horrores,
em níveis de caixões e de prantos.

O labirinto da Covid é um corredor
de crocodilos invisíveis.
A qualquer cochilo, o vírus
ATACA!

Acostumai, irmãos, à essa
montanha coberta de cruzes.

2.

Vidas expandongadas pelo luto.
Choro. Fiz o que pude. Deus não
sou.
O tormento epidêmico ficará
no ar grasnando eternamente.

É a “mordida do morcego, no coração.”

O calvário da Covid construiu cemitérios enormes, na memória dos homens.

“Para trás, satanáás!”

A humanidade espera desesperadamente pelo “socorro de um abraço.”

(Sala Albert Camus, Goiânia, 19 de junho de 2021, sábado à tarde, quando dei por encerrada a exaustiva e última revisão do texto desta pequena odisseia, onde trabalhei, acirrado, durante mais de quinhentos dias, de madrugada adentro, GN.)

A ESPERANÇA DESESPERADA

– epílogo –

ÉRAMOS todos inocentes quando o mundo foi tragicamente capotado pela colisão do pesadelo pandêmico. Esta monstruosa doença de origem incognoscível, mundialmente cognominada pelos cientistas de Covid-19, o vírus assombroso, de letalidade devastadora, e jamais detectado pela medicina, em toda a história da filogênese humana. Um evento, portanto, de holocáustica crueldade.

Mas, afinal, que leitura a poesia faz desta hecatombe viral generalizada? Será a barbárie gripal do fim dos tempos, ou o último ringir de dentes do anjo decaído? Ou, ainda, a catarse apocalíptica, há milênios, conjecturada pela voz das profecias sapienciais?

Trabalhei léguas de horas, afinco, de semanas e de meses, na brotação deste texto, psicologicamente traumático e febril, mas erigido pela efusão da esperança.

O tema, de natureza horrípila, veio de fora para dentro, numa violência de tromba d'água, causando calafrios e sustos no cosmos individual das pessoas. Visto que, ninguém dentre nós, até hoje não possui gnose suficiente para assimilar a extensão deste descalabro epidêmico, que arrasou a humanidade inteira, sob a pressão alarmante do pânico e do medo.

E isso tudo, de pandemia e de mortandades pela Covid-19, me fez enxergar o lugar comum que sou dentro da vida, nem menos nem mais que um pintainho de granja, que só se alimenta para o abate. E inesperadamente surpreendido pelo estrondoso impacto do pandemônio pandêmico, eu me apetrechei de meu instrumental para coser o canto desta Ópera. Manualmente assim, fiel e vagaroso, mas de mãos em manuseio com a papelada cheia de rabiscos, o lápis, recortes de cartolina, a cola, o estilete, a borracha, os livros, a paixão, a loucura e a solidão mecânica de minha máquina de escrever para, num só concerto, chuviscarmos, juntos, grossos pingos de esperança, numa desesperada expectativa de reconstruirmos a alvorada do Novo Mundo, se é que haverá Novo Mundo, após o genocídio epidemiológico.

Não sei se opimo ou medíocre, mas é este o meu testemunho, inspirado pelo choro das almas / nos olhos da saudade. É como se houvesse eu plantado uma semente de sorrisos no seio de cada palavra, para escaparmos da fornalha dos maus sentimentos, resgatando vidas para o retorno triunfal dos homens à lida universal de teus sonhos, há tanto tempo freados pelo demônio da pandemia.

A flecha do mal é incoercível, mas o vinho aquece e a lucidez faz o canto. Pois a dor que chora nos poemas, também sorri na luz que renasce.

ÍNDICE

Prefácio	27
Livro I – O lamento das sirenes	47
Livro II – Pelos avessos da luz.....	123
Livro III – Um outono de trevas, entrem.....	163
Epílogo	639

OBRAS DO AUTOR

POESIA

- *Os gatos*. Goiânia: Cerne, 1966.
- *Reflexões do conflito*. Goiânia: Oriente, 1970.
- *Menino de rua*. Goiânia: Imprensa da UFG, 1970.
- *Viola do povo*. Goiânia: Ed. Oriente, 1972.
- *Colméia de anônimos*. São Paulo: Livraria Martins, 1973.
- *Um balde cheio de flores pra Manuela não chorar*. Goiânia: Oriente, 1974.
- *Os passageiros*. Goiânia: Cultura Goiana, 1975.
- *Menestrel de rua*. Goiânia: Oriente, 1976.
- *Exilados do sol*. Goiânia: Goiás, 1977.
- *A nova poesia em Goiás*. (Antologia dos poetas goianos). Goiânia: Oriente, 1978.
- *Colheita* (A voz dos inéditos). Unigraf: Goiânia, 1979.
- *Pastoral*. Goiânia: Oriente, 1980.
- *Águas da meia ponte*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira/Massao Ohno, 1981.

- *Chão de espera*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1984.
- *Crônica da manhã*. Goiânia: Ed. da Universidade Católica de Goiás, 1985.
- *Madrugada nos muros*. Goiânia: Líder, 1987.
- *Janelas da insônia*. Goiânia: Ed. O Popular, 1988.
- *Trono de areia*. Goiânia: Líder, 1989.
- *A valsa dos ratos*. Goiânia: Luzes, 1992.
- *A ponta do punhal*. Goiânia: Cerne, 1993.
- *Ventania*. Fundação Cultural Pedro Ludovico. Goiânia: Cerne, 1995.
- *Sandálias de pedra*. Incursão poética ao Minimalismo. Goiânia: Kelps, 1996.
- *A lira da lida*. Prêmio Nacional “Cruz e Sousa de Literatura”. Florianópolis-SC, 1996.
- *Goiás, meio século de poesia*. Goiânia: Kelps, 1997.
- *Os aventais da púrpura*. Ativa Ed. Goiânia: 1997. Prêmio da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos.
- *El llanto de la tierra*. Seleção de poemas traduzidos para o castelhano por Dilermando Rocha, do Centro de Estudos Brasileiros de Buenos Aires. Edição de Sérgio Ramón Fuentealba e Cecília Zuñiga Sanhuesa, Concepción,

Chile, 1999.

- *O anjo em chamas*. Goiânia: Gráfica Central / Kelps, 1998.
- *A taça derramada*. Goiânia: Kelps, 1999.
- *A lira dos cinquent'anos*. Goiânia: Kelps, 2000.
- *A torre de babel*. Goiânia: Kelps, 2000.
- *S. O. S para amar o Meia Ponte*. Goiânia: Kelps, 2002.
- *Boa-noite, crepúsculo*. Goiânia: Editora da UFG, 2002.
- *As tintas do teu pranto*. Goiânia: Editora da UCG, 2002.
- *A dança do relâmpago*. Goiânia: Kelps, 2003, prêmio de Publicações Wilson Cavalcanti Nogueira, da Fundação Cultural de Pires do Rio, 2000.
- *Inventário poético (Antologia)*. Goiânia: Alternativa, 2005.
- *Tempestade na proa*, Grafsete, Goiânia, 2005, Prêmio da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, 2003.
- *Cora, a pitonisa da ponte*. Goiânia: Kelps: 2006.
- *Viagem às criptas de Dante*, poema. Goiânia: Kelps, 2008.
- *50 Poemas Escolhidos pelo Autor*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2008.
- *O rouxinol do precipício*. Goiânia: Kelps,

2008.

- *Os pântanos do pranto* (poesia). Coleção Prosa & Verso, da Secretaria Municipal de Cultura: Goiânia/GO, 2009.
- *O príncipe de túnica verde* (poesia). Coleção Prosa & Verso, da Secretaria Municipal de Cultura. Goiânia: Editora da PUC/Goiás, 2011.
- *A biografia da cinza* (poesia). Ed. Kelps, Goiânia, 2013. (Prêmio Nacional de Poesia da Academia Brasileira de Letras, RJ, 2014)
- *Os tambores da aurora* (Antologia Pessoal, nº 7), Ed. Thesaurus, Brasília 2014.
- *O livro das solidões avulsas*. Poesia. Goiânia, Kelps, 2014.
- *O redemoinho da imprensa* (poesia), Ed. Kelps, Goiânia, 2015.
- *Antologia poética* (poesia). São Paulo, Editora Ex Machina, 2017.
- *Nunca lhe direi adeus* (poesia). Editora Kelps, 2018.
- *A galáxia dos dias* (Obra reunida) - em quatro volumes de mais de mil páginas cada um. Editora Kelps, 2019.

OUTROS

- *A escalada poética de Gabriel Nascente*. Seleção de estudos sobre a poesia de Gabriel Nascente, organizada pelo Prof. Manuel de Jesus Oliveira. Goiânia: Oriente, 1972.
- *Um dia antes de mim (novela)*. Goiânia: Ed. da Universidade Católica de Goiás, 1986.
- *Sentinelas do efêmero (entrevistas literárias)*. Rio de Janeiro: Ediouro S. A, 1992.
- *A cova dos leões*. Romance. Goiânia: Kelps, 1998.
- *O copo das ilusões (confissões)*. Goiânia: Kelps, 2004.
- *Um poeta em ação (Biografia e Fortuna Crítica de Gabriel Nascente)*. Edição marginal, 2005.
- *Sombras que passam (crônicas)*. Coleção Prosa & Verso, da Secretaria Municipal de Cultura: Goiânia/GO, 2005.
- *A Poesia de Gabriel Nascente em Portugal*. Ensaio crítico de Joaquim de Montezuma de Carvalho. Goiânia: Kelps, 2008.
- *Os sapatos do infinito, crônicas, c/* prefácio de Antônio Carlos Secchin, da ABL; Goiânia: R & F: 2008.
- *A árvore dos escritos (testemunhos de uma trajetória literária)*. 2ª ed. Editora Kelps, Goiânia, 2014.

- *O discurso da serragem* (Discurso de Posse do Poeta Gabriel Nascente à Cadeira nº 40, da Academia Goiana de Letras). Goiânia: Kelps, 2010.
- *Edição comemorativa dos 45 anos de Os Gatos* — (estreia literária do autor, 1966), em objeto de arte, com a utilização artesanal de madeira e páginas aromatizadas. Edição numerada, de 1 a 200, enriquecida com ilustrações de Amaury Menezes. Goiânia, Contato, 2011.
- *A lucidez de Baco. Crônicas*. Goiânia, Kelps, 2011.
- *Eu e a palavra - meio século* (Ensaios, entrevistas e poesia). Goiânia, Kelps, 2016.

A ESPERANÇA DESESPERADA

E não sem causa, A ÓPERA DOS AUSENTES é o poema da loucura viródica, lençol alagado pelo pranto universal dos martírios, onde eu e a lira exaramos, baixinho, a elegia do luto, para não assustar os vivos nem acordar os mortos, com o bimbvalho triste de suas ausências doendo na memória dos homens. Porque tudo, originado deste Novo Coronavírus, é doer sem fim, catastrófico.

A poesia escreve a história da humanidade. É a mente imortal das palavras que cria, narra e imita “o relincho do cavalo, o berro do tourô, o marulhar do rio, os mugidos do mar”, a cintilância das estrelas e até mesmo o rugido ensoberbecido dos loucos; de geração à geração, exercitando este divino mister da alma humana.

É o ganir da luz atravessando os séculos.

(Manhã de 31 de maio de 2021, Inhumas)

Apoio



Os textos conferem com os originais,
sob responsabilidade dos autores.

SOBRE O LIVRO

Formato: 16 x 22 cm

Miolo: papel Pólen Soft 80 g/m²

Capa: Cartão Supremo 250 g/m²

PUBLICAÇÃO IMPRESSA
NA GRÁFICA DA PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Rua Colônia, Qd. 240C, Lt. 26-29, Chác. C2,
Jardim Novo Mundo | CEP 74.713-200
Goiânia - Goiás - Brasil

grafica.comercial@pucgoias.edu.br

Fones: 62 3946-1893